

REVISTA

DA SEMANA

R\$ 45 — 15-11-58 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil



MAQUINAS VÃO DEVOLVER
PARAISO A ADÃO E EVA
S. S. JOÃO XXIII
O NOVO PAPA
JULIETTA MASSINA
BRILHA NO FESTIVAL

VOOS DIÁRIOS

PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop.

Serviço da mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — N° 45 — Rio, 15-11-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Jill Ireland (Ektachrome Rank Filmes)

REPORTAGENS

Sua Santidade, o Papa João XXIII	4
Giulietta Massina brilha no festival	8
Gata Borralheira em nova versão	15
Máquinas vão devolver paraíso a Adão e Eva	22
80.000 pescadores portugueses	32
Crítica à perícia quer provar inocência de C.M.	45
Teatro de Fantoques: pequeno arsenal de magia	54

CINEMA

A Itália em Sete Filmes	11
-------------------------------	----

SOCIAIS

As Verdades de Mariazinha Maranguape	15
Kaleidoscópio	20

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------------	----

MODAS

Novas Criações da Lingerie Parisienne	36
---	----

CONTO

Infância, primeiro ciclo	40
--------------------------------	----

A COMÉDIA HUMANA

A Propósito de... Mulheres	51
----------------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	59
----------------	----

SEÇÕES

Cartas	10
Palavras Cruzadas	18
Literatura e Arte	38
Puxe Pelo Cérebro	43
A Revista há 50 anos	50
Humor (Mauro Ivan)	58
A Semana também deixou estas lembranças	62

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape n° 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista».
Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447;
Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647;
Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas n° 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

JILL IRELAND — Os leitores da R.S. têm hoje a felicidade de encontrar na capa este "filet-mignon" de garôta que é Jill Ireland, nas horas vagas, atriz de cinema. Seu próximo filme: "Terras bravias", da Rank.



CONTATO

DEPOIS de três dias de expectativa em todo o mundo católico, foi finalmente anunciado, a 28 de outubro, o resultado da votação, feita pelos membros do Sacro Colégio, para a eleição do novo Papa. E, com o nome de João XXIII, passa o cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, Patriarca de Veneza, a substituir o grande Pio XII, falecido a 9 de outubro, na chefia suprema da Igreja Católica.

Somente no décimo primeiro escrutínio chegaram os membros do Sacro Colégio a uma solução ideal, elegendo o idoso Roncalli, de 76 anos. Pertencente à chamada "Escola Pastoral", a eleição de João XXIII constituiu uma vitória sobre o grupo que desejava um Papa que pudesse exercer influências nos destinos políticos do mundo.

Trecho das palavras de S.S. João XXIII, na sua primeira mensagem ao mundo: "Nesta hora de emoção, em que, pela misteriosa vontade da Divina Providência, o fardo muito pesado do Soberano Pontificado nos foi imposto, depois da morte de nosso predecessor Pio XII, de memória imortal, dirigimo-nos, em primeiro lugar, fervorosas orações a Deus, para que, na sua infinita bondade, queira dar forças à nossa fraqueza, iluminar o nosso espírito e reforçar a nossa vontade."

NUNCA, em toda a sua história, a concessão do Prêmio Nobel de Literatura provocou tanta celeuma como a que acaba de ocorrer este ano. A outorga da mais famosa láurea existente no mundo a um escritor russo — Boris Pasternak — por um livro anticomunista — "Dr. Zhivago" — causou repercussão internacional. Envaidecido e comovido, respondeu o romancista à Academia Sueca que aceitaria o prêmio — apesar das terríveis represálias que o aguardavam no seu país, entre elas, a de ser acusado de traidor, expulso do sindicato de escritores e do de tradutores. Posteriormente, entretanto, renunciaria Pasternak à láurea, sendo o montante do prêmio acumulado para o próximo ano. Aceitou, entretanto, a Rússia, a honra que lhe foi feita com a outorga simultânea do Nobel de Física a três cientistas soviéticos, pelo descobrimento e interpretação do "Efeito Cherenkov".

JK é a reencarnação de Pedro I, diz Osório Nunes no "Trapézio" de hoje. E explica porque. JK acabou com os despachos de ministros, para ele os ministros não existem mais. (Os ministros estão de tal modo agarrados aos Ministérios, que nem mais ao Catete vão. Como Pedro I, JK tem um Ministério ostensivo. Mas governa com um Gabinete da Quinta da Boa Vista, isto é, com um grupo de áulicos, distribuídos pelas salas do Catete, que dão ordens e contra-ordens aos Ministros de Estado.

NASCIDO NO NORTE da Itália, era Angelo Giuseppe Roncalli o primogênito de um modesto agricultor. Escolheu ele esse nome, em homenagem ao seu próprio pai, que se chamava João, do mesmo modo que por veneração a São João Batista — protetor de sua cidade natal, em Bergamo. Já houve, anteriormente, um papa cognominado João XXIII, que pontificou durante 5 anos apenas — de 1410 a 1415 — quando foi deposto pelo Concílio de Constança, por ordem de Gregório XII. Foi ele considerado um antipapa (tal situação delicada para a Igreja, referente aos antipapas, iniciou-se em 1378, quando os cardeais elegeram e posteriormente anularam a eleição de Urbano VI, elegendo um outro pontífice. Durante certa época, chegou a haver, simultaneamente, três papas reinantes. Tal situação veio acabar em 1417, com a eleição de Martin V. Quanto ao papa João XXII, reinou ele de 1316 a 1334 há, portanto, seis séculos.

FOI FINALMENTE ELEITO, a 28 de outubro, o novo Papa da Igreja Católica Apostólica Romana: o cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, de 76 anos, Patriarca de Veneza. Roncalli escolheu o nome de João XXIII, e sua coroação, antecipada, teve lugar no dia 4 de novembro.

Sómente depois de três longos dias, em que todo o mundo aguardava, ansiosamente, o resultado da votação secreta do Colégio dos Cardeais, na Capela Sixtina, é que foi, enfim, eleito o novo representante de São Pedro (no décimo primeiro escrutínio). Bem ao contrário, portanto, do ocorrido há dezenove anos passados, quando foi eleito, por unanimidade, o Cardeal Pacelli. O novo líder espiritual do mundo católico, enfim escolhido depois de um acôrdo entre os 51 cardeais participantes do conclave, pertence à chamada "Escola Pastoral". Segundo a rádio do Vaticano, houve uma conciliação entre as duas correntes existentes. Uma delas desejava eleger um papa político, que decidisse nos problemas do mundo, em oposição ao grupo finalmente vencedor.

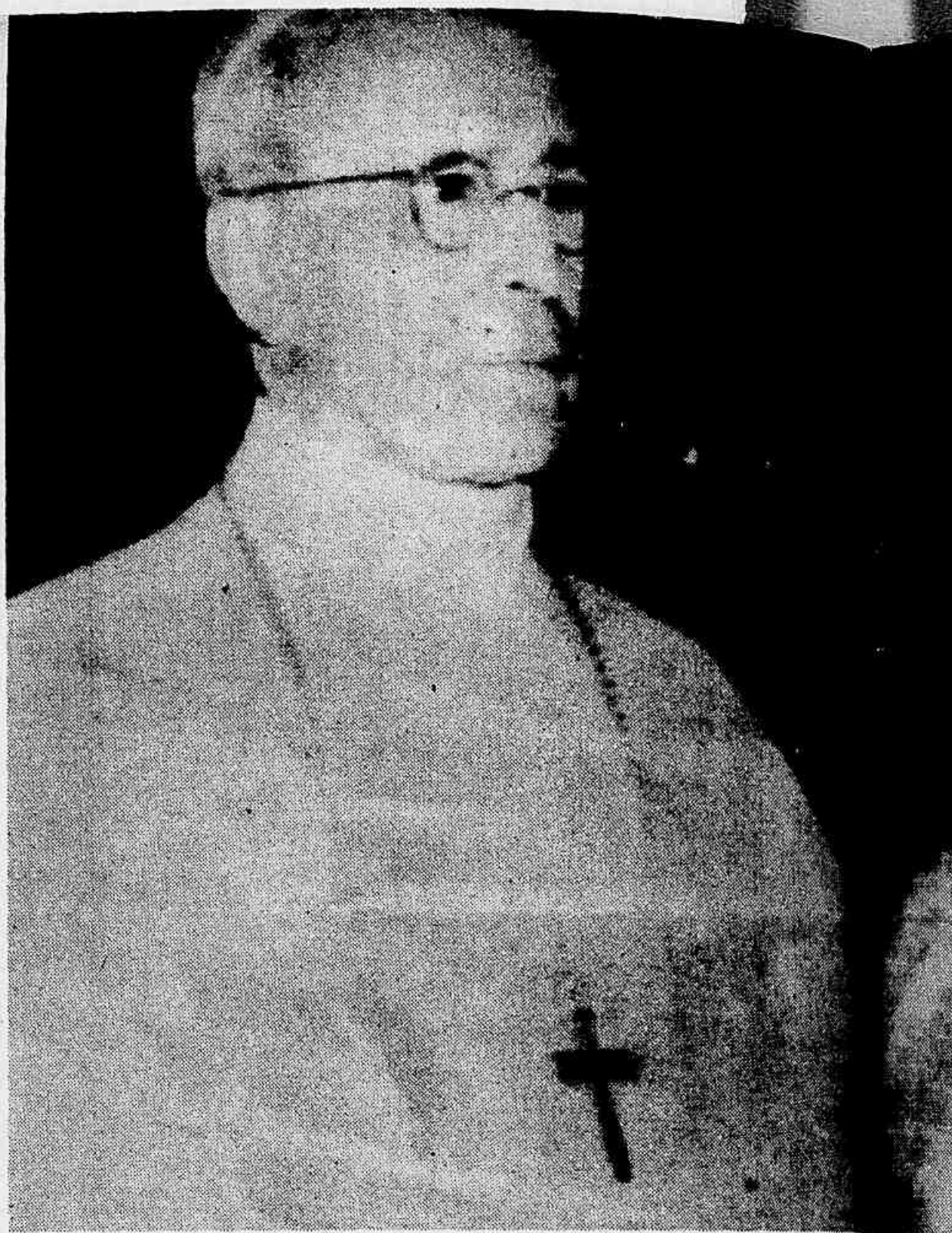
Se a longa ansiedade ocupou os quatro cantos do mundo, nos três dias que antecederam a proclamação de João XXIII, ainda mais esta ansiedade se fazia notar em Roma e, particularmente, na cidade do Vaticano, onde uma espetacular multidão, avaliada em 250.000 pessoas, aguardava a branca espiral de fumaça que se elevaria da chaminé da Capela Sixtina, anunciando que um novo papa — o 262.º — fôra eleito. E depois de um rebate falso (às 17,07, hora de Roma), foi finalmente anunciada a eleição do sucessor do grande Pio XII. E quando o cardeal Roncalli surgiu, finalmente, no balcão da Basílica, para a sua primeira bênção ao mundo, uma calorosa e impressionante aclamação se fêz ouvir.

Seu vulto robusto, recoberto pelas imponentes vestes papais, emocionou a multidão que se acotovelava diante da Basílica de São Pedro. E o silêncio desceu, solene, quando a sua voz, possante e nítida, se dirigiu aos fiéis — a eles levando a sua bênção papal. Terminada a bênção, estrondosa aclamação reboou novamente na praça de São Pedro — expressiva e comovente.

Mas não só pela multidão que se comprimia na praça foi ouvida a voz do novo Papa. A rádio do Vaticano a transmitiu para o mundo — para os seus mais remotos rincões. Também uma cadeia de televisão transmitiu a sua bênção para todo o continente europeu — sendo, assim, a primeira vez na história que tal acontecimento sucedia, por ocasião da eleição de um papa.

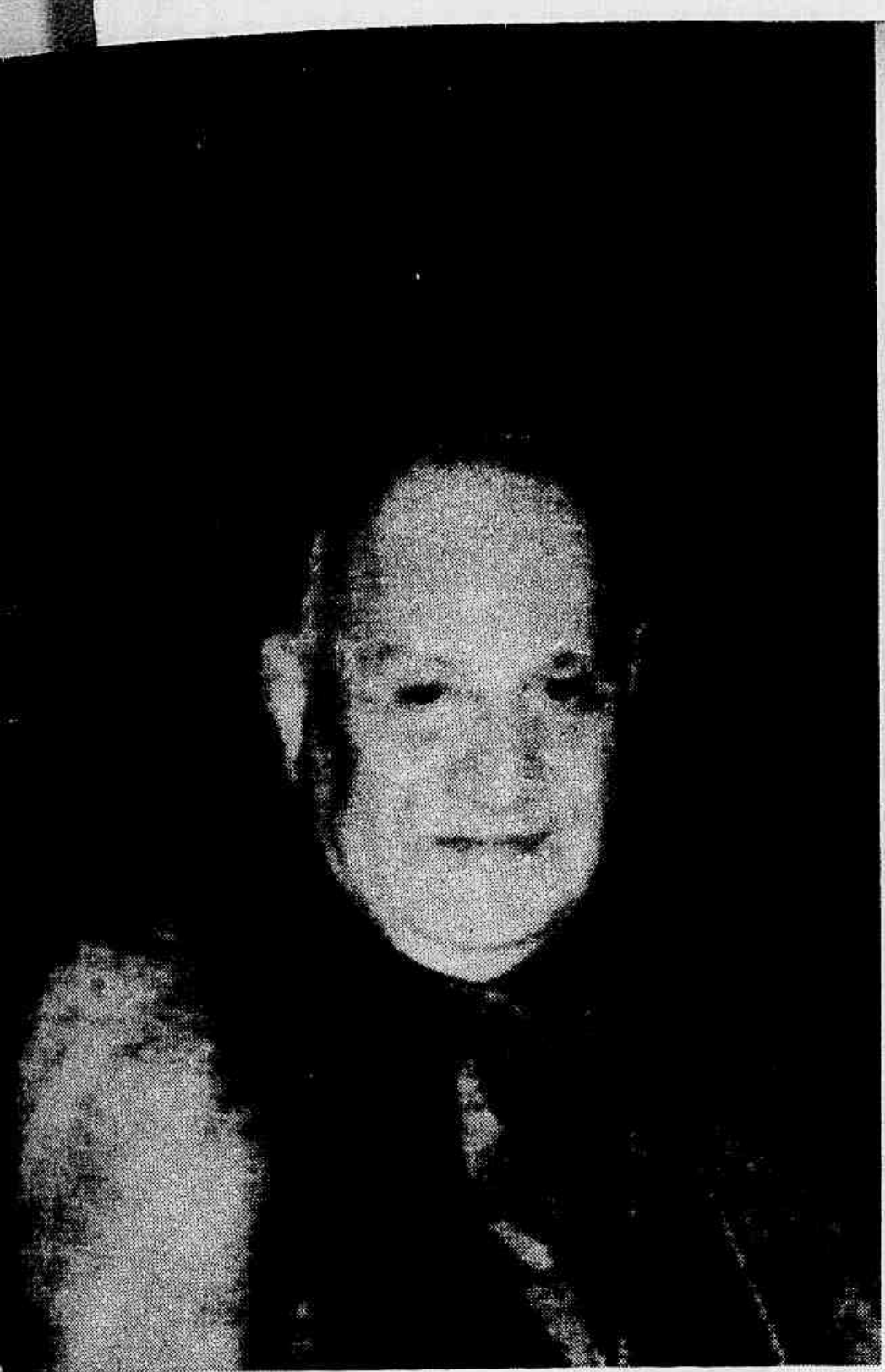
Roncalli era, realmente, um dos mais prováveis candidatos ao papado, se fôsse — como o foi — levado à vitória pelo Sacro Colégio, o chamado "pontificado de transição", de duração precária. Era um homem respeitado e estimado, não só pelo seu grande coração, pela sua dedicação à causa da Igreja, mas também por uma excelente fôlha de serviços, prestados durante os 27 anos em que ocupou a função de diplomata do Vaticano. Qualidades que foram compreendidas por Pio XII, e premiadas com a sua promoção ao cardinalato, em 1953. E, como patriarca de Veneza, designado que foi pelo Papa, pôde, ainda mais completamente, dedicar-se ao trabalho episcopal.

Entre os principais fatos de sua vida eclesiástica, temos a destacar a sua atividade diplomática no Vaticano, e a sua expressiva



Uma das últimas fotografias de Pio XII, falecido a 9 de outubro,





O SUCESSOR DE PIO XII :

S. S., JOÃO XXIII PONTÍFICE PASTORAL

ao lado do Cardeal Roncalli — seu sucessor.

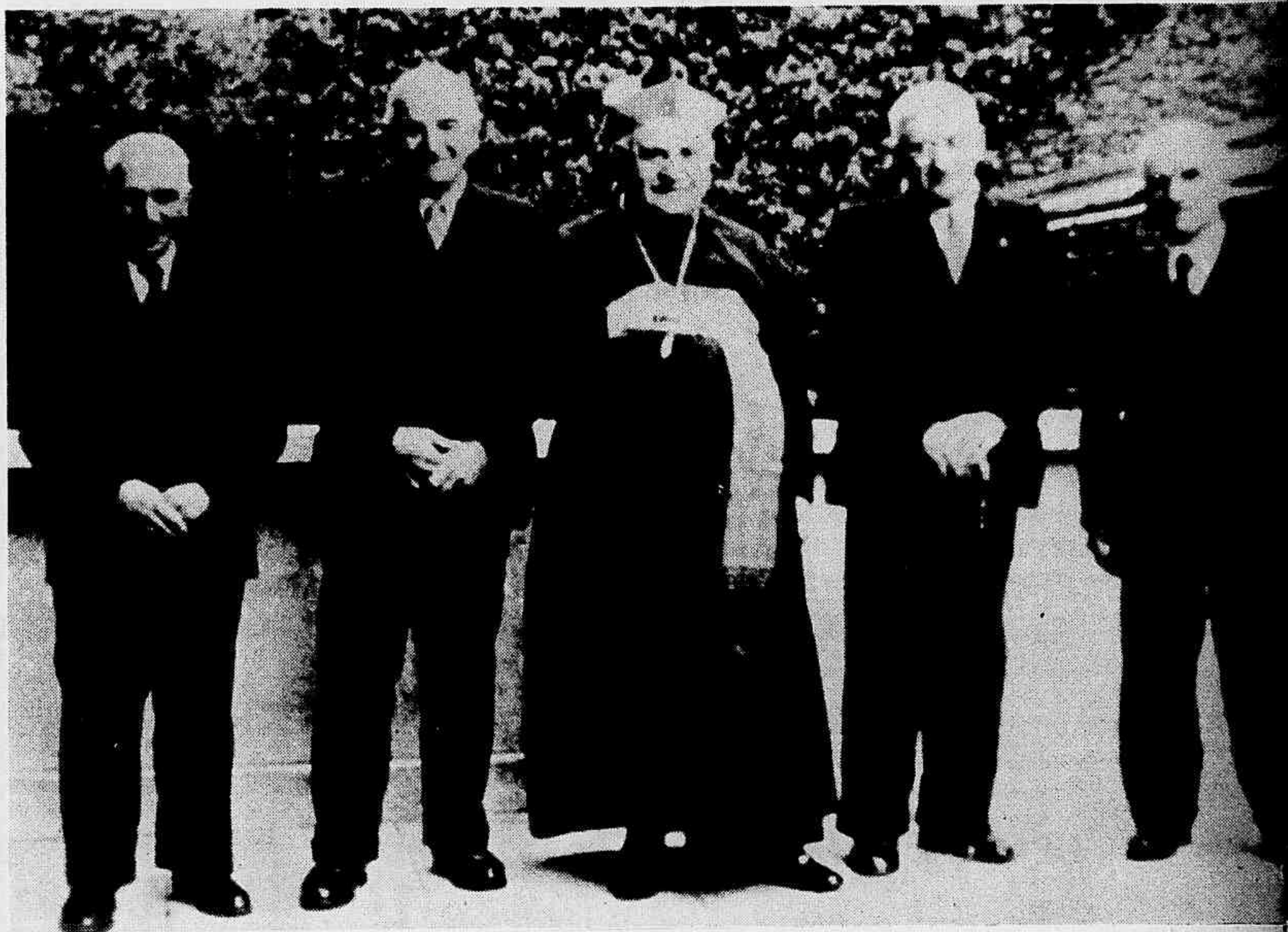
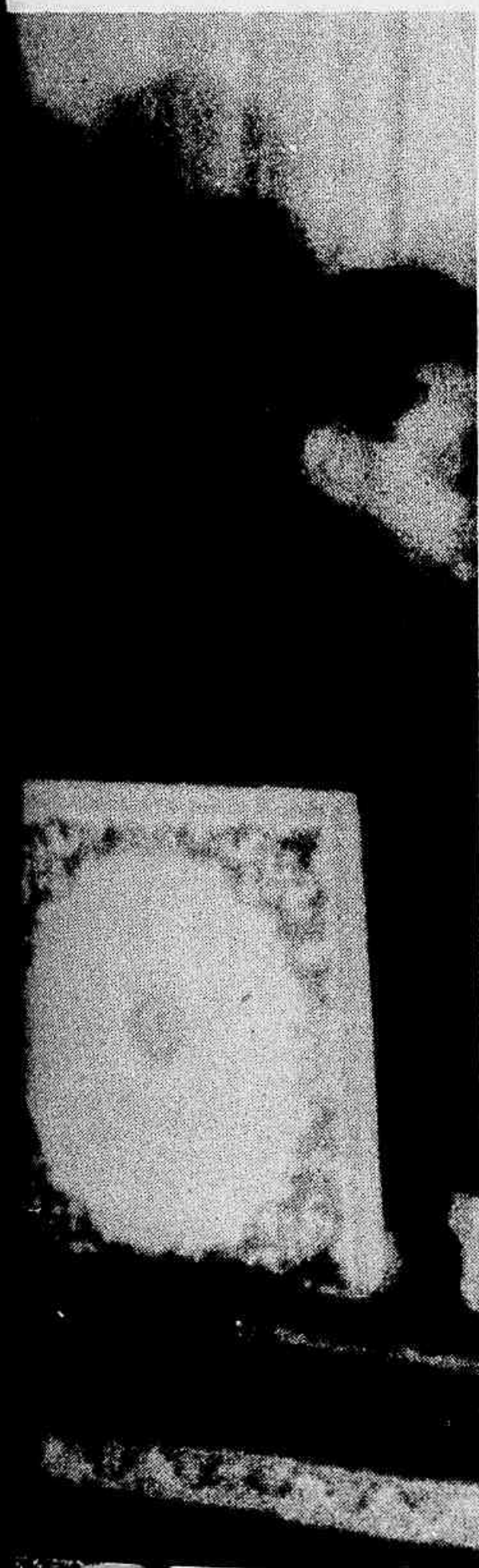
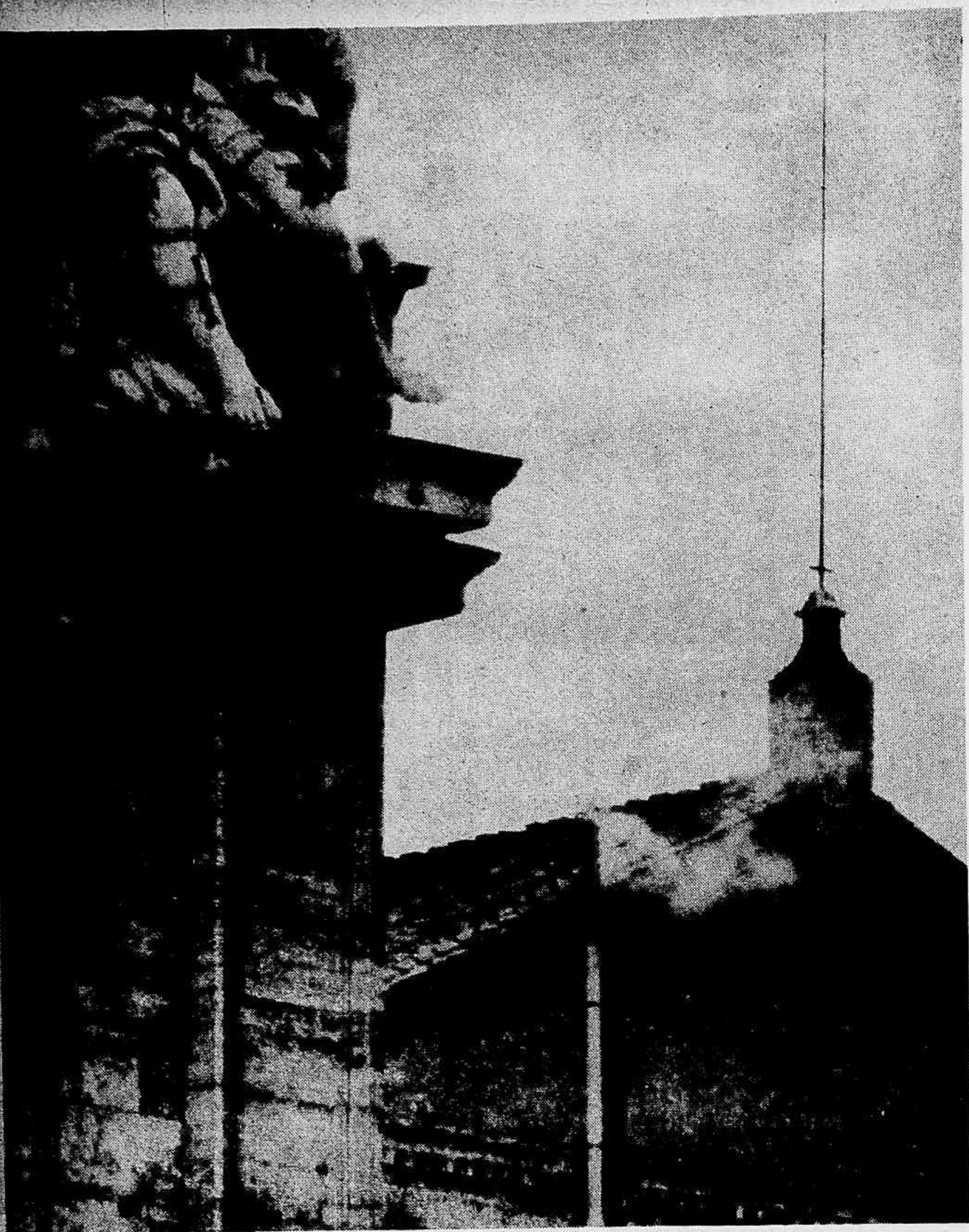


Foto de 1952, tirada em Paris, onde o atual papa João XXIII é visto com seus quatro irmãos. Roncalli era então, núncio apostólico na França.

Da sacada da Basilica de São Pedro, S. S. João XXIII dá a sua bênção apostólica para o mundo, minutos após sua ascensão ao trono papal.



A espiral de fumaça branca, há três dias esperada, eleva-se finalmente da chaminé da Capela Sixtina: João XXIII foi eleito.



Empunhando lenços brancos, dois padres e milhares de fiéis que se comprimiam na

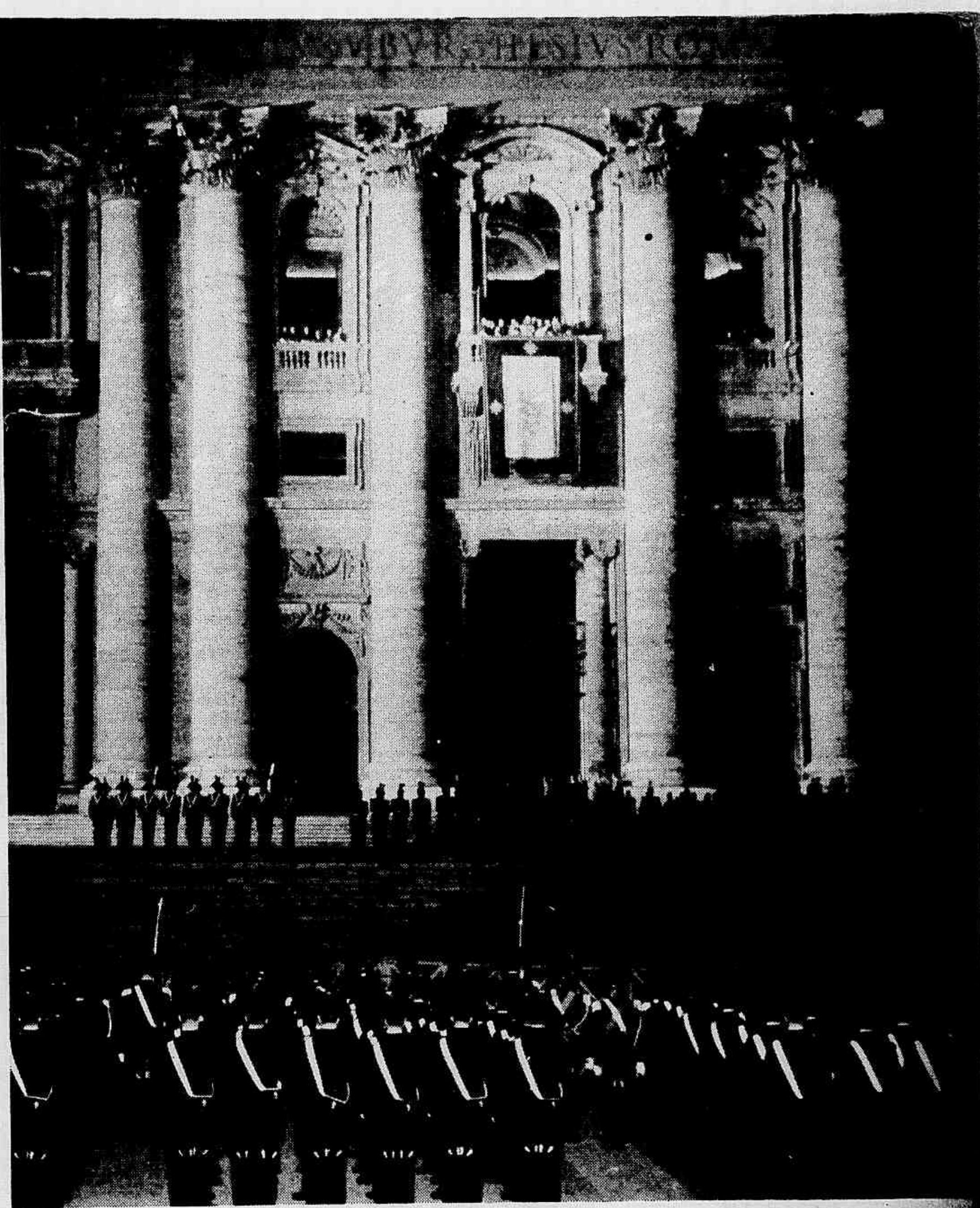
DE MODESTA FAMÍLIA DE AGRICULTORES



Massimo Ascani, da U.P., com sua tele-objetiva localizada num privilegiado ponto da praça de São Pedro, realiza a cobertura da eleição papal.

atuação quando núncio em Paris, no período de após-guerra. Era, esta, uma época delicada, em que os franceses não estavam em muito boas relações com a Igreja tendo em vista as ligações havidas entre o Vaticano e o governo do Marechal Petain. Entretanto, soube Roncaille, com a sua bondade, sua sinceridade e indulgência, conquistar o francês. Seu temperamento amável tornou-se tradicional. E sua boa-vontade alcançou os desejados frutos, indispensáveis para o cumprimento da difícil tarefa. Oito anos depois, Roncalli abandonava Paris, para converter-se em Cardeal. Mas lá deixou, no coração de todos, a lembrança de seu nunciato de bondade.

Outro sugestivo episódio que vem demonstrar as qualidades de Roncalli e a justiça que foi feita, hoje, com sua eleição ao supremo posto da Igreja, foi a sua atitude em 1956, por ocasião da tentativa que fizeram os cristãos-democratas de Veneza, onde exercia o cardinalato, de organizar um governo municipal com os socialistas pró-comunistas de Pietro Nenni. Seu gesto, aí, é bem diverso do que manteve em Paris. A benevolência, que já se tornara proverbial, foi então substituída por uma grande severidade e intransigência, que a muitos surpreendeu, e que ainda mais o dignificou e o elevou na admiração geral: publicou, sobre o assunto, uma carta pastoral violenta e grave, condenando a idéia do ponto de vista religioso. Idéia que continuou a com-



ovacionam o novo papa, entre os milhares praça de São Pedro, no dia 29.

Pelotões de carabinieri italianos apresentam saudação militar das forças armadas, ao novo Papa, minutos depois de sua eleição.

DE BERGAMO AO PÔSTO MÁXIMO DA IGREJA

bater desde então, numa expressiva demonstração da firmeza de suas convicções.

Sua atuação como protetor das artes, é sobejamente conhecida, e a ele muito deve o desenvolvimento cultural e artístico italiano. Também é do domínio de todos a sua erudição, os seus trabalhos no setor da história, a sua cultura, e os seus conhecimentos de línguas, podendo-se citar, além do italiano e latim, o grego, o francês e o turco — em cujos rudimentos teve oportunidade de iniciar-se ao tempo em que servia, como delegado apostólico, em Stambul.

Contando já com avançada idade, é possível que não tenhamos, em João XXIII, um longo reinado como o que nos deu Pio XII — que, elevado ao Pontificado em 1939, permaneceu no cargo durante dezenove anos. Entretanto, tudo faz crer que tenha a Igreja, sob seu comando, uma época de tranqüilidade e de produtivo trabalho. Ninguém ignora o pesado encargo que assume Roncalli, ao substituir o grande Pio XII. Ele próprio, com a sua humildade, chegou a suplicar, aos seus companheiros, que o libertassem daquela dura tarefa, e o permitissem continuar no trabalho que vinha realizando como Patriarca. Mas já Roncalli não poderia deixar de curvar-se à gloriosa honra. E agora estenderá a dedicação que vinha amorosamente mantendo, num plano mais restrito, à igreja veneziana, aos quatro cantos da terra.

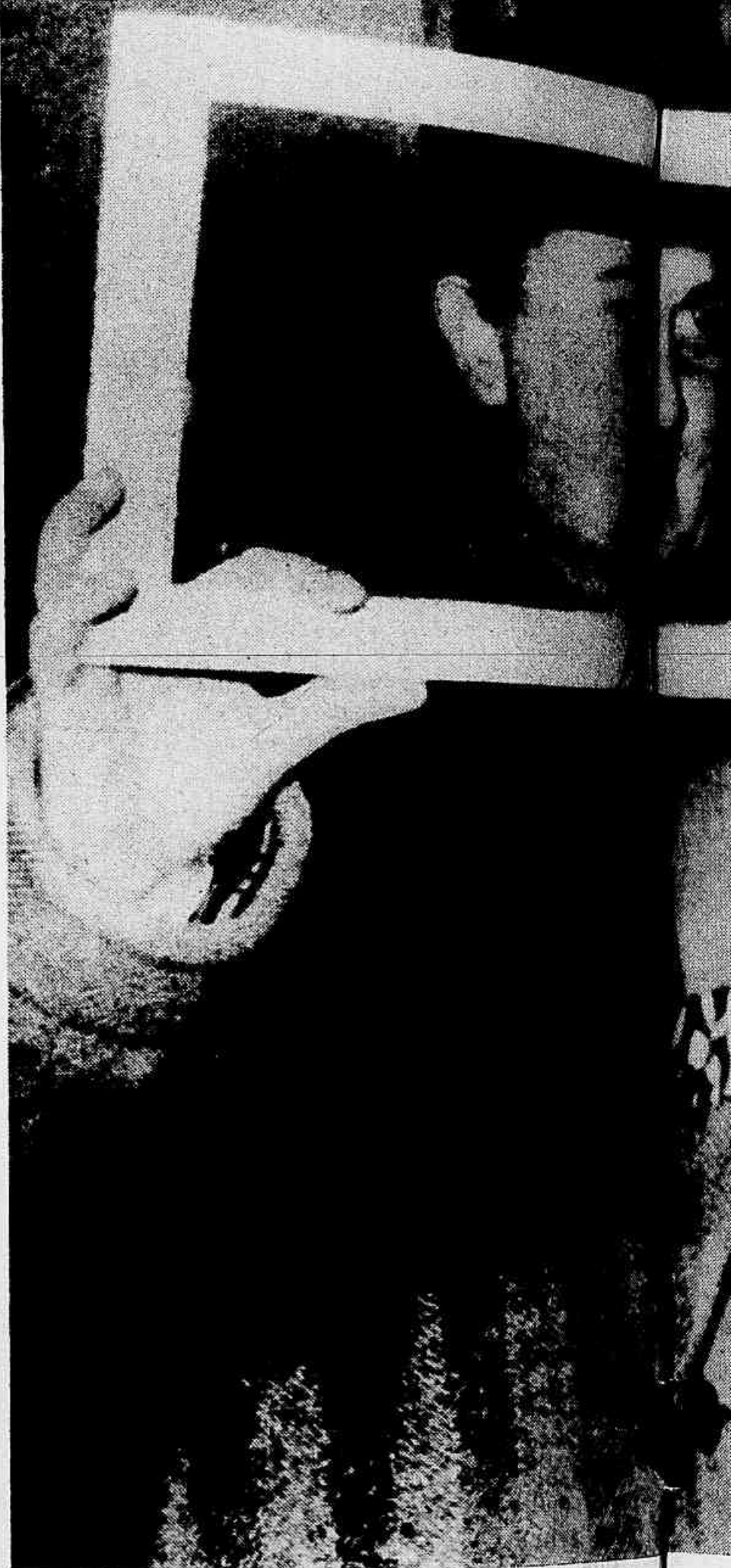


Os vespertinos anunciavam, em edições extras, o grande acontecimento. Nêles, a foto de João XXIII ocupava toda a primeira página.

NO RIO OS FELLINI :



Federico e Giulietta, os heróis de "Na estrada da vida". Trombone para o marido. Trompete para Gelsomina.



Mestre Fellini, realizador de "Na estrada da vida" em cinemascopo?

GELSOMINA APRESENTA-NOS CABIRIA



vida" e "Noites de Cabiria". Pensará

Nesta foto não temos nem Gelsomina nem Cabiria. Pura e simplesmente Giulietta Massina, a atriz.

A SEMANA DO CINEMA ITALIANO, festival de sete filmes que ora se realiza, trouxe ao Rio várias celebridades de Cinecittá. Na comitiva chegada segunda-feira, predominaram os figurões que operam por trás das câmaras — como os diretores Federico Fellini, Alberto Lattuada, Dino Risi, Mario Monicelli e Franco Rosi, autores de obras exibidas no festival. Os que esperavam a visita das beldades de maior cartaz (Loren, Pampanini, Lollobrigida ou Rossi Drago) perderam tempo e gastaram à-toa esperança. As grandes vedetes ficaram em Roma. Mas, em compensação, desembarcou nas pessoas de Lea Massari e Franca Betoja, um material da mais fina qualidade. É o "aspirante" da beleza italiana despontando, pronto para ser em breve titular. E veio ainda a grande Gelsomina de "Na estrada da vida" — Giulietta

Massina. Giulietta é hoje uma das atrizes mais conhecidas no mundo inteiro. Estreou no cinema pela mão de seu marido Federico Fellini, diretor e escritor de argumentos, que levou-a a desempenhar um papel num filme em que colaborava como cenarista — "Sem piedade". Giulietta atuou nesta película como coadjuvante e por seu trabalho recebeu a "Fita de Prata" — que é uma espécie de Oscar italiano. Embora pareça incrível, Giulietta não prosseguiu imediatamente na carreira cinematográfica. Recusou várias propostas, ou por não apreciar os personagens que lhe ofereciam ou por querer se dedicar exclusivamente ao marido e ao lar. Entretanto, quando Fellini pela primeira vez acumulou as funções de diretor e roteirista, em "Mulheres em luzes" reapareceu nas telas. Mas só mais tarde — precisamente



FASTIO AMANHÃ



GULA HOJE

Para que tal não aconteça VENTRE-LIVRE deverá estar presente. VENTRE-LIVRE é o grande amigo da meninada, tendo já se tornado convidado obrigatório nas festinhas infantis dentro de muitos e muitos lares! As mães experientes não se descuidam, com efeito. Elas recorrem sempre a este valioso remédio, de gosto agradável, cuja ação segura previne e corrige as indigestões e a prisão de ventre, aliviando logo os penosos sintomas dos distúrbios gástricos, que tão facilmente podem diminuir o brilho alegre dos olhos das crianças.

Não esquecer nunca:

VENTRE-LIVRE não é purgante.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. PRINCIPHOTEL



CAMPAINHA

DIN-DON

COMPLEMENTO AGRADÁVEL
DE SUA BUZINA!

- * Aumenta o poder de sua buzina
- * Pode ser usado em qualquer situação
- * Adaptável a todos os tipos de veículos
- * ECONOMIZA A BATERIA

NOVIDADES sempre úteis só na
A milionária do Castelo

AV. MEXICO, 88-A — Tel. 22-0000



OS FELLINI NO RIO

em 1954 — com "Na estrada da vida" é que se lançaria como uma das principais atrizes do cinema internacional. Neste filme Giulietta Massina criou um personagem que adquiriu vida própria diante do público — o personagem de Gelsomina. Grandes olhos abertos, ar estupefato, sorriso de criança, vários detalhes Giulietta foi reunindo em Gelsomina até formar-lhe o impressionante conjunto mímico que foi um dos grandes responsáveis pelo êxito desta verdadeira obra-prima que é "La strada". Gelsomina isolou-se de Giulietta e ficou famosa. Mas era Giulietta mesmo que ia colecionando os prêmios que o filme conquistava — o "Leão de Prata" de Veneza, o prêmio da crítica norte-americana e muitos outros que fazem uma nova história sobre a obra. Dezenas de cartas chegavam diariamente às mãos de Giulietta Massina. Chamavam-na "Carlitos de saias". Em Nápoles chegou a ser fundado um "Clube Gelsomina".

Gelsomina agora virou Cabiria — e o filme que Fellini realizou com sua esposa no principal papel — "Noites de Cabiria" — está repetindo o sucesso de "Na estrada da vida" na Europa. Para sua estréia no Rio aqui vieram os dois — sr. e sra. Federico Fellini, um casal que hoje faz grande cinema.



Embora já anteriormente premiada por seu talento ("Sem piedade"), Giulietta só veio a ficar famosa com os filmes do marido.

CINEMA

MUNIZ VIANNA

A ITÁLIA EM SETE FILMES



"Noites de Cabiria": o clímax à beira do abismo. François Perier e Giulietta Masina — o vigarista e a prostituta.

Pela primeira vez no Brasil :

"Semana do Filme Italiano" — Filmes (7), todos inéditos,

e mulheres (várias),

quase todas bonitas — Uma delegação de artistas

e uma obra (quase) prima

"Noites de Cabiria".



Maria Schell, heroína dostoienskiana, em "Um Rosto na Noite".
Domínio amplo sobre Marais e Mastroianni (foto).

CINEMA

Noites de Cabiria

Um rosto na noite

No limiar da realidade



Sylva Koscina (o galã tem sorte, mas não interessa) é a beleza-revelação de Guendalina.

A EXEMPLO DO QUE VEM fazendo há alguns anos em muitos países, a Unitalia Film, cuja função é divulgar no mundo inteiro o cinema italiano, promoveu pela primeira vez no Brasil uma "Semana do Filme Italiano". Ou melhor, duas semanas — uma no Rio, de 3 a 9 do corrente, outra em São Paulo, de 6 a 12. Tanto aqui, como lá, a manifestação será inaugurada por **Noites de Cabiria**, o novo grande filme de Federico Fellini, com sua mulher Giulietta Masina.

Na delegação que vem abrilhantar as "Semanas", figuram a estrêla e o diretor de **Noites de Cabiria**. Além de Fellini e da Masina, outra atriz, a jovem Les Massari, que chegou ao estrelato com **No Limiar da Realidade**, e os diretores Alberto Lattuada e Mario Monicelli. A última hora, anunciou a Unitalia a vinda, também, de Silvana Pampanini, Eleonora Rossi Drago e a novata Franca Betoia, que estão entre as mais bonitas estrêlas do atual cinema italiano. É pensamento dos organizadores da "Semana" — que, no Rio, será efetuada no cinema Art-Palácio — colocar esses artistas em contato com o público. Ao contrário, assim, do que costuma fazer a Motion Picture Association — porque, pelo que se tem notado, artista americano é só para "Café Society" e os cafajestes que se instalaram nessa "maçonaria".

A SELEÇÃO

São sete filmes, um por dia. Embora não figure na lista nenhum de bons diretores como Vittorio De Sica e Alessandro Blasetti, nem de mediocres, mas famosos, como Roberto Rossellini e Giuseppe de Santis, embora não tenhamos a presença na tela de Sophia Loren, Gina Lollobrigida e Anna Magnani, as três, por sinal, menos do cinema italiano, hoje, do que do cinema internacional, embora tudo isso a seleção pode ser tida como boa. Não só porque a encabeça uma obra (quase prima) como **Noites de Cabiria**, mas também em virtude de estarem representados alguns dos principais diretores e artistas do cinema italiano atual. Além de Fellini, entre os diretores: Alberto Lattuada, Renato Castellani, Luchino Visconti, Mario Monicelli e o jovem e promissor Franco Rosi. Além de Masina, entre as atrizes, Maria Schell (a grande comedianta vienense), a muito bela Sylva Koscina, Lea Massari, Cosetta Greco, Rossana Schiaffino. Entre os artistas: Amedeo Nazzari, Marcello Mastroianni, Totò, Vittorio Gassman, Raf Vallone e dois franceses, François Perier e Jean Marais.

Os sete filmes:

Noites de Cabiria (Notti di Cabiria), de Federico Fellini, com Giulietta Masina, François Perier, Amedeo Nazzari, Franca Marzi.

Um Rosto na Noite (Notti Bianche), de Luchino Visconti, com Maria Schell, Marcello Mastroianni, Jean Marais, Clara Calamai.

Guendalina, de Alberto Lattuada, com Jacqueline Sassard, Raf Vallone, Sylva Koscina, Raf Mattioli.

No Limiar da Realidade (I Sogni nel Cassetto), de Renato Castellani, com Lea Massari, Enrico Pagano, Cosetta Greco.

Os Habituais Desconhecidos (I Soliti Ignoti), de Mario Monicelli, com Totò, Vittorio Gassman, Marcello Mastroianni, Rossana Rory, Memmo Carotenuto.

A Provocação (La Sfida), de Franco Rosi, com Rossana Schiaffino e o espanhol José Greco.

Veneza, a Lua e Você (Venezia, la Luna e Tu), de Dino Risi.

CABIRIA COM O FAVORITISMO

Cabiria é um nome histórico para o cinema italiano. Foi o título do primeiro filme — escrito por Gabrielle d'Annunzio — que conquistou para a Itália, há mais de 40 anos, a atenção universal. Agora, Cabiria é o nome de uma pequena e ingênua prostituta, cujas "noites", vividas por Giulietta Masina a partir do "trottoir" nas imediações das Termas de Caracalla, em Roma, dão a Fellini todos os elementos requeridos pela alma poética do cineasta de **Na Estrada da Vida** (La Strada) e **Os Boas Vidas** (I Vitelloni).

Cabiria, num dos primeiros episódios do filme, é atirada no Tibre por um homem a quem vendia romance e que, depois de satisfeito, queria também a sua bolsa. No último episódio, a heroína também perde a bolsa, desta feita com todas as suas economias de vários anos, e quase é jogada também de cima de um monte pelo vigarista (François Perier) que se tornara seu noivo a fim de furtá-la e no qual a mulher via as esperanças de mudar de vida, de ser uma boa mãe de família italiana, com um marido, muito "spaghetti" e meia dúzia de filhos. Nos episódios intermediários, em vários tons — predominando o trágico — o diretor acompanha as aventuras de Cabiria-Giulietta, emoldurando-as com uma descrição sensível e admirável do meio em que a heroína vive, ou melhor, se agita.

Num deles, Cabiria é levada para o apartamento de um de seus ídolos da tela — um ator famoso personificado por outro: Amedeo Nazzari. Mas não acontece nada. A ela, pelo menos — porque a amante de Amedeo, a loura Dorian Gray, surge para fazer as pazes e a franzina prostituta tem de correr para o banheiro, trancar-se lá dentro e esperar que a "rival" pegue no sono para poder sair. Em outra sequência, ela acompanha uma procissão, e mais adiante vai, sempre meio atônita, assistir às façanhas de um prestidigitador, e acaba no palco, hipnotizada pelo "artista".

No fim, depois do incidente em cima do monte, Cabiria está arrasada. Tem de voltar para a casinha de que saíra acredi-

tando que para sempre. Tem de retomar o seu posto no passeio, entre as colegas malcriadas ou gordas. Tem de regressar à humilde condição de meretriz barata, cuja humilhação, na sua ingenuidade, ela nem parece capaz de experimentar. Tem de fazer isso — ou é o suicídio.

Para Fellini, entretanto, ainda existe uma esperança, por maior que seja o drama. A esperança quase desesperada da última cena de **La Strada** — quando Zampanò parece passar de animal a ser humano com a recordação de Gelsomina, na praia, sozinho. A esperança de Cabiria que renasce em outra estrada, onde ela caminha triste a princípio, mas a seguir já alegre, entre a mocidade que vai passando, e, como os rapazes e as moças que a cercam, ela segue talvez sorrindo, talvez cantando.

Um grande filme, **Noites de Cabiria**. Na "Semana do Filme Italiano", pode haver outros filmes bons. Nenhum, porém, será igual ao de Fellini.

OUTROS

Um Rosto na Noite, que deriva de uma novela de Dostoiévsky ("Noites Brancas"), é um ambicioso ensaio de Luchino Visconti, diretor que ainda não conseguiu fazer no cinema nada que se compare ao que, segundo se diz, ele costuma fazer no teatro italiano. A história não é fácil de transportar à tela, como todas as do autor de **Os Irmãos Karamazov**. É, todavia, menos difícil do que as verdadeiras obras-primas do escritor russo. A adaptação deve ser livre. E o maior trunfo, naturalmente, é a presença de Maria Schell, outra vez heroína dostoiévskiana. Marcello Mastroianni, mais natural do que Jean Marais, está no elenco ao lado do ator francês. Não são exatamente os homens que Maria merecia.

Guendalina, sem estrelismos, é uma das fitas mais populares de Lattuada, o competente diretor de **O Bandido**, **O Crime de Giovanni Episcopo** e **O Mocho do Pó**. A beleza de Sylva Koscina, que ficará tão célebre quanto a de Lollobrigida, enfeita tudo, embora a heroína seja outra: Jacqueline Sassard. Lattuada gosta deste seu filme. Mas como gosta também de **O Capote**...

Renato Castellani, com o interessante **É Primavera** e um muito discutível **Romeu e Julieta**, é um realizador que merece certa atenção. No **Limiar da Realidade**, na opinião de vários críticos, talvez seja o ponto mais alto de sua irregular carreira. E bom começo, por outro lado, é o de Franco Rosi, ex-assistente de Visconti, protegido de Fellini, que recebeu com **A Provocação** um dos prêmios especiais do júri do Festival de Veneza. Esperamos, ainda, que **Os Habituais Desconhecidos** seja uma continuação (não um retrocesso) de Mario Monicelli no caminho que este diretor retomou com **Pais e Filhos**, depois da estagnação em que se encontrava desde **Guardas e Ladrões**. Quanto a **Veneza, a Lua e Você**, do medíocre Dino Risi, parece ter sido escalado para o posto de pior filme da "Semana" — mesmo porque toda seleção tem de ter um pior, e o pior pode ser qualquer um.

Enrico Pagano e Lea Massari: "No Limiar da Realidade", de Renato Castellani.





SOCIEDADE

AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



NO MEU TEMPO de menina, quando meus irmãos e meus primos apelavam para os cascudos a fim de castigar as travessuras que tanto fiz, sempre ouvi dos mais velhos a mesma frase de advertência: "Rapazes, em mulher não se bate nem com uma flor". O tempo passa, voa, e com ele os costumes se modificam velozmente, radicalmente. Hoje, bate-se, e de verdade, no sexo fraco. Os jornais especializados em assuntos policiais estão cheios de amostras dessa política beligerante, com exemplos infelizmente colhidos em tôdas as camadas sociais. Ainda há quinze dias atrás, na Cinelândia, encontrei uma cara muito conhecida ilustrando a primeira página de um desses jornais, por força de atos de valentia contra dama muito conhecida. E lá estava o herói, busto nu, em três colunas, exibindo a pujante musculatura, numa demonstração de que hoje em dia também não se bate em mulher com uma flor: bate-se aos murros, sem dó nem piedade.

FUI VER o Circo de Pequim, no Maracanzinho. Tudo muito bonitinho, muito perfeito, mas a gente sai do estádio convencida que o azar da tribo dos Olimecha foi não haver conhecido o Dante Viggiani há alguns anos atrás...

O QUEBRA-QUEBRA nos bancos paulistas está uma coisa louca. O mais curioso é que todos os responsáveis pela quebra-deira saem ilesos desses desastres financeiros, continuando a circular, muito bem de vida e muito senhores dos seus cifrões, enquanto os pobres depositantes vertem lágrimas de crocodilo. Marquem os nomes daqueles que explodiram e verifiquem só se eu tenho ou não tenho razão.

SE INVEJA MATASSE o Itamarati teria fechado há muito tempo. Esta verdade foi comprovada por todos aqueles que compareceram ao jantar em homenagem a Wladimir Murtinho, Sérgio Bernardes e João Maria dos Santos, trio que brilhou no Pavilhão Brasileiro de Bruxelas. Os diplomatas passaram ao largo na homenagem ao colega Murtinho.

ENQUANTO OS COLEGAS Ibrahim e Maneco gastavam o seu latim apavorando os participantes de correntes, circulavam pela cidade várias listas encabeçadas pelo nome de um felizardo Kruei, herdeiro do Chefe de Polícia. Com generais, deputados, banqueiros, capitães da indústria e este Kruei no vaivém da corrente, acabou-se o perigo. Comprem hoje mesmo o seu passaporte para o sweepstake de bolso.

CARLOS RIBEIRO COMPROU toda uma edição do "Porque Me Ufano do Brasil", do Conde Afonso Celso, a fim de distribuir entre professores e estudantes de nossas

escolas primárias e secundárias. A bíblia do ufanismo encalhou feio e até semana passada só dez volumes haviam sido procurados na rua São José. Seu Carlos: encomende um prefácio ao JK, edite o "Porque Me Ufano" com esta introdução do otimista n. 1 da república e lance a edição, a preço bem salgado. Você venderá tudo, meu caro. Só o cordão dos puxacos garante uma reedição.

PRÊMIO DE ASSIDUIDADE, legítimo, a jóia recebida pela sra. Nora Ceglia, no sorteio realizado durante a noite Matarazzo-Boussac. É que ela já no sábado anterior havia aplaudido Johnnie Ray no Fred's e suportado com galhardia suas caretas, fricotes e choramingos.

OS LEILÕES do Jockey Club estiveram este ano muito bem freqüentados, com uma platéia feminina de fazer inveja à pelouse dominical. A nota de sensação foi o sr. Francisco Eduardo de Paula Machado de flor azul na lapela.

AINDA A RESPEITO de leilões, notou-se o bom comportamento do Major McCrimmon, que não saiu do sério uma só vez, ele, que em anos anteriores, tanto animara a licitação com lances espetaculares. Este ano o Major mostrou-se excepcionalmente moderado...

NOS CONTATOS MANTIDOS com imprensa e parlamentares, a fim de defender o seu Plano de Estabilização Econômica — um volume mais grosso do que o Livro Vermelho dos Telefones e mais chato do que "Os Sertões" — o ministro Lucas Lopes fez muita gente boa ressonar. Um informante de Mariazinha contou que o ministro fala sussurrantemente, em tom monócórdio, e que suas declarações, gravadas em disco, fariam grande sucesso como remédio contra a insônia. No mais, o mineiro Lucas é uma simpatia.

O CAIÇARAS, acolitado por alguns cronistas sociais, iniciou uma campanha publicitária para desbancar o Country de sua posição privilegiada. Mariazinha puxou o assunto com um membro da diretoria do clube de Ipanema e ouviu a seguinte resposta: "Fuchicos, minha filha. O Caiçaras, no máximo, será uma espécie de Drink da sociedade carioca. Muita animação, muito sucesso, mas sempre na esteira do vizinho famoso..."

O MUNDO DAS ARTES está de parabéns com a eleição de João XXIII, que apesar dos seus 76 anos e de sua posição conservadora no Sacro Colégio, será um Papa com muita receptividade para a arte moderna. João XXIII sempre foi um dos grandes animadores da Bienal de Veneza.

A história da Baronesa de Taquara.



Baronesa de Taquara, aos 96 anos de idade. Na mocidade, sua incomparável beleza conquistou um Barão.

GATA BORRALHEIRA EM NOVA VERSÃO

— "Leopoldina Pinto da Fonseca Telles é o nome desta velha que vocês estão vendo. Completei 96 anos de idade no dia 1.º deste mês, e apesar disso, como de tudo, não tenho os pés inchados, não preciso de óculos para ler e gosto muito de ir ao cinema."

Aquêles que já tiveram a felicidade de visitar a majestosa fazenda da Taquara, hoje patrimônio histórico do Rio de Janeiro, por certo reconhecerão neste nome, a Baronesa de Taquara.

LYGIA SOARES

RECUANDO NO TEMPO

A Fazenda da Taquara, é um belo recanto, onde tudo nos recorda o tempo do Brasil Império. Os móveis e os quadros artísticos retratam pessoas da família e fatos históricos de uma época, colecionados no período de trezentos anos, desde que os Fonseca Telles ali se radicaram. O salão de recepções nos transporta, como num sonho, ao passado. Suas suntuosas cortinas cor de mel, os finos vasos de porcelana, as pratarias, o mobiliário de estilo nobre e antiquíssimo, os espelhos de cristal, nos fazem recuar no tempo. Tudo isto faz com que, insensivelmente, nos inclinemos respeitosamente diante da fidalguia dos que por ali passaram. Dá-nos a impressão de que, sentado na principal poltrona, vemos o Imperador cercado de nobres de então.

Parece que o tempo não passou. As palmeiras, que rodeiam a casa grande, são as mesmas plantadas pelo Barão, onde, diante de sua sombra amiga tantas cenas familiares se desenrolaram.

As pedras do Paço são ainda as mesmas onde pés escravos pisaram, conduzindo liteiras de seus senhores e onde caminharam as mais significativas personagens históricas.

Numa outra sala, algo nos despertou a curiosidade. Era uma enorme talha de barro, ostentando o brasão imperial.

Ali era conduzida a água para o Imperador, quando se hospedava no solar do Barão de Taquara.

Ao lado da casa, há uma capela, mandada erguer pela família Telles, onde três gerações se casaram, batizaram seus filhos e rezaram pelos seus desaparecidos. Nessa mesma capela foi celebrado o casamento da Baronesa com o Barão.

A Cruz é a mesma diante da qual escravos rezaram ajoelhado. Em redor tudo é tranqüilidade. A porta da mansão, o brasão da nobreza dos Telles. Os empregados atuais são descendentes dos antigos escravos, que depois de libertados pelo Barão Francisco Pinto da Fonseca Telles, lá permaneceram fiéis e leais aos seus senhores.

MENINA POBRE E HUMILDE

— “Eu não era rica. Fui uma menina pobre, filha de modesto vendedor de gado e morava em Santa Cruz” — disse-nos a Baronesa.

E continuou:

— “Eu tinha um tio que era encarregado da Fazenda Piranema, de propriedade do “seu” Barão. Frequentemente eu ia visitar esse meu tio de nome João de Andrade, quando, numa dessas visitas, tive a grande felicidade de vir a conhecer aquele que, mais tarde, seria meu espôso. Não sei porque, o “seu” Barão gostou de mim e cismou de casar comigo. Fiquei muito feliz e emocionada, porque também já gostava muito dele.”

“SEU” BARÃO

Ao falar no Barão, D. Leopoldina deixa ver a ternura e saudade que sua lembrança lhe inspira.

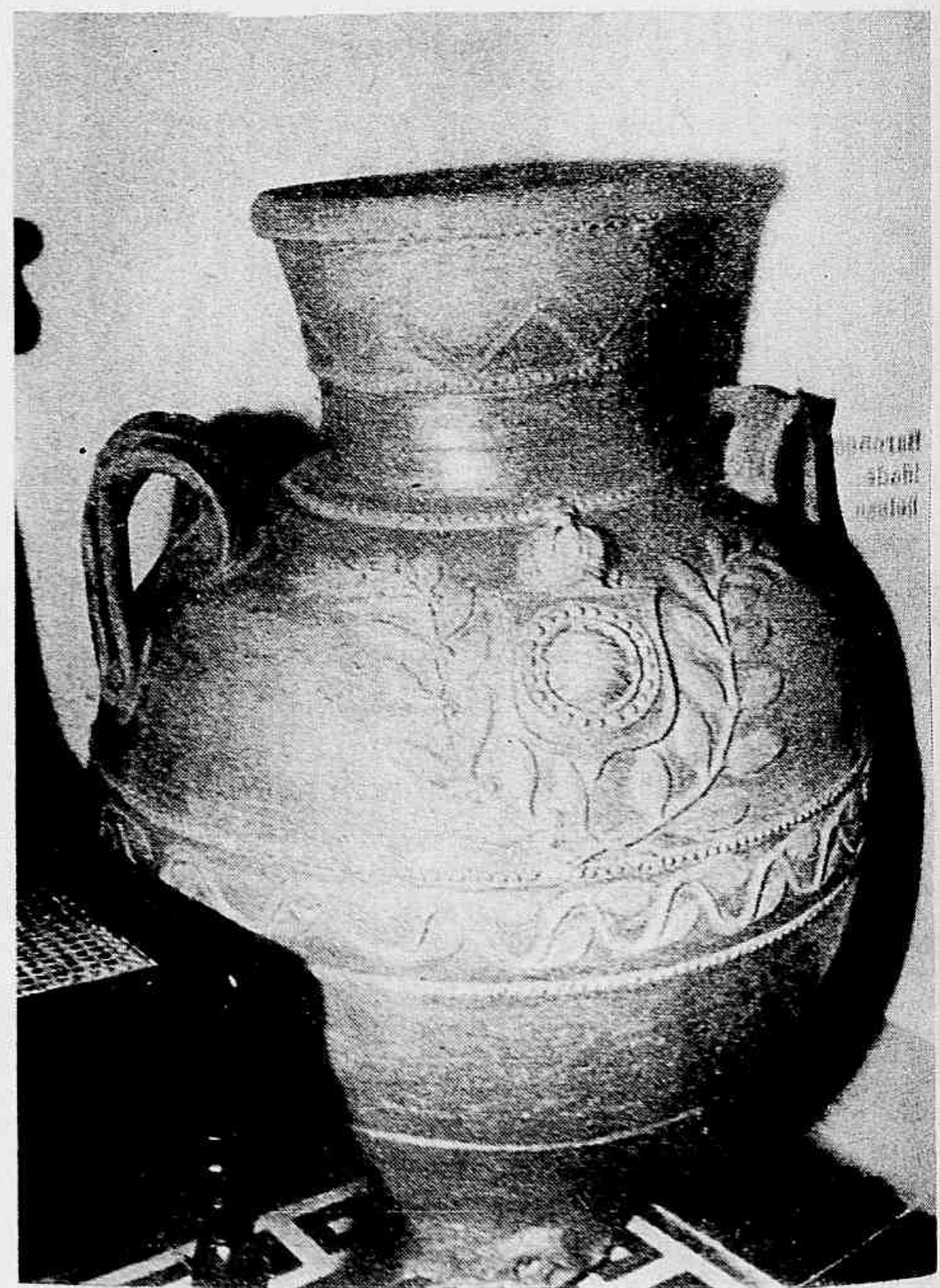
— “Seu Barão era um homem muito bondoso. Jamais castigou ou permitiu que se castigassem nossos escravos. Quando um deles fazia alguma coisa errada, fugia ou batia em outro, e o “seu” Barão tinha o dever de castigá-lo para manter o respeito e disciplina perante os demais, ele me procurava, visivelmente contrariado e me pedia: “Yayá, já dei ordem para que todos os escravos se reúnam no Paço. Vou exemplar um deles. Quando eu estiver falando, e fôr iniciar o castigo “vosmecê” chegue até lá, e peça para perdô-lo. Eu vou negar com energia e “vosmecê” torne a pedir. Fica, então, diante dos escravos patente que eu não castiguei severamente em atenção à “vosmecê”.

LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

— “Quando recebemos, por um mensageiro, a notícia de que a Princesa Isabel daria, no dia treze de maio, a liberdade aos escravos, “seu” Barão, pelo mesmo portador, mandou dizer que, antes disso, ordenaria o fim da escravidão em todas as suas propriedades. E o fez dez dias antes do “Treze de Maio”, justamente o dia em que comemorávamos o oitavo aniversário de nosso casamento, em que se celebrava o dia da Santa Cruz, que foi dedicado a nossa Igreja.”



Francisco Pinto da Fonseca Telles. Apaixonou-se e casou com uma moça pobre e fez dela uma Baronesa.



Atalha de barro que guardava a água de Pedro II, quando se hospedava na mansão em Jacarepaguá.



Fotografia antiga da Baronesa de Taquara, com os trajes típicos da época.



O brasão de família, que adorna a entrada principal da Fazenda da Taquara, há 300 anos.

Sua vida
como
se transformou, num conto
de fadas.

— “Mas, apesar da liberdade, nossos escravos permaneceram em nossa companhia, continuando a servir-nos com a mesma dedicação. Nossos atuais empregados, são descendentes dos antigos escravos, que aqui viveram, constituíram suas famílias e aqui morreram.”

SEUS FAMILIARES E SEUS GOSTOS PESSOAIS

Numerosa é a família da sra. Baronesa, ela, porém, vive mais intimamente com sua filha única, Ana Telles Rudge, viúva, com sua nora, a quem chama de filha, também viúva, e com seus netos.

— “Em agosto — prossegue D. Leopoldina em sua agradável palestra — do ano de 1918, sofri o golpe irreparável de perder “meu velho”, e há três anos perdi meu filho, o médico Francisco Pinto da Fonseca Telles.”

— “Adoro as rosas e todos os perfumes e, minha cor preferida é o azul.”

Finalizando- disse-nos:

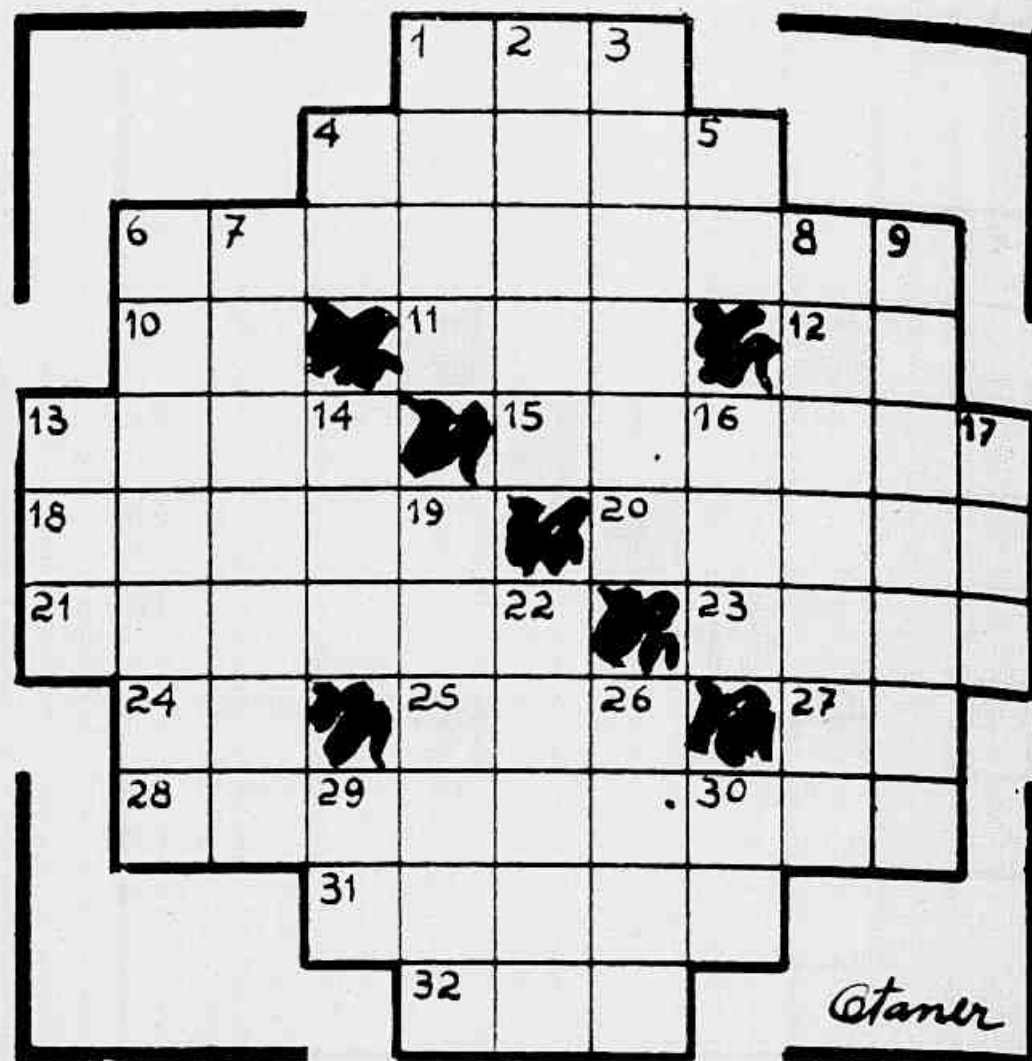
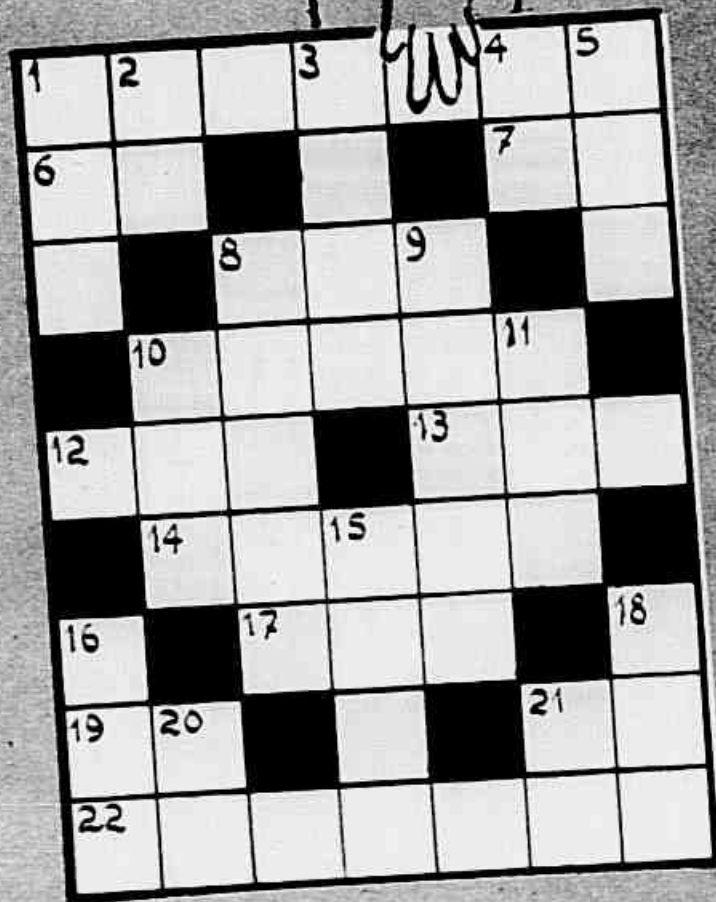
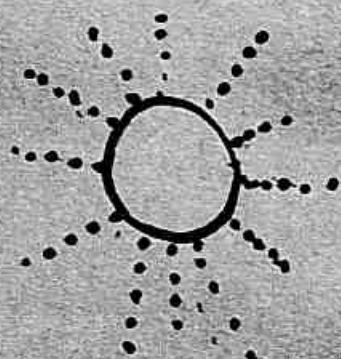
— “Viajei para Portugal, Argentina e França, em companhia do “seu” Barão. Não me fica bem contar. Se você não fôsse jornalista eu lhe diria que em Paris fiz um enorme sucesso... E Paris me fascinou. Porém só depois de conhecer quase toda a Europa é que fiquei mais brasileira. Só se ama essa terra depois de conhecermos outras. Aí vemos quanto é belo e grandioso este país. Não há país algum que possua tanta beleza e tanta grandiosidade.”

A Baronesa de Taquara, apesar de seus noventa e seis anos mostra os traços da beleza que possuía. Quando moça, seus retratos nos mostram uma jovem de graça e beleza incomparáveis. Nasceu para ser nobre. Nobre em sua beleza física, nobre em sua bondade e nobre, sobretudo, em cultura.



Dona Leopoldina, a Baronesa, ladeada pela filha e nora.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 58 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Nutriz — 4. Que tem a natureza da água — 6. Amor livre das mulheres — 10. Medida holandesa de comprimento — 11. Muitos — 12. Símbolo do metal de peso atômico 197,2 — 13. Rio da Europa Central que nasce na Iugoslávia — 15. Elefante fóssil — 18. No tempo que passou — 20. Que tem mérito extraordinário (pl.) — 21. Substância corante, de cor vermelha-alaranjada — 23. Designação geral das aves — 24. Relicário dos japoneses — 25. Violência — 27. Loureiro do Japão — 28. Esqueletos — 31. Instituição dos combates romanos — 32. Espécie de calçado.

VERTICAIS: 1. Certamente — 2. Pequeno — 3. Deixar de pousio (um terreno) — 4. Antiga nota musical — 5. Artigo plural — 6. Membro da seita dos irmãos morávios — 7. Asas superiores dos insetos coleópteros — 8. Relativa à congregação religiosa de São Bruno — 9. Joeiraras — 13. Presente de núpcias — 14. Nome de homem — 16. Que não tem arte — 17. Feminino do prefixo que indica procedência naturalidade — 19. Gênero de plantas cariofiláceas da Oceania — 22. Traquinada — 26. O mesmo que alna — 29. Símbolo do samário — 30. 12.ª letra do alfabeto turco.

PROBLEMA N.º 58 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Naturais de Roma — 6. Seguir — 7. Isolado — 8. Viscera secretora da urina — 10. Osso que forma a parte mais saliente da face — 12. Chefe etiope — 13. Possui — 14. Flores da roseira — 17. Forma reduzida de senhor — 19. Símbolo químico do rádio — 21. Perversa — 22. Marinha de guerra (pl.).

VERTICAIS: 1. Esteiro de rio — 2. Sufixo designativo de autor — 3. Azul — 4. Artigo plural — 5. Nota musical — 8. Pouco fundos — 9. Assassinar — 10. Oceano — 11. Rente — 15. Planta do pé — 16. Pedra do altar — 18. Concedes — 20. Brisa — 21. Ruim.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 57

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: As — fatal — ma — sipes — capar — prol — reto — ril — Ral — asiaticismo — mioclele — agarramento — bat — tal — ódio — birá — meato — curar — as — ostro — ré.

VERTICAIS: aspra — siris — fel — as — A.C. — lar — matam — arolo — polimatia — persentir — dicaz — Air — Tor — cem — Ile — aboma — gades — tarar — olaré — Oto — buo — os — Cr.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: uva — cal — iriar — agomara — to — ab — ura — usa — ro — al — estendo — áureo — asa — Isa.

VERTICAIS: vigorosas — aro — caa — arrasados — imo — ature — abalo — ter — tua — Nei.

partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.



uma tradição
de bom gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ



CHUCK WOODWARD

APRESENTO UMA HISTÓRIA CINEMATOGRAFICA evidentemente americana. Digo evidente por causa das "colned phrases" (frases batidas). Não se preocupem porque como acabaram de ver, haverá tradução entre parênteses, à guiza de legendas, como no cinema. Em geral num filme americano "boy meets girl, boy loses girl, boy gets girl" (o rapaz conhece a moça, perde-a e acaba possuindo-a) num verdadeiro "happy ending" (final feliz). A história de hoje, contudo, não acaba nada bem, pelo "American way of life" (modo de viver americano). Mas é verdadeira, isto é.



Debbie.



Eddie.



Lis.



Mike.

KALEIDOSCÓPIO

A HEROÍNA DO ENRÊDO chama-se Debbie Reynolds. Nasceu numa cidade pequena do Texas (isto é, cidade pequena para o Texas, pois lá as cidades menores são maiores que os outros Estados da União), filha de um trabalhador humilde, do tipo que é *"the back-bone of the Nation"* (a espinha dorsal da Nação), e cresceu muito bonitinha e comportada, uma moça que qualquer rapaz gostaria de ter como *"the girl next door"* (a filha do vizinho). Estudou, tomou parte em peças escolares e mais tarde, residindo em Burbank, na Califórnia, foi eleita *"Miss Burbank"*, concurso de beleza no qual entrou, não por vaidade, é claro, mas simplesmente para *"glorify the American Woman"* (glorificar a mulher americana). Um *"talent scout"* (descobridor de talentos) levou-a para o cinema, onde sua juventude e talento foram tornando-a mais e mais conhecida pelo público. Ela era mais graciosa que bonita, mais saudável que sensual. Era um modelo de juventude nacional. Escrevia pessoalmente aos fãs, nadava, jogava tênis, gostava de cozinhar, enfim, só faltava casar-se com um *"clean-cut, red-blooded, two-fisted, enterprising American boy"* (um jovem americano bem talhado, de sangue forte, de punhos eficientes e realizador). Depois ela atingiria o ápice: *"An American Mother"* (Uma mãe americana).

O HERÓI APARECEU na figura de Eddie Fischer. Aos 27 anos de idade ele era tudo aquilo e mais alguma coisa. Ele era um *"property"* (propriedade, termo aplicado a quem rende dinheiro a grandes firmas). Valia nada menos que 50 milhões de dólares para a RCA Victor e para a Coca-Cola, vendendo 15 milhões de discos para aquela, e tornando o programa de televisão patrocinado por esta num dos melhores do país. Ele havia em cinco anos transformado-se num sucesso, sem que isto o houvesse impedido de *"join the Army"* (servir no exército), o que sem dúvida era talvez até mais importante que os 18 *"hits"* (sucessos) consecutivos obtidos em disco. Ele era o *"meal-ticket"* (ganha-pão) de 200 pessoas, entre agentes de publicidade, *"record-pluggers"* (discóbulo), arranjadores, músicos, e até dando emprego a um *"ex-pug"* (antigo lutador) como seu guarda-costas. Periódicamente, Eddie visitava sua *"Alma Mater"* (Universidade) ou ia deliciar-se com *"mother's cooking"* (a comida da mamãe), naturalmente sempre acompanhado de fotógrafos. O adjetivo mais usado para ele era *"nice boy"* (bom rapaz), e ele tinha muito *"poise and charm"* (distinção e charme), além de boa voz. Mas a coisa ficou complicada porque ele também tinha um casal de amigos, formado por Mike Todd e Elizabeth Taylor, e esta era o tipo da *"home-wrecker"* (destruidora de lares). E lá se foi nosso enrêdo feliz *"to the dogs"* (para os cães, isto é: por água abaixo).

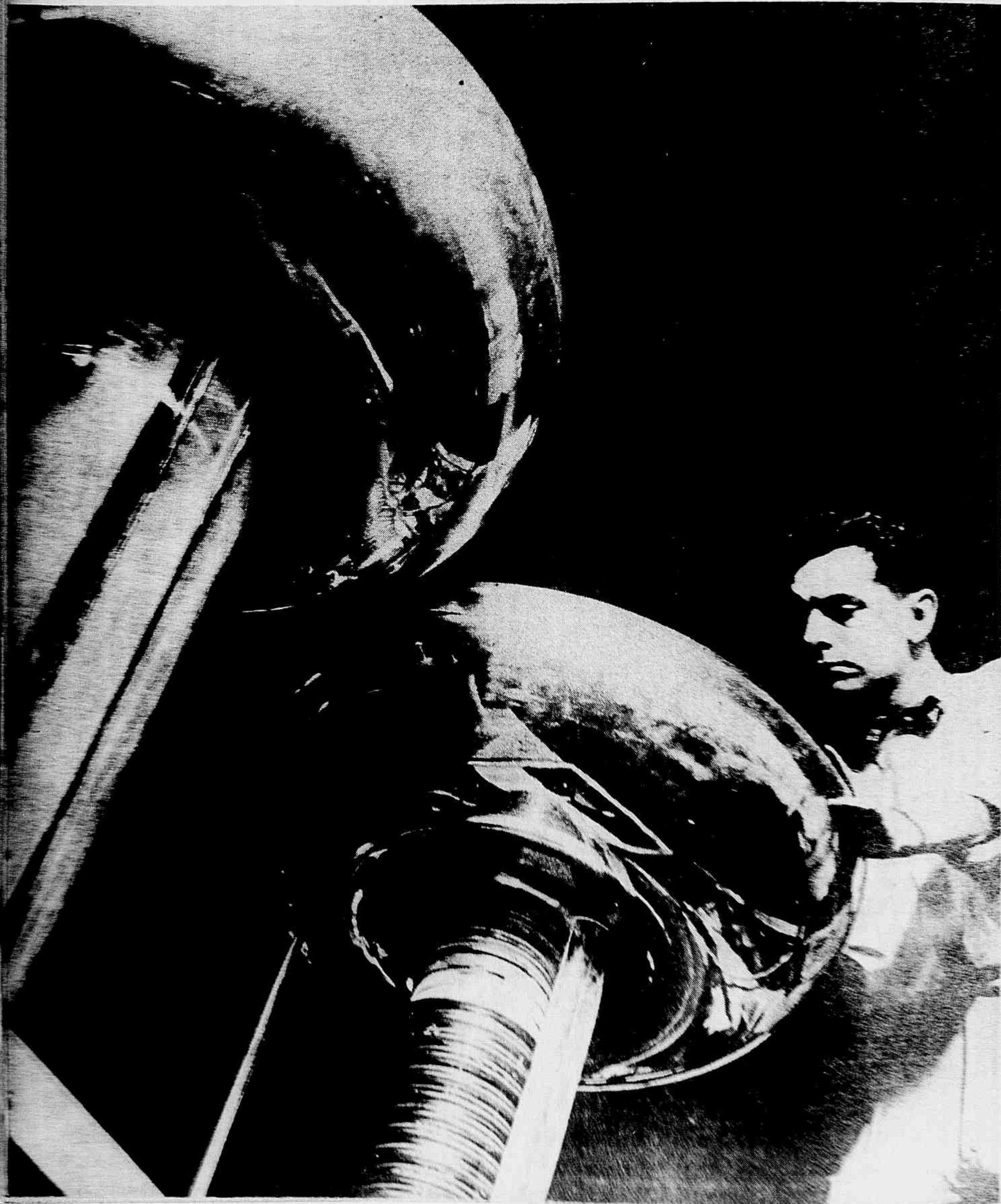
A MEGERA NO CASO é realmente uma das mulheres mais lindas do mundo. Sua cabeça foi mesmo feita para usar diademas, se bem que para pouco mais, e a sua afirmação de que *"I have a child's mind in a woman's body"* (Eu tenho a mente de uma criança num corpo de mulher) ainda a tornaria mais atraente se esta história fôsse italiana ou francesa. Mas como é americana, Elizabeth Taylor só pode ser *"that scheming woman"* (aquela mulher calculadora) que destruiu o lar de sua *"best friend"* (melhor amiga).

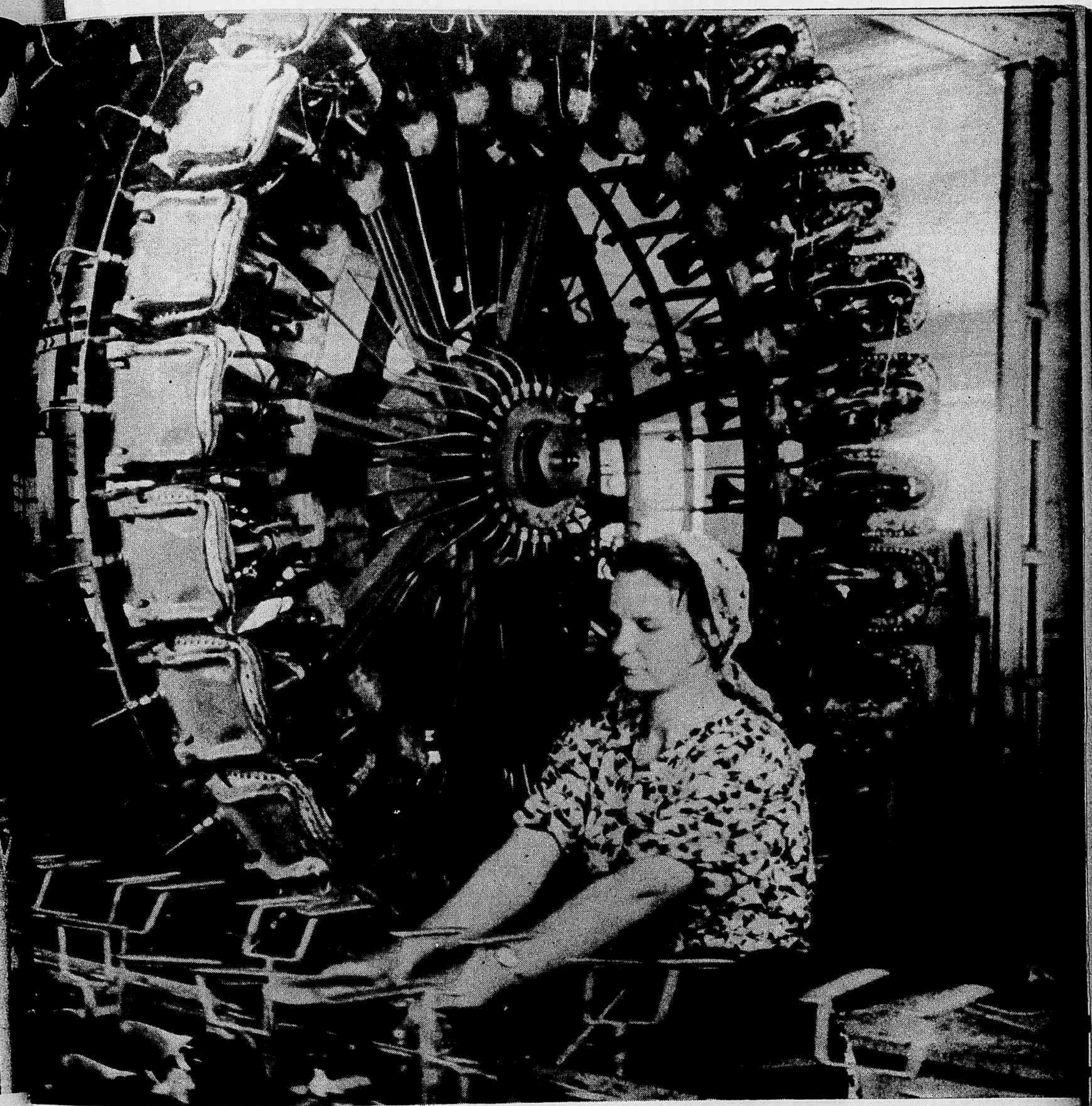
O QUE HOUE TODOS SABEM dos jornais: Mike Todd morreu, Elizabeth Taylor foi consolada por Debbie Reynolds e Eddie Fisher, sendo que este *"over did it"* (excedeu-se) resultando no divórcio entre *"the girl next door"* e o *"clean cut American boy"*. Toda a Nação americana fala e escreve sobre o caso. A culpada é Elizabeth Taylor. Mas eu, que tenho uma foto do casamento de Elizabeth com Mike Todd, não posso deixar de reparar no olhar e na expressão de Eddie Fisher (no círculo) olhando para a noiva. Decididamente não é bem o tipo de expressão que se espera de um *"nice boy"* no casamento de seus melhores amigos. Acho que de tudo que se escreveu a respeito, nos Estados Unidos, só um leitor do *"Time Magazine"*, provavelmente também casado com uma *"girl next door"*, tocou no ponto em questão, com rara precisão e concisão: *"Let's face it. Sex is here to stay"*. Esta frase em português expressivo seria aproximadamente isto: "Meus amigos, esse negócio de sexo é um fato!"



CEREBROS MECANICOS controlados pela eletrônica, capazes de efetuar em apenas um segundo cinquenta mil adições e, em tempo não superior a um minuto, mais de um milhão de operações matemáticas que exigiriam da mente humana quinze anos de incessantes esforços, poderão devolver ao homem o Paraíso das Delícias de onde ele foi expulso (como está na Bíblia) mercê do pecado original. Perdão! não sou eu quem o afirma, nem Júlio Verne ou Platão, porém o sr. Marcial Dias Pequeno, ex-ministro do Trabalho, economista, assessor parlamentar, secretário do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio (do qual participam, como sabem, outros nomes eminentes, como os srs. Otávio Bulhões e Hermes Lima) e, além de um dos mais

ADAO NOS USA — Autômato não comete "pecado original".





EVA NA URSS — Contra Adão, a Operação Ferrugem.

MÁQUINAS VÃO DEVOLVER PARAÍSO A ADÃO E EVA

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

REVISTA DA SEMANA — 23

Os americanos criaram o dilema: automatizar ou perecer

argutos observadores da realidade econômica deste País, propagador aqui da ideia da automação. "Para provar-lhe os prodígios da automação", ele explica, "basta dizer que já existem em pleno funcionamento máquinas eletrônicas de tamanha perfeição, que calculam em frações de minuto a completa trajetória de um teleguiado e de um esputinique, tarefa em que um matemático, valendo-se dos processos usuais, consumiria toda uma existência".

Outras frases: "A esta altura dos acontecimentos, não cabe opor qualquer resistência à automação. Ela já se impôs definitivamente nos países de economia-líder. E isso está à vista de todos, seja nos Estados Unidos, seja na União Soviética ou em outras grandes nações. Só o Brasil, infelizmente, não tomou ainda conhecimento do problema."

EMPURRÃO AUTOMÁTICO VEM AI

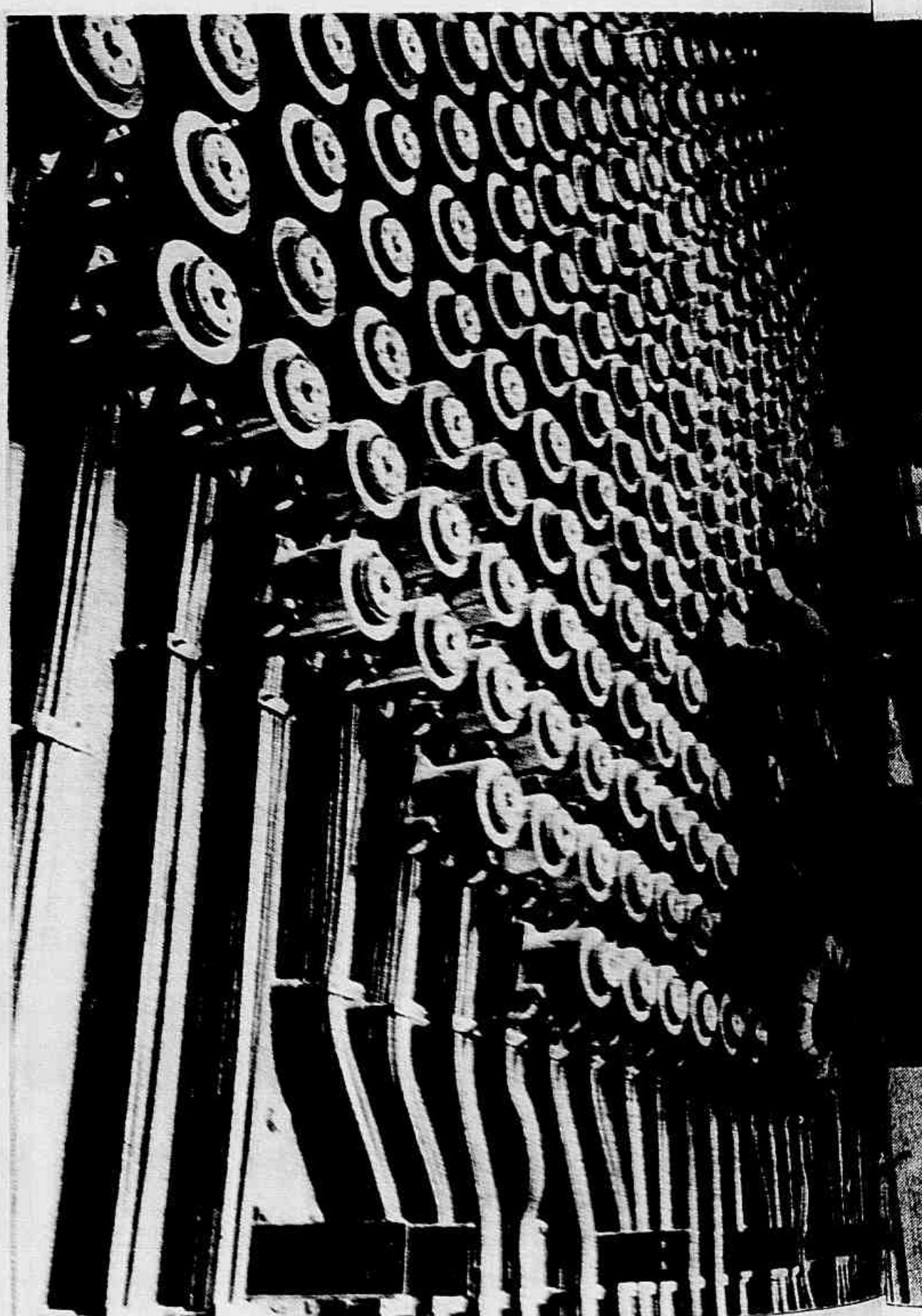
Ora, o que é afinal a — automação? Em síntese, a mecanização dos processos materiais de que a humanidade se socorre para prosperar e produzir bem-estar, mais roupa, mais alimento, mais remédios, mais habitação. Enganam-se; não se trata de automatismo (ou automatização, vá lá) que compreende pura e sim-

plesmente o emprego da máquina controlada pela mão ou pelo cérebro humano, mas, isto sim, da mecanização sob controle da eletricidade. Em outras palavras: a máquina que transporta para um disco de acetato, nêle gravando-a, a voz de um cantor é exemplo de automatização; de outro lado, o sonógrafo que por si só transforma essa mesma voz em caracteres alfabéticos, capta-lhes o som e o transmite, por meio de oscilações elétricas, à máquina de escrever eletrônica (claro que ela existe; e tem o seu emprego na ciência econômica, na meteorologia, na medicina, na polícia, na guerra e nos trabalhos de escritório) constitui exemplo de automação. É história do tempo do Onça. Antes da era cristã, já havia autômatos, aparelhos que executavam mecanicamente certos movimentos; em seguida, atendendo aos apelos da preguiça e às imposições da eficiência, após séculos de pesquisas chegou-se à automatização de algumas dessas máquinas e, ultimamente, à automação de todo um processo produtivo, "eliminando-se", frisa M.D.P., "a intervenção manual de modo a efetuar trabalho contínuo e rápido, com a indispensável autocorreção, tornada possível pela eletrônica."

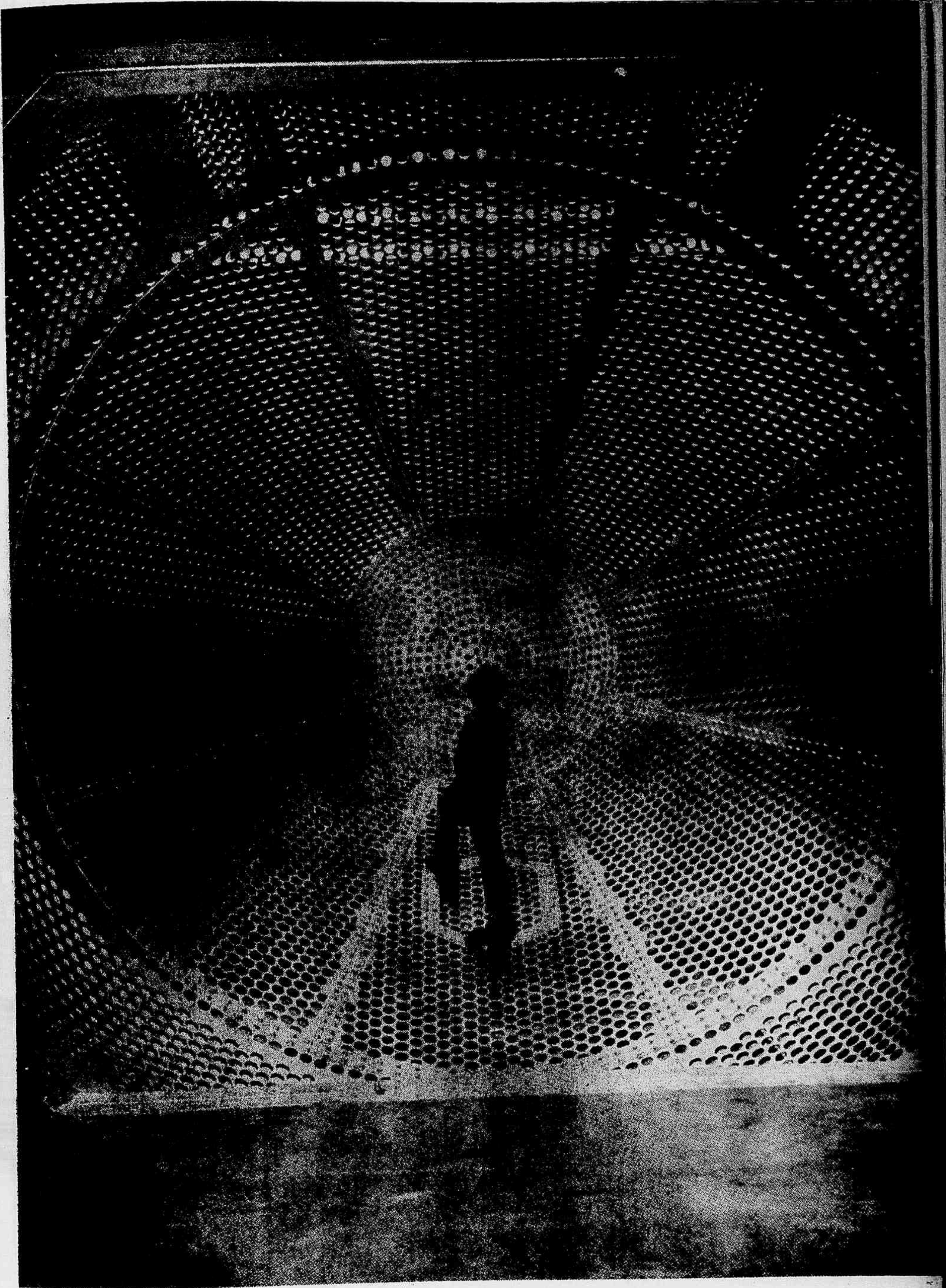
Para esse homem que, por lógro do patronímico, se estica em quase dois metros de altura (êle e o general Juarez Távora são,



EQUIPAMENTO ATOMICO — Homem é negro espectador



CONTROLES ELETRONICOS — "Tickets" para o Paraíso.





MARCIAL PEQUENO — Grande idéia.

MAQUINAS VÃO DEVOLVER...

- Cérebros mecânicos,
controlados pela eletrônica, fazem
em um minuto
o que exigiria quinze anos
de um cérebro humano.

ao que consta, os mais altos cearenses vivos), quem cresceu cercado da tórrida angústia do melo, encharcado até ao âmago pelo permanente drama das secas e da falta de industrialização no Ceará, para o nosso M.D.P., então, a automação é o remédio que operará maravilhas nesses e em outros setores da economia brasileira, dando-lhes, por força de operações eletrônicas, o desejado — e urgente — empurrão de que se vêm demonstrando incapaz o mero trabalho manual e as esvoaçantes promessas políticas dos governantes (ainda mais esvoaçantes) do Brasil.

Mas vão vendo.

"AUTOMATIZAR OU PERECER"

Por isso, lembra: "Os norte-americanos, com seus slogans, criaram o dilema — automatizar ou perecer. E um ilustre publicista europeu assinalou que ignorar a automação importaria em deixa de ser concorrentes no mercado internacional. Os economistas garantem que só os revolucionários processos de produção corrigirão, no mundo, o desequilíbrio acentuado entre a população total e a população ativa, ou seja, a que consome e a que produz. A automação é a réplica do malthusianismo, atendendo à demanda do consumo e aos apelos do conforto dos povos. Sem ela, em prazo mais ou menos longo os que trabalham não suportariam a carga dos inativos, sobretudo quando a medicina prolonga a existência humana. Prevê-se que com a automação se elevem, em um quarto de século, de cem por cento, os níveis de vida no mundo. Comandando os equipamentos com simples toques de botões, o técnico imporá o seu domínio sobre os mecanismos. A automação formará autêntica revanche do homem sobre a máquina que o escraviza e que, doravante, não tendo poder intelectual, jamais pecará pela desobediência contra o seu criador, como aconteceu a Adão."

A conversa enfeixa, já aí, os milagres conseguidos nesse particular pela eletrônica. Mecanismos especiais preparam, em seis horas, o pagamento de doze mil operários em indústrias dos USA, o que antes ocupava cerca de trezentos funcionários; outros extraem dois milhões de faturas com algumas dezenas de servidores em lugar dos milhares anteriormente exigidos; com menos de quinhentos auxiliares e dois milhões de dólares, certa reparação americana consegue tirar por ano quase quatrocentos milhões de cheques porque um serviço de segurança reduziu, mediante esses aparelhos, noventa e sete por cento do seu pessoal. Ainda mais: quatorze instrumentos sopradores de vidro, cada qual manobrado por um só trabalhador, fabricam tôdas as lâmpadas e tubos de rádio e de televisão nos Estados Unidos; dois homens controlam a montagem de mil receptores por dia, tarefa antes executada por duzentas pessoas conforme os métodos tradicionais; seis operários por turno, manipulando equipos e braços mecânicos, refinam por dia trinta milhões de óleo bruto. E uma fábrica de cigarros alemã elevou sua produção, de trinta unidades, para setecentas por minuto.

FOME E TEMPO DISPONÍVEL

E eis como chegamos a um ponto que, à primeira vista, parece crucial: em contrapartida a tantas coisas boas, a automação não colocará em tela, por intermédio dessa assustadora redução de mão-de-obra, o fantasma do desemprego? Desemprego quer dizer fome. E fome quer dizer desespero, desconforto, revolta, gente infeliz. Onde, pois, o progresso, onde o bem-estar, onde o perseguido objetivo de felicidade? O entusiasmo de Marcial Pequeno, que à minha frente emerge dos seus papéis na Assessoria Parlamentar do Ministério do Trabalho, está preparado para a resposta. A ela:

"Evidentemente, para evitar abalos sociais no começo, algo deve ser feito pelo Estado e os órgãos de classe dos empregados e empregadores. Impõe-se a reconversão das empresas e a readaptação do pessoal. Serviços de pesquisas e troca de informações fazem-se indispensáveis. As novas atividades exigirão menos esforço muscular e mais desgaste nervoso. Possivelmente se marchará para o sistema representado por uma cruz grega, com cada braço, de igual tamanho, ocupado pelo trabalho, as diversões, o amor, a devoção. É que a automação reduzirá muito a jornada semanal. Em consequência, apresentará o importante problema do lazer e das férias mais prolongadas. Hoje, temos o regime de 48 horas semanais no Brasil, Rússia, Itália, Alemanha e outros países. Nos Estados Unidos, 39,7 horas; no Canadá 40, na Inglaterra 46,3. Certa usina francesa promete que, ao completar sua automação, reduzirá a semana para 24 horas, elevando de vinte por cento os atuais salários da semana de 44 horas. Prevê-se nos USA, dentro de dez anos, a semana de trinta horas. Que fazer do tempo disponível? A questão preocupa. Não se poderá permitir que a população ativa se transvie, entregando-se à bebida e ao jogo nos antros do marginalismo social. Cumprir-lhe bibliotecas, recreio, esportes, artes, turismo, humanismo, e gosto pela vida e o progresso espiritual e também os estudos sérios, como o ensino técnico-profissional de grau médio e superior. Mas não haverá apenas mais amplas disponibilidades de tempo. A automação promoverá a redistribuição de renda pelos maiores salários e pelos preços menores. Os trabalhadores que não se adaptarem serão amparados por seguros especiais.

Pela estimativa do número dos que serão afetados pelas perspectivas de readaptação e de novos empregos e profissões, reduzindo-se as jornadas de trabalho e melhorando-se os salários, a automação repercutirá no seio do operariado quando for implantada, embora, a longo prazo, seja altamente favorável às massas trabalhadoras."

BENEFÍCIOS EM ITENS

Eis, em itens, como o sr. Marcial Pequeno considera a automação:

(Continua na pág. 56)

— Seu filho

está livre do desamparo?



O imprevisto e a fatalidade não têm data marcada. Consciente disso, o chefe de família que ama os seus procura protegê-los contra a insegurança e o desamparo. Ele sabe que existe a possibilidade de falta-lhes sua assistência pessoal. Por isso, faz com que sua ternura pela esposa e filhos se prolongue após o irremediável, através da garantia proporcionada pelo seguro de vida.

E quando se pensa em seguro de vida, pensa-se na SUL AMERICA — a maior e mais sólida companhia brasileira do ramo.

Solicite — sem compromisso — a visita de um corretor da SUL AMERICA, e informe-se sobre as várias modalidades de seguros que ela lhe oferece.



Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Fundada em 1895

SUL AMERICA — Caixa Postal, 971 — Rio

Nome

Idade Profissão

Soma que eu poderia economizar anualmente

Rua

Cidade Estado

OS GALHOS D

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD



DO CEDRO



RESUMO: Chega o dia da volta de Jasmina para o Líbano, depois de sua permanência de algumas semanas em São Luís do Maranhão, aonde fôra a convite da avó Nabira. Sérgio, seu primo, vê desesperado aquela viagem. Ama a prima, mas seu orgulho o impede de declarar-se. Um acidente ocorrido com a avó, entretanto, precipita os acontecimentos.

A ROTINA DA CASA mudou bruscamente. Georgette e Sâmia disputavam, entre si, as rédeas de sua direção. As salas eram tristes e vazias e só havia vida no quarto da velha. Fátima e Sandra praticamente mudaram-se para o sobrado com os filhinhos. Os maridos vinham buscá-las apenas à hora do jantar. Visitas e visitas se sucediam e as bandejas de café e cola-guaraná multiplicavam-se. As noras e netas andavam exaustas. Cada noite um dormia com Nabira.

Era triste ver-se aquela mulher forte e independente, que rasgara seu caminho no mundo sem respeitar peias de preconceitos ou limitações de feminilidade, prisioneira numa cruel armadura de gesso, não tendo o direito de levar um copo de água à boca ou de satisfazer sôzinha, suas necessidades fisiológicas.

Sérgio andava furioso, achando que os médicos haviam-na engessado mal, sacrificando-lhe até os movimentos do braço são. Queria por força levá-la ao Rio. Mas Nabira, numa estranha obsessão, recusava-se a ir. Parecia mesmo desejar prolongar o seu martírio. Pegava-se a sua cruel cadeia, apesar do calor a atormentá-la e do sofrimento causado por duas escaras dolorosas, resultantes de sua posição forçada, maltrataram-lhe as costas.

Era fantástico, sofria somente as dores físicas! Seu rosto parecia feliz, porque no centro da cama de jacarandá, guarnecida de lençóis ricamente bordados, lembrava uma soberana cercada de sua corte. Então quando Jasmina e Sérgio estavam ao seu lado, parecia absurdamente contente. Pedia-lhes para jogar "bássara" em cima da cama, pois acompanhar o jogo, a distraía. Quando as mãos de ambos se tocavam ou os cabelos negros dêle e os bronzeados dela se confundiam, ria com um arzinho matreiro e feliz.

Sérgio quase não saía às noites. Jantava depressa para ir para junto da avó contar-lhe as histórias da cidade ou falar-lhe dos negócios. Ao seu lado parecia alegre, animado, afirmando-lhe que brevemente os médicos a livrariam da couraça de gesso e ela poderia voltar às suas atividades normais. Mudou inteiramente de atitude em relação à Jasmina, procurando estar sempre ao seu lado, com gestos de ternura e galanteios.

A moça sentia-se humilhada e triste: pela avó, êle faria qualquer coisa, até fingir-se apaixonado da prima com quem a velha intentava casá-lo. Mesmo não acreditando na sinceridade do seu carinho e de suas palavras, comprazia-se. A personalidade de Sérgio fascinava-a. Se a amasse verdadeiramente, que amante maravilhoso seria! Era terno e meigo para os que queria bem;

Nabira ficou rindo mansinho. Sabia não haver nada mais próprio do que a ousadia e o cinismo de um homem.

seu egoísmo anulava-se quando havia necessidade de dar um pouco de ventura a quem encarecia.

Jasmina cuidava-se extraordinariamente escolhendo as côres que a favoreciam, escovando constantemente os cabelos, tornando-os cada vez mais fofos e brilhantes, maquiando-se com perfeição para esconder os vestígios da fadiga e arrasar as mulheres do sobrado, querendo aproveitar ao máximo a oportunidade de fasciná-lo, naquela convivência muito íntima. Só no seu orgulho não cedia e, embora o ignorasse, era justamente isto o que mais alucinava o rapaz.

Uma vez, à noite, encontraram-se a sós na saleta precedente ao quarto de Nabira, enquanto esta se submetia a um exame. Sérgio tomou a mão da prima, passou-a no rosto escarvado e beijou-a. Jasmina sentiu-se derreter por dentro de esperança e prazer. Mas, com argúcia feminina ou na ânsia de ouvir-lhe uma declaração definitiva, retirou bruscamente a mão dentre a dele:

— Longe de vovó on ne precise de fingir que começamos nos amar. Parra que?

Sérgio ficou rubro de raiva. Teve ímpetos de esbofeteá-la ou beijar-lhe ordinariamente a boca tentadora. Conteve-se graças a um grande esforço:

— É, estou habituada a fingir! Você não acha perigoso o nosso jogo? Quando vovó ficar boa, vai desconfiar que a tapeávamos...

— Mas nós non nos comprrometemos! Só nos aproximamos um pouquinho mais. Depois dizemos a vovó que procuramos nos amar mas non era possible.

— Fingimos pouco, minha cara. Desconfio que a velhinha não quer ir ao Rio para ficar logo boa, porque imagina que nos prendendo algum tempo à sua volta, nos apaixonaremos, infalivelmente, um pelo outro. Se a convencêssemos que nos amávamos e que a queríamos ver boa, quanto antes, para assistir ao nosso casamento, talvez concordasse em ir. Tenho medo de complicações. Ela tem sofrido muito.

Jasmina disse tristemente:

— Eu pense a mesma coisa. Eu pense que ela non vai a Rio por nosse causa e isso me faz uma dor no coraçõ. Elle non quer ficar boa depressa.

Sérgio deu alguns passos nervosos na saleta:

— Jasmina, finjamos de uma vez. Em seu quarto, seremos dois pombinhos apaixonados. Temos que animá-la, encher-lhe a alma de alegria, convencê-la a curar-se o mais depressa possível. A velha é esperta, é preciso muito cuidado. Começemos aos poucos para ela não desconfiar que é fingimento. Quero ver se dentro de quinze dias levo-a ao Rio. Depois que ficar completamente boa, veremos o que fazer.

Jasmina estendeu-lhe a mão como se para um pacto de honra. Sérgio apertou-a, ainda fremindo de raiva. Nêle era enorme a ansiedade de ver a avó curada, mas talvez fôsse maior o desejo de tocar em Jasmina, beijá-la mesmo, com a complascência da avó, sem que a prima pudesse protestar. Seria muito hábil e no fim, Jasmina se apaixonaria verdadeiramente. Experimentava um ciúme surdo e incomodativo à idéia de que, se após tão grande e íntima convivência, ela nada sentia por êle, era pelo fato de haver alguém. Devia haver alguém lá no Líbano, imperando no coração da moça. Como saber, como ficar em paz? Como serenar sua alma posta em polvorosa pela menina bonita e calma?

Jasmina, intimamente radiante com o estranho pacto de ambos, aconselhou:

— Ninguém deve saber de nada. Só nós dois, Sarkis. Precisamos fingir forra do quarto também. Precisamos agir com intelligence.

— É claro. Se vovó ficar aqui com sua absurda teimosia, acabará morrendo.

A porta abriu-se e o médico saiu. Vinha com ar preocupado. Sérgio interpelou-o nervosamente:

— Que tal, doutor? Como vai a velhinha?

— Das fraturas saberemos quando tirar o aparelho. É muito gorda, as radiografias são péssimas. Mas está abatida, pálida, emagrecendo muito. Dona Georgette me disse que ela tem muitos gases, não dorme de noite. O rim não anda bom, mas, dei umas receitas para isso. É preciso paciência, meu filho. Essas coisas, só com muita paciência.

— Ela está tôda ferida dentro do aparelho. Tia Sâmia diz que às vezes, nota até mal cheiro.

Isso é natural nos casos de grandes fraturas. Vamos ver, meu filho. Se tudo estiver bem quando tirarmos o aparelho, melhorará depressa. Dona Nabira foi sempre muito forte. Disse-me que até aos sessenta anos, nunca havia tomado uma injeção! Vá, vá fazer-lhe companhia. Os doentes nesses casos, têm que estar sempre distraídos.

Jasmina e Sérgio foram vê-la. Sérgio mentiu:

— Dr. Leôncio disse que está tudo O.K. Mas eu não sei, vovó, gostaria de levar você ao Rio. Se quando tirar essa droga não estiver elegante como era, nós iremos ao Rio.

— Doutô Leon diz qui aqui ou ni Rio, se faz mesma coisa pra osso quebrado. Non tem de botá gesso mesmo?

— É, mas lá é melhor.

Começou agindo:

— Vovó, a senhora não acha essa sua neta cada vez mais bonita? Nunca vi cabelos assim, nem olhos mais bonitos.

Fêz uma ligeira carícia no queixo de Jasmina, que sorriu enleada. Nabira suspirou radiante. Sérgio pensou aborrecido: "essa pequena é uma praga para fingir".

Sentaram-se ao lado direito da cama, o braço de Sérgio nos ombros da jovem.

(Vivemos mergulhados no mistério! Marido e mulher deitando-se juntos, anos a fio, ignoram em geral os verdadeiros pensamentos de um e de outro. O cérebro humano é um fantástico cofre de segredos. Ali estavam duas criaturas mutuamente apaixonadas e não sabiam. Que circunstâncias rondariam o segredo do cofre para abri-lo e deixar aparecer a preciosa jóia que é a verdade?)

Tecia-se o falso namôro. Falso apenas para Jasmina e Sérgio, porque a sincera espontaneidade com a qual se procuravam a cada instante, não deixava dúvidas a ninguém da realidade daquele amor. Nabira, muito feliz, não tinha a mínima idéia de estar sendo ludibriada. Oscar mordida-se de ciúmes, Samir e Georgette viviam contentíssimos. No sobrado e na colônia, co-



mentava-se o fato da longa convivência entre Sérgio e Jasmina, havê-los por fim aproximado. Dona Nabira conseguia sempre o que queria!

Jasmina sentia-se mais segura, quase certa do amor de Sérgio. Achava difícil que com seu temperamento franco, conseguisse fingir tão bem. Além disso, houvera aquela cena do balcão e a outra, na saleta, quando beijara-lhe a mão ternamente... Buscava uma certeza absoluta, um pouco mais de segurança.

Sérgio, apesar de julgar-se um "cara" muito esperto, não abria uma nesga no véu de mistério a envolver a prima. Jasmina, com incrível habilidade, tornava-se imediatamente distante e caçoista quando acontecia ficarem sós.

Acentuava-se no rapaz, a impressão de que ela era uma artista consumada. Se, ridícula esperança, se atirasse a seus pés, jurando amá-lo, ele ficaria na dúvida de ser ou não uma caçoada.

Uma semana ocorreu. Os dois já ficavam de mãos dadas no quarto da avó, isolavam-se a um canto para conversar baixinho sob os complacentes e brilhantes olhos da velhota. Os parentes e amigos os imaginavam a falar de amor, ignorando as alfinetadas e ironias por eles trocadas nessas ocasiões ou, que Jasmina criticava-se acerbamente. Confessava ao primo seus remorsos: viera do Líbano, certa de que a avó a queria na realidade, para casar-se com ele, porém, embarcara apenas com o fito de conhecer o Brasil e a Europa, trazendo a carta de vó Nabira como um documento de sua promessa de levá-la a viajar pelo Velho Mundo. Fôra desumana! Sabia que a avó era velhinha! Começarem a enganar a pobre daquele jeito, também fôra impensado! Quando se curasse, não os vendo casar-se, teria tremenda desilusão. As decepções as vezes maltratam mais do que as quedas desastrosas. Ambos estavam agindo muito mal!

Sérgio respondia-lhe com mordacidade que no caso de não poderem sair da encrenca inventada por ambos, poderiam casar-se. Não considerava um sacrifício intolerável para ela, casar-se com ele. Quanto a si, não se importaria de arrematar assim, a célebre farsa. Jasmina calava-se, sem demonstrar seu agrado ou desagrado perante tal hipótese.

Numa obsessão a jovem repetia-lhe freqüentemente que se não tivesse vindo ao Brasil, a avó não teria saído naquela noite fatídica para fazer despedidas. Não teria rolado a escada do sobradão, destruindo brutalmente a fortaleza do seu corpo semi-íntegro de doenças. Atitudes as vezes bem remotas, trazem graves consequências posteriores.

Sérgio respondia-lhe para consolá-la que atitudes passadas e presentes são determinadas pelo destino. Achava ele, que os remorsos de Jasmina e a pena da avó, seriam capazes de levá-la a casar-se com ele, só para comprazê-la. Diabo, se se casassem mesmo, jamais teria certeza do amor daquela criatura.

Paradoxal era o fato de, lamentando o sofrimento de Nabira, sentirem como se um vago desejo de a situação se prolongar, afastando o seu clímax, mantendo-os porém naquela excitante intimidade.

Uma manhã muito cedo, Sérgio entrou no quarto de Nabira para beijá-la antes de ir para o trabalho. Jasmina penteava os alvos cabelos da velha, muito embaraçados por estar ela sempre deitada. A moça ainda não tivera tempo de cuidar-se. Seu rosto sem pintura, os lábios nus de batom quase nunca vistos assim pelo rapaz, fascinaram-no. Com cinismo perguntou a avó:

— Não acha, vó Nabira, que eu posso beijar também minha prima? Afinal, somos namorados. Você sempre consegue o que quer, velhinha danada! Vamos acabar nos casando, como a senhora sempre quis. Não acha que posso beijá-la?

Nabira, eufórica, sacudiu afirmativamente a cabeça:

— In minia frente bode. Non bode é beija ela scundido, antes de bota liança de casado ni dedo.

— Nós só nos casaremos quando a senhora estiver completamente boa. Quero entrar na Igreja de braços com a senhora. Já avisei mamãe — Me desculpe, minha mãe, mas eu vou entrar na Igreja de braços com vovó. Não foi ela quem conseguiu me agarrar para o casamento?

Nabira inflou de prazer:

— Bode beija Chasmina, Sérgino. Pra mim ocês son noivos. Assim que ieu fica milhó, faz festa bunita de noivado.

Sérgio aproximou-se da prima a qual levantou o rosto lentamente para ele, convencida de que a beijaria na face. Sérgio, com absoluta desfaçatez, apertou-a nos braços vigorosos, beijando-lhe os lábios macios e carnudos. Foi um beijo longo e ardente. Jasmina sentiu-se muito perturbada. Não sabia se estava feliz ou irritada. Nunca vira alguém tão ousado e cínico! Com o rosto em fogo livrou-se do abraço e segredou-lhe:

— Beijos assim non ser de nosse programme.

Sérgio riu e mentiu para a avó:

— Jasmim do Cabo me segredou um carão. Disse que eu não devia beijá-la assim, na sua frente.

Nabira tinha os olhos dilatados de espanto:

— Sérge, ocê non respeita vovó de ocê? Ocê bode beija rosto, testa de Chasmina mas bôca non. Ocê non respeita ninguém, minino! Me marido só beijou ieu assim, ni noite de nosso casamento!

— Isso era no tempo antigo, vovó. Jasmim do Cabo é moderna. É universitária. Já nasceu noutro século! A senhora não vai ao cinema, se fôsse, saberia que agora os namorados se conhecem de manhã, de tarde estão aos beijos.

— Mas ni minia família não! Si ocê fica assanhado assim, ieu faz logo casamento.

Sérgio estourou numa gargalhada. Piscou para a prima cujo rosto estava rosado de emoção e de raiva:

— Eu agora beijarei minha outra namorada. Pronto, um beijo na testa — umh. Outro na bochecha — umh. Na outra bochecha — umh. Você sente ciúmes, Jasmim do Cabo? Até logo, minhas queridas, tenho um dia duro no escritório.

Saiu. Nabira, divertida, observava a neta, porém, fingia-se chocada. Disse-lhe em árabe para ter cuidado com Sérgio. Ele era bom, mas muito impetuoso, muito avoadado. Ela não devia nunca ficar só com ele. Devia trancar muito bem seu quarto às noites. Jasmina perguntou-lhe indignada se lhe passava pela cabeça a hipótese de Sérgio ousar desrespeitá-la. Nabira sacudiu os ombros: Sérge era terrível! Tomara que já ficasse boa para fazerem logo o noivado e o casamento. Jasmina atirou em cima da cama, o pente com o qual desembaraçara a cabeleira da avó e saiu do quarto de sopetão.

Nabira ficou rindo mansinho. Sabia não haver nada mais próprio a fascinar uma mulher do que a ousadia e o cinismo de um homem.

(Continua na pág. 43)

80.000 pescadores portugueses têm, há vin t



Casas de pescadores, bairros para a sua habitação, assistência médica e espiritual revolucionaram o panorama da atividade de

EM TERRITÓRIO, como o do Portugal europeu, com tão larga linha de costa em relação à extensão do interior, as atividades do mar — particularmente quando se refere à indústria da pesca — assumem um importante valor relativo ao conjunto do trabalho e da riqueza nacionais. Atividade sujeita a contingências bastante variáveis e por vezes imprevisíveis, desenvolvendo-se frequentemente em circunstâncias adversas e sempre duras, a pesca exige, tanto sob o ponto de vista econômico como o social, cuidados especiais. Coordenar os variadíssimos e complexos fatores que intervêm na eficiência do conjunto, melhorar quanto possível as condições em que a atividade se desenvolve, assistir a enorme população dela dependente por forma a furtá-la às desgraçadas consequências da variabilidade característica dessa indústria, tem sido preocupação constante. Há vinte anos que a Junta Central das Casas dos Pescadores, em estreita colaboração com os Organismos de Pesca, assim o compreendeu.

A frente dessa enorme obra, cheio de entusiasmo e dedicação encontra-se o Comandante Henrique Tenreiro, presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores, que a iniciou e tem tratado

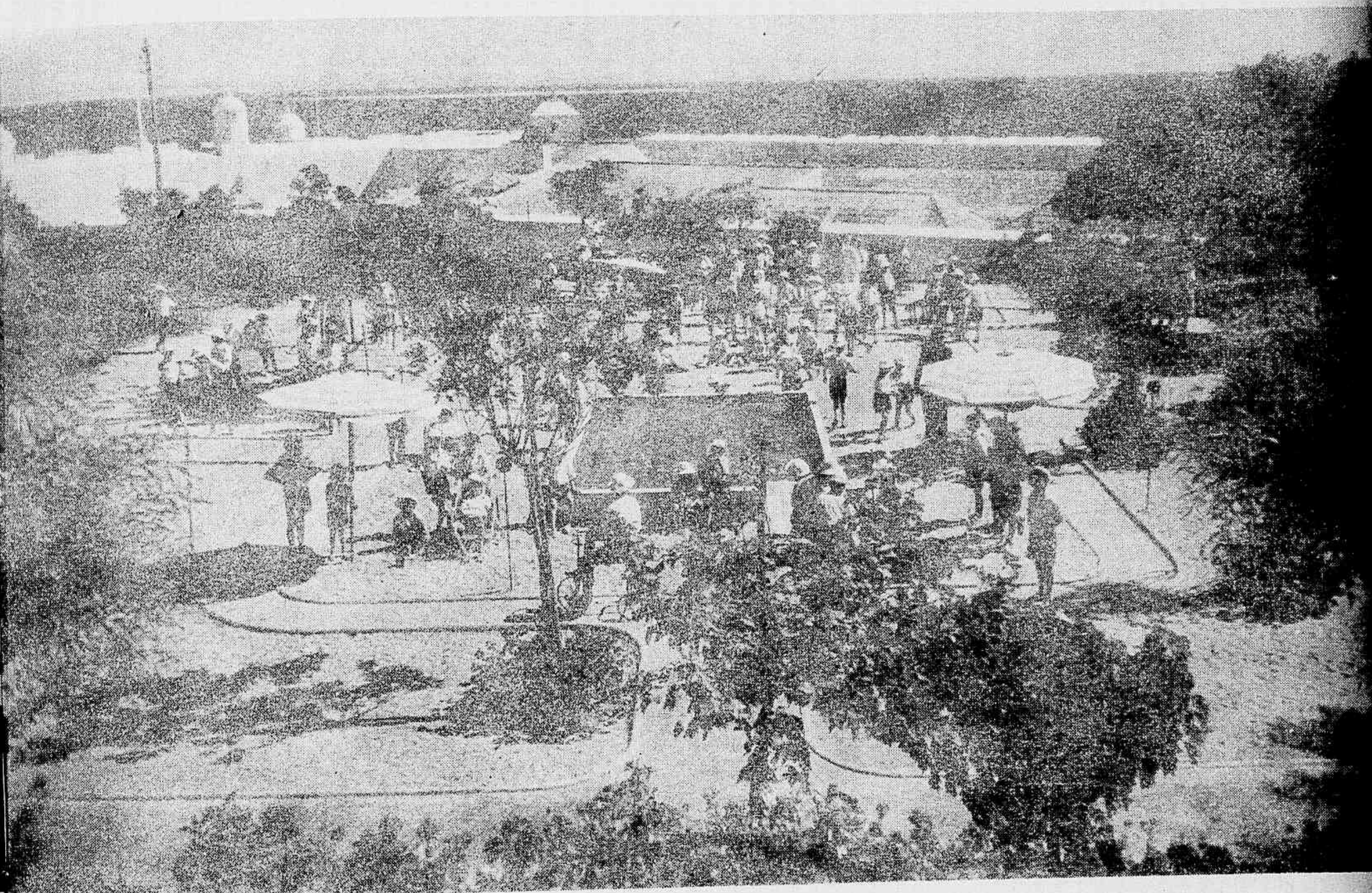
desveladamente. Casa dos Pescadores, bairros para a sua habitação espalhados por todo o litoral português e nas ilhas adjacentes do Atlântico, assistência médica e remédios gratuitos, cuidados de assistência espiritual e social, tudo é também, evidentemente, obra material e revolucionou por completo o panorama da atividade da pesca e da vida dos pescadores em Portugal.

Mais de 80.000 pescadores — a que se acrescentam, naturalmente, as dezenas de milhares de pessoas de família a seu cargo — beneficiam hoje da vastíssima obra de segurança e assistência. Procurou-se que as "Casas dos Pescadores" dispusessem, além dos meios necessários à sua ação de legais representantes dos homens do mar, das sedes acolhedoras e dignas, embora simples, para que os seus 80.000 associados se sentissem verdadeiramente nas suas "casas". Para o prolongamento e desenvolvimento do espírito que presidira à criação dessas casas, o "slogan" para cada família um lar cresceu e tomou forma concreta na realização dos Bairros para Pescadores que se vê pelo país fora.

Encarados com decisão e verdadeira visão de conjunto os problemas básicos das garantias necessárias ao livre exercício da

te anos, a certeza de um futuro tranqüilo

FERNANDA REIS, enviada especial da "Revista da Semana", — Via Lufthansa.



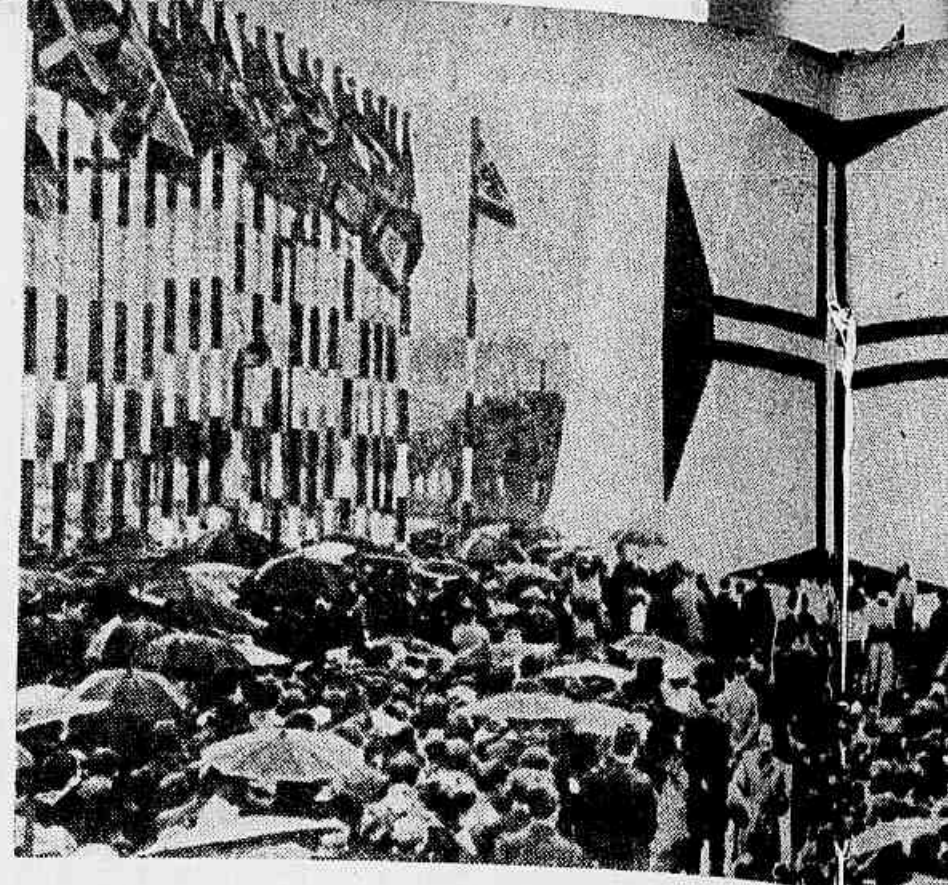
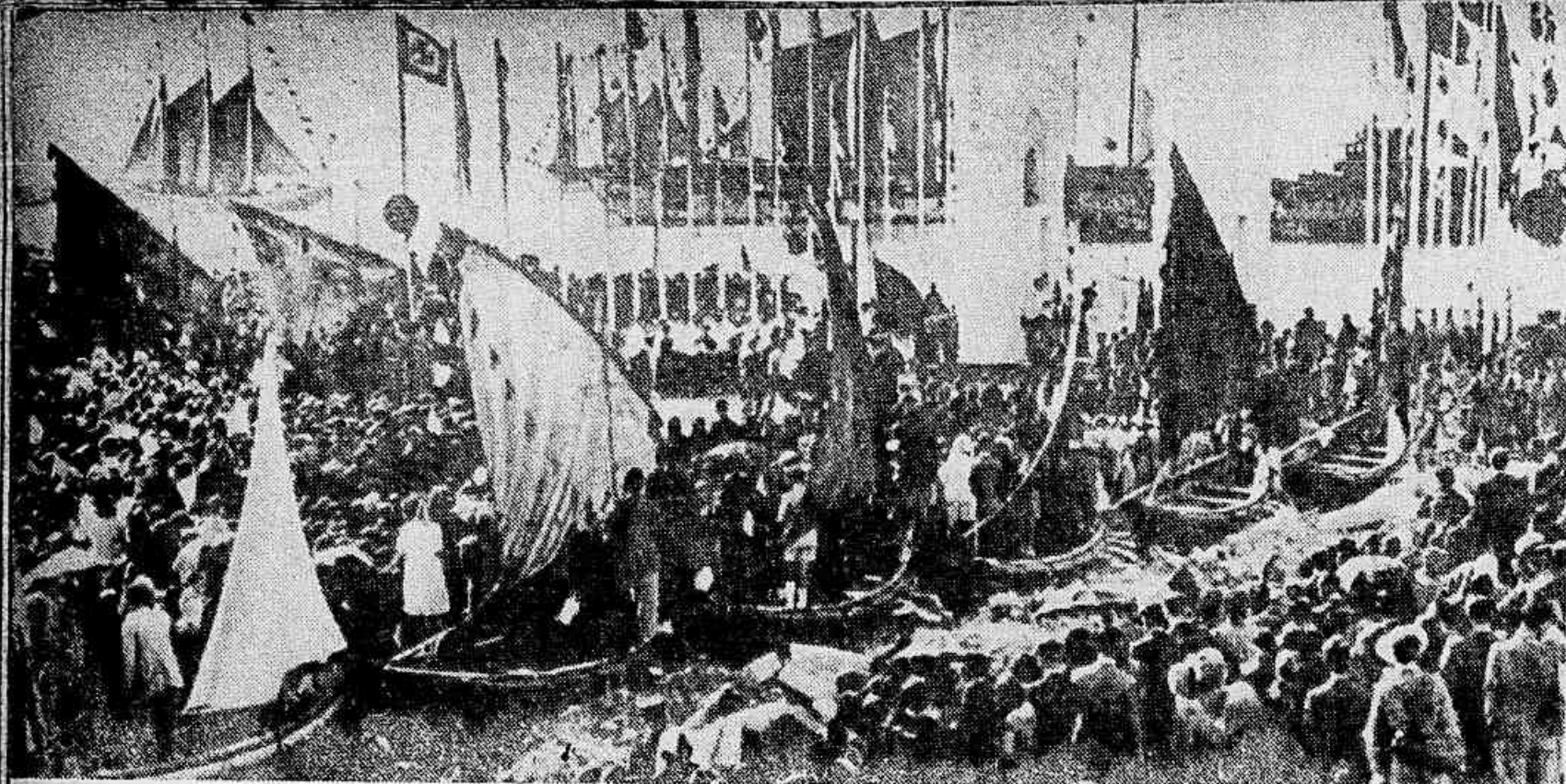
pesca portuguesa. Mais de oitenta mil pescadores, sem falar em suas famílias, se beneficiam da vastíssima obra assistencial.

dura profissão da gente do mar e da instalação dos pescadores e suas famílias em lares que merecessem esse nome, se tivermos em conta que se não procura trabalhar apenas para o momento presente mas, pelo contrário, não se perdendo nunca de vista as largas perspectivas dum futuro melhor, a Junta Central procurou a melhoria do seu nível profissional, por um lado, e, por outro, a elevação do nível mental e cultural das respectivas famílias. E fundaram-se as escolas elementares de pesca e a Escola Profissional de Pesca e deu-se corpo e orientação à Obra Social da Fragata "D. Fernando" para a qual são encaminhados os filhos dos pescadores e nela se aperfeiçoam para as lides do mar como futuros marinheiros e oficiais. Seguida com grande interesse por nacionais e estrangeiros especializados, essa obra tem já no seu ativo resultados importantíssimos. Essa tarefa de âmbito estritamente profissional tem sido, de resto, completada com escolas primárias, escolas noturnas para adultos, casas de trabalhos manuais e de ensino doméstico.

Não só profissional e socialmente havia que valorizar os elementos da vasta população piscatória do país. Impunha-se defen-

der-lhe a saúde, tantas vezes fortemente abalada pela dureza da sua atividade, e através de uma completa e perfeita assistência aos pescadores e suas famílias na doença, dar melhores condições de resistência física aos trabalhadores do mar e preparar-lhes a descendência saudável, elevando-lhes, por conseguinte o nível de saúde. Existem 31 postos médicos, nos quais se gastaram mais de 64 mil contos e onde foram assistidos para cima de 100.000 doentes. Em 6 maternidades nasceram centenas de crianças e nos 28 postos de puericultura houve a frequência de 5.000 crianças às quais foram dados perto de 20 milhões de litros de leite e 15 mil toneladas de farinha. A assistência médica e a dádiva de remédios inclui 9 farmácias privativas. E o camião de micro-radiografia, um dos mais modernos do país e feito para a despistagem da tuberculose, num rádio rastreio em visitas periódicas, fez milhares de exames radiográficos dos pescadores.

Não só em terra, porém, se exerce essa benemérita ação na defesa da saúde dos homens da pesca. Também nos mares da Terra Nova e da Groenlândia, o navio-hospital "Gil Eanes" tem prestado uma preciosa e ativa assistência médica e medicamentosa.

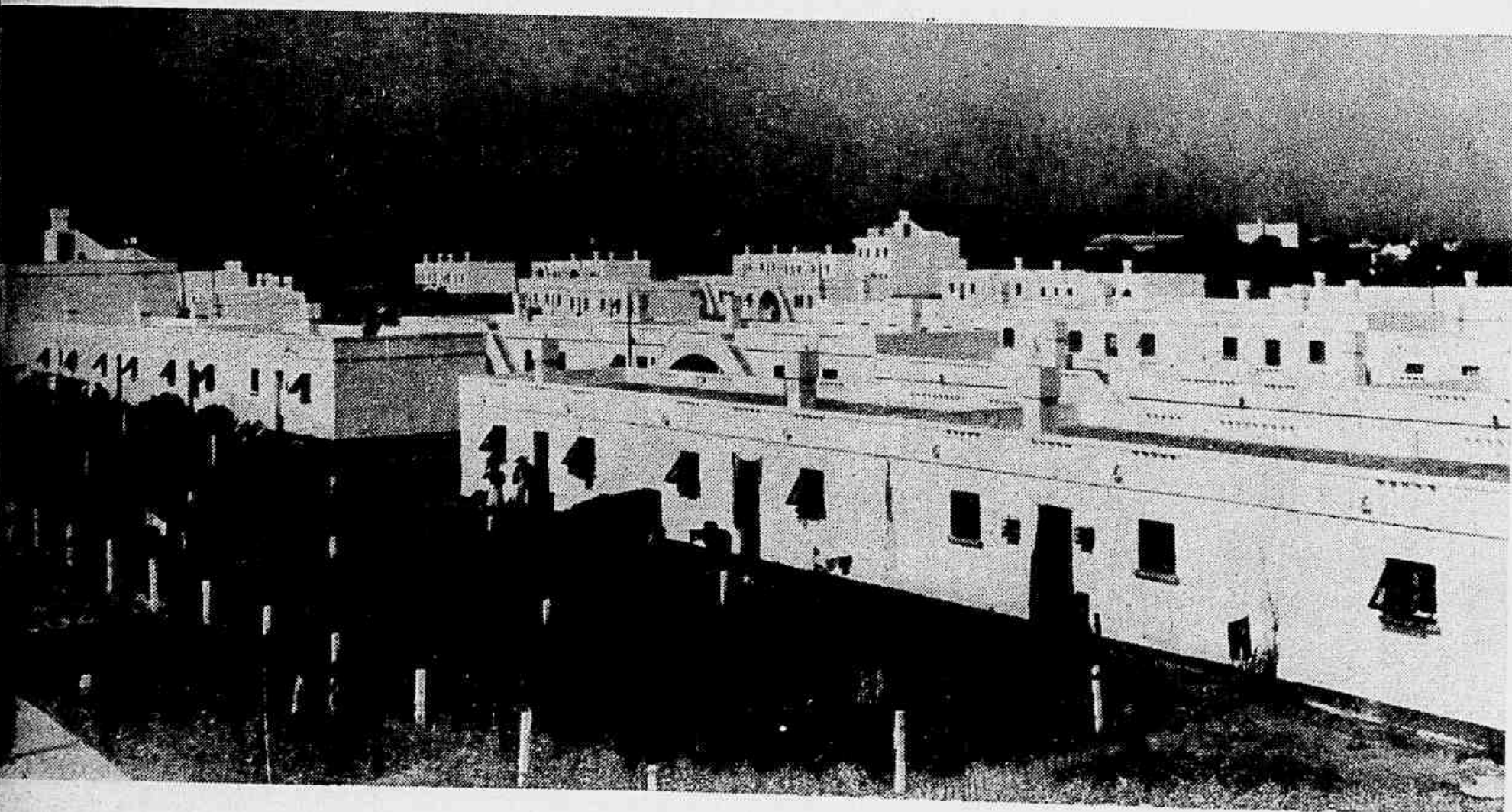


Grandes festas são realizadas durante o lançamento dos barcos bacihoiros

Com a assistência espiritual social e educativa despendeu a Junta Central das Casas dos Pescadores, sempre em completo entrosamento com os Organismos da Pesca, o importantíssimo total de 18 mil contos no espaço de vinte anos. Nas creches e lactários existentes, além dos centros sociais, foram fornecidos cerca de 29 milhões de litros de leite, afóra centenas de refeições fornecidas nas Cantinas escolares, perto de 80 mil refeições. Nos lares e refeitórios para a gente da pesca foram fornecidas para mais de 450 mil refeições. Também existem a Casa de Repouso para Pescadores, em Sines, no Algarve, assim como, dois asilos que a Junta igualmente mantém, onde os pescadores idosos passam o forçado ócio que a muita idade lhes impôs e repousam das fadigas dum vida inteira de árduo trabalho. Existem ainda a Cooperativa dos Pescadores, Escolas de Mães, Fundo de Invalidez, Fundos de Reforma, Abono de Família, Mútua dos Pescadores, Internato, Ação Cultural e Desportiva e Colônia de Férias. Uma destas nós visitamos: a "Colônia de Férias Dr. Pedro Teotónio Pereira", situada em Santo Amaro de Oeiras, no antigo Forte das Maias edificado há quatrocentos anos. Ela tem um magnífico Solário para repouso das crianças, após o almoço, sala de espera com desenhos de perfis infantis, possui as capelas de Sta. Rosália e São Roque e recebe turnos de meninas e meninos, de sete a doze anos de idade. Quando o Cte. Henrique Tenreiro iniciou esta obra, há dezenove anos, foi para sua diretora D. Maria da Assunção de Azambuja Cardoso que com dedicação imensa a serviu até ao fim da sua vida. A diretora substituta D. Maria de Lourdes Ayala, que há treze anos vem trabalhando nessa Colônia, é quem me acompanhou nesta agradável visita onde fui levada pelo secretário do Cte. Tenreiro, sr. Paulo de Almeida. Possui seis vigilantes para 160 crianças, distribuídas em seis turnos por época.

Na sala dos jogos existem bonecos com representação das províncias de Portugal. A enfermeira, D. Maria Manuela Correia Guedes é formada pela Cruz Vermelha Portuguesa, não tem um único doente mas, possui imensos fãs com a "perigosa" idade de sete a doze anos, os quais se fingem enfermos só para conseguirem uma animada palestra... O Tejo é — naquele lugar — um rio bonacheirão onde as crianças se divertem e buscam forças para o futuro. Flores vermelhas e rosa, as conhecidas sardinhelras, assim como, lindas hortenses, alegram o ambiente. Tudo dum impecável asseio e de harmonioso conjunto. O Prof. aposentado Antônio dos Santos Tenreiro, pai do Cte. Tenreiro, é o enlêvo da garotada às quais conta — segundo eles — maravilhosas histórias. Tivemos ocasião de constatar que possui uma memória espantosa e é um homem cheio de vivacidade e cultura.

Num outro dia fizemos uma visita, desta vez acompanhada por outro secretário, sr. Alcaide, à Creche e Pôsto de Puericultura da Junta Central a qual, pelo povo, tem o nome simplificado para "Creche dos Pescadores" e fica situada na antiga Cordoaria Nacional, à Junqueira. Ali às mães com leite são-lhes dadas refeições e empregam-nas na lavandaria e na cozinha. Tem lactário e assistência à Mãe. As crianças entram nesta creche com as idades respectivamente de um mês a sete anos quando saem para a escola. Começam ali por se entreter a desenhar as letras do alfabeto e os números. São trinta meninas e meninos. Quando, por necessidade, as mães têm de trabalhar logo após o parto, mesmo com dias apenas de nascida a criança pode entrar logo para a creche. Luiz Rosa — o secretário já falecido, do Cte. Tenreiro — dedicava grande amor a esta obra e ornamentava as salas com bonitos quadros. O próprio Cte. Tenreiro e Senhora trazem sempre das suas viagens ao estrangeiro, originais dese-



"Para cada fam

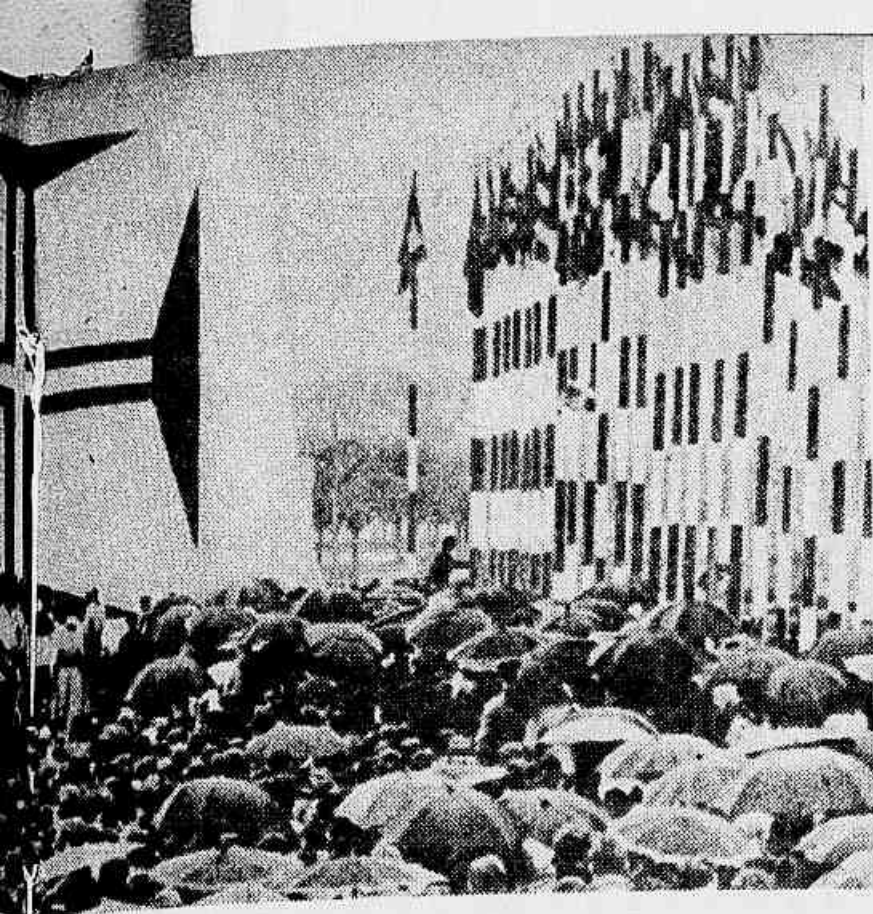
um lar"

- um slogan qu

e tomou

forma concreta.

Nas casas de Repouso, os pescadores uma vida inteira. E as suas filhas tr



lhoeiros. Os pescadores comparecem, envergando trajes típicos.

nhos e muitos de artistas espanhóis, como de C. Figueras. Há um quadro, no dormitório, de grande melancolia e expressão, que representa a "Roda". Os médicos, dra. Maria Antônia Catela Gomes e dr. Brito e Abreu, velam pelas crianças ali internadas com extraordinária competência. As visitadoras são diplomadas pelo Curso Dr. Ricardo Jorge. A que lá encontramos, d. Yolanda Ferreira, está ali há dezesseis anos. A sala da aula é clara e agradável. Tem um bonito jardim e muitas árvores. O dormitório, confortável e pintado de tons suaves e a salinha de refeições, graciosíssima, a higiene, o carinho de mãos que não são mercenárias, envolvem todas as crianças com o mesmo enternecedor afeto. Da "Creche dos Pescadores" seguimos para a cidade a fim de visitarmos a "Casa do Marinheiro da Armada", uma espécie de lar onde eles, quando de passagem por Lisboa, podem fazer as suas refeições e repousar numa confortável sala de estar. Junta a ela fica a Policlínica para Pescadores e Famílias de Marinheiros da Armada onde cerca de cento e cinquenta pessoas são atendidas diariamente incluindo os pescadores e as famílias dos funcionários da Armada. Possui uma grande farmácia privativa da Frota Bacalhoeira e a Liga dos Hospitais trabalha em conjunto com o Posto e Farmácia. Na Policlínica fomos encontrar em pleno trabalho o médico dr. Morena Antunes, um dos melhores em Pediatria. Vimos arquivos, salas de Raio-X, e outras de consultas várias, laboratório de análises clínicas, a Secretaria, etc., tudo demonstrando, através duma grande eficiência, provas do complexo e humanitário serviço em prol de gente que há vinte anos lutava com faltas enormes nas suas humildes vidas e que hoje mercê dum carinhoso, desvelado e forte interesse de solidariedade humana, foi conseguido e é mantido, tenazmente, pelo espírito altruísta e brilhante, dum homem chamado Henrique Tenreiro,

que se lhe dedicou e construiu com as suas mãos e a sua mente, rodeado de colaboradores bastante dedicados, uma obra fecunda e maravilhosa que deu e, ainda obedecendo ao "slogan" para cada família um lar, um dos mais gigantescos passos no caminho para um futuro melhor à classe piscatória portuguesa.

Tenho em mãos o relatório da Junta Central das Casas dos Pescadores e nele verifico a minuciosidade com que são dadas a público e para sua consulta, todos os gastos. Os gráficos e as estatísticas desse relatório falam melhor que eu o poderia fazer. É dividido pelos seguintes capítulos: **Ação Social** que comporta os seguintes: Contratos de trabalho; Centros de Assistência Social; Serviço de Visitadoras; Maternidades; Postos de Puericultura; Creches; Lares e Refeitórios para Pescadores; Escolas Primárias e Postos de Ensino; Cantinas Escolares; Escolas de Pesca; Casas de Trabalhos Manuais e de Ensino Doméstico; Escolas de Mães; Colônias de Férias; Internatos; Assistência Moral e Religiosa e Ação Cultural e Desportiva. **Assistência:** médica, medicamentosa e hospitalar; subsídios; pensões; Asilos; Casas de Repouso para Pescadores; Hospitais; Farmácias e Posto Policlínico da Junta Central. **Previdência:** Fundo de Invalidez (para pescadores do bacalhau) e Fundos de Reforma (para pescadores do arrasto); Abono de família. Vem logo a seguir o Fundo Comum das Casas dos Pescadores; Contas de Exercício; Serviços de Bairros e Construções; Serviços Técnicos; Vendagem de Peixe; Fiscalização e Pessoal; Fundo de Renovação e Apetrechamento da Indústria da Pesca; Mútua dos Pescadores e finalmente a Cooperativa dos Pescadores.

Este relatório é a síntese duma obra em plena ascensão, guiada por um pulso firme e um cérebro cheio de bondade e amor ao próximo.

a família

que cresceu

reta.

scadores descansam das fadigas de
filhas trabalham e se divertem.





♦ Na exposição de lingerie, realizada em Paris, foram apresentados os novos modelos de alta costura. À esquerda, camisola com cinto e laço de cetim; pijama em cetim de algodão que não se amarrota e "deshabillé" e camisola em nylon. À direita, camisola em renda e nylon; "hustier" em renda de nylon, com anágua igualmente em nylon; camisola enfeitada de renda e laço no busto.

NOVAS CRIAÇÕES DA LINGERIE PARISIENSE

COMBATA A OBESIDADE

A OBESIDADE, AGORA, está se tornando um mal mais perigoso do que a própria tuberculose, pois, mata mais pessoas, em média, do que o alcoolismo, se bem que fazendo-o com mais vagar. Depois dos quarenta anos, onze quilos a mais do que a altura de uma pessoa diminui sensivelmente o bom funcionamento de seu organismo. Vinte e cinco quilos a mais do que a altura de uma pessoa, põe em perigo a saúde e até a vida mesma.

A gordura não é precisamente expressão de força ou de boa saúde, pelo contrário, engordar muito, sem o ter provocado propositalmente por motivo de saúde — como nos casos de doença pulmonar — por prescrição médica, é quase sempre índice de foco infeccioso ou perturbação glandular. Portanto, não devemos descuidar nem alegrar-nos quando começamos a engordar demasiado pois, providenciando um tratamento logo no início, evitaremos qualquer complicação. Não devemos esquecer que a gordura envolve também o coração e dificulta o trabalho deste. Esse problema foi bastante discutido recentemente por um grupo de médicos franceses, presidido pelo doutor Maurice, irmão do acadêmico. Segundo consta, o estado psíquico não contribui nesses casos.

Temos, porém, de chamar a atenção das leitoras que não se trata de 3 ou 5 quilos, que muitas senhoras costumam perder



♦ HERMES

"Messaouda", conjunto inspirado do Saara, em algodão, tanto pode servir de pijama ou para praia.



ou ganhar segundo as estações do ano e que não representam perigo a não ser para a estética ou a moda do dia. Nestes casos anodinos, um pequeno regime remediará a tudo.

É suficiente lembrar-se que as massas, os molhos, a manteiga em abundância, o arroz com refogados e os doces nutrem demasiadamente certos organismos com propensão a engordar. Convém, portanto, excluir estes alimentos de suas refeições durante algumas semanas, substituindo-os por legumes e frutas.

PARA O BUSTO

O frio é de efeito tônico para os seios, isto é para os músculos dos seios. Convém, por isso, fazer, cada dia, um tratamento muito simples. Uma aplicação de chuveiro de jato fino de água fria, por cima de cada seio, durante alguns minutos.

Começar devagar a fim de não provocar o choque da água fria no corpo quente. Fazer, em seguida, ligeira massagem circular. Vez por outra, uma fricção de caldo de limão é benfazeja para a epiderme dos seios, mas disso não se deve abusar pois resseca a pele. Com perseverança, serão obtidos resultados apreciáveis.

Para conservar um busto alto e bonito porte convém, andando ou sentada, manter os ombros bem para trás e a cabeça erguida.

CRÔNICA DE LITERATURA

COMÉDIAS EM APIPUCOS⁺



Huxley



Freyre

NUMA DE SUAS últimas edições domingueiras, publicou com destaque inusitado o "Jornal do Brasil" o relato da visita prestada por mister Aldous Huxley ao não menos mister Gilberto Freyre, no quieto retiro dêsse em Apipucos, e por ocasião da recente estada do primeiro em terras do Brasil — até onde veio por conta e risco do Itamarati, que já pouco antes nos importara temporariamente mister John dos Passos. O escritor Aldous Huxley, como se sabe geralmente, é uma espécie melhorada de Somerset Maugham, e se tornou particularmente célebre entre os traficantes de entorpecentes, após ter tratado em seu livro "The Doors of Perception" das mágicas virtudes da mescalina. Quanto ao nosso Gilberto Freyre, parece ser dispensável apregoar-se ser ele não apenas o melhor, como também o único sociólogo brasileiro, em que pesem os esforços nesse sentido do senhor Guerreiro Ramos — esforços aliás louváveis.

Já dissemos que a comédia se passa em Apipucos, e quais os dois personagens que nela atuam: vamos pois ao texto. Constitui ele um documento de endeusamento tão completo, tão enternecedoramente narcisista, que junto dêle a propalada valdade do embaixador Gilberto Amado passa a ser humildade franciscana. Huxley nêle aparece como comparsa, tal como o bisonho plúm-tivo de província, a gaguejar para o mestre incontestado e todo condescendência sua tímida admiração. Tão profundamente perturbado está pela grandeza do outro, que a quanto diga apenas é-lhe possível balbuciar um é isso mesmo, ou um como não tinha eu pensado nisso ainda? Quanto a Gilberto Freyre, do alto de sua escada em Apipucos — escada que encima o texto do "Jornal do Brasil", quase que reproduzida em tamanho natural —, parece esmagar, com a sabedoria de seus conceitos, o embaixador Aldous Huxley. Que tocante, a saudação que lhe dirige o saxônico, tão logo o vê assomar:

— Vim ao Nordeste principalmente para vê-lo.

É assim, decerto, que deve ser saudado, pelos visitantes que até lá acorrem vindos de todos os recantos da Ásia, o Lama do Tibé.

E as explicações e as explanações do Iluminado de Apipucos a respeito das frutas nacionais, de sua própria casa, de Brasília ou de Mnaus? Que profundidade, que ineditismo, que sagacidade! Freyre deveria enfeixá-las em livro, para os infelizes que, como nós, nem possuímos meios nem tempo para ir aos beija-mão de Apipucos.

Para terminar: quanto à autoria da comédia, e após confrontá-la com outro texto de auto-louvação — êsse assinado — de Gilberto — o prefácio que escreveu para Dimensões I, de Eduardo Portella, o único prefácio autobiográfico de que temos notícia, e no qual o senhor Gilberto Freyre elogia com grande ternura e não menor eloquência sua própria obra, e não a que lhe pediram para prefaciar —, não temos dúvida em afirmar que quem escreveu o texto publicado no jornal carioca foi o próprio autor de Casa Grande & Senzala, tão cioso de sua própria glória, que a ninguém mais incumbiria de tão delicada missão...

ROTEIRO DOS LIVROS

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO & RAUL PILLA — *Presidencialismo ou Parlamentarismo?* (José Olímpio. Rio, 1958. 394 páginas). — Um pioneiro do Parlamentarismo entre nós — Raul Pilla — e um neo-convertido ao mesmo — o recentemente eleito senador Afonso Arinos — são os autores dêsse volume, que se compõe dos pareceres e relatórios de Arinos, e dos vetos de Pilla à Emenda Parlamentarista (n.º 4, de 29 de março de 1949) e ao seu substituto. O livro alcançará a devida repercussão, mormente nos meios jurídicos.

LOURIVAL FONTES — *Política, Petróleo e População* (José Olímpio. Rio, 1958. 105 páginas). — O inteligente senador Lourival Fontes continua, em sua obra mais recente, a dizer certas verdades, por vêzes incômodas. Já em *Uma Política de Preconceitos* nos chamara a atenção sua linguagem simples, direta, objetiva, de quem tem o que dizer e o diz sem rebuscos. Agora, em *Política, Petróleo e População*, tais qualidades se reafirmam — o que se vê, nesse livro, é um homem preocupado com os sumos problemas da pátria, problemas para os quais aponta soluções. O livro se compõe de três estudos: Os Partidos Políticos, A Guerra do Petróleo e A Explosão Populacional. Interessantíssimo, no primeiro estudo, por exemplo, o exame que faz o senhor Fontes da função do Vice-Presidente da República; corajoso, todo o ensaio sobre A Guerra do Petróleo; quanto ao último estudo, A Explosão Populacional, é um brado de alerta sobre um problema que ainda não nos atinge tão de perto, mas que se refletirá (e se reflete) sobre nós, num momento em que não há mais problemas locais, e sim universais.

JOSÉ MARIA BELLO — Memórias (José Olímpio. Rio, 1958. Coleção Documentos Brasileiros, número 96. 273 páginas). — A época, já se sabe, é de memórias e reminiscências: não há homem público, escritor, artista brasileiro que não deseje ver publicadas as suas. Todos passam a limpo suas existências, para justificá-las ou para se recompensarem através de livros a **vida inteira que poderia ter sido e que não foi**. Raros os casos como o de um Gilberto Amado, cujas memórias são um acontecimento literário, um documento humano e social da maior importância; ou como o de um Manuel Bandeira, cujo **Itinerário de Pasárgada** constitui um exemplo inexcusável no gênero. Noventa por cento dos livros de memórias de que temos conhecimento não se justificam senão afetivamente, para seus próprios autores. Esse, parece-nos, é o caso do senhor José Maria Bello, escritor correto — estudioso de Machado de Assis, sobre quem publicou importante ensaio, há anos —, mas cujas evocações, com exceção de alguns fatos e particularidades ocorridos de 1930 para cá, não possuem o relêvo que indicassem sua já não diremos publicação, mas pelo menos inserção na coletânea de **Documentos Brasileiros** da José Olímpio.

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

MARLY DE OLIVEIRA, cujo livro de poemas **Cêrco da Primavera** lhe valeu (merecidamente) o Prêmio Anual de Poesia do Instituto Nacional do Livro, voou para Roma, contemplada com uma bolsa de estudos. Ela pretende estudar Literatura na Universidade local. Possui pronto um livro também de poesia — **Explicação de Narciso** —, uma série de sonetos em que o velho tema é mais uma vez retomado, mas com rara felicidade. Nesse livro, cujo título é ainda provisório, a poesia de Marly de Oliveira alcança decerto seu mais alto momento, até agora. *** O ensaísta Waldir Ribeiro do Val foi indicado pelo professor Antônio Chediak para tomar parte na Comissão incumbida de preparar os textos oficiais, definitivos, da vasta obra de Machado de Assis, ora caída em domínio público. *** Assis Brasil vai lançar em três volumes uma série de novelas de sua autoria. Está passando entre os amigos e conhecidos um **vale** (no valor de 150 cruzeiros) que posteriormente dará direito a uma coleção completa das mencionadas novelas. O sistema é original. *** Herman Lima estuda presentemente a obra e a personalidade de Anton Cecov, a quem breve dedicará um ensaio. *** O segundo tomo das **Memórias** de Di Cavalcanti sairá breve. *** Até princípios do ano vindouro sairá também o primeiro volume da **História da Literatura Ocidental**, de Otto Maria Carpeaux. *** Cogita-se em se realizar uma passeata ao Catete, de protesto contra a portaria que permitiu o aumento do dólar para importação de livros. Qualquer das edições Gallimard, por exemplo, que custe mil francos na origem, passará a custar, no Brasil, mais de trezentos cruzeiros. *** Waldir Ayala, poeta, dedica-se nos últimos tempos de preferência ao teatro, já tendo concluídas cerca de seis peças curtas. *** Passará por completa remodelação o suplemento dominical do **Jornal do Comércio**, a partir de janeiro. San Thiago Dantas pretendia transformá-lo no melhor e mais completo da cidade. *** Próximo lançamento da Aguilar: a **Obra Poética** completa de Cecília Meirelles. *** Lançado, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, o livro **Madrinha Lua**, de Henrique Lisboa, em reedição. *** O poeta Afonso Felix de Souza casar-se-á em dezembro vindouro. *** Em Lisboa a romancista Dinah Silveira de Queiroz.

NOTÍCIAS DE ARTE

Vera Tormenta está assinando em **Última Hora** uma coluna dedicada às Artes: **Panorama das Artes Plásticas**. *** No Rio o professor Mário Chicó, de Coimbra. Veio ministrar entre nós um curso de História da Arte Portuguesa. *** Realizada em Recife importante exposição de arte pernambucana. Do Rio voou para aquela cidade pernambucana uma vasta caravana de críticos, artistas e jornalistas especialmente convidados pelo Cabanga Iate Clube. *** Os mosaicos de Ravenna exibidos há tempos em S. Paulo o estão sendo agora entre nós, no Museu Nacional de Belas Artes.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

LIONELLO BERTI (Piccola Galleria, desde 3 de novembro) — O artista italiano Lionello Berti, aluno de Rosai, no Brasil há somente oito meses, efetuou sua primeira exposição em março do corrente, na **Petite Galerie** em Copacabana: pouco interesse da crítica (com exceção de Mark Berkovitz e de Pedro-Manuel, verdade se diga), quase nenhum, do público. Agora, Berti expõe pela segunda vez entre nós cariocas, uma série de suas obras cheias de amargas alusões às injustiças sociais de nossa época de transição. São os padres, os juizes, os poderosos e os hipócritas que merecem com mais freqüência suas iradas apostrofações. Nesses momentos, o tom de Berti aproxima-se do de um Goya, ou do de um Daumier — para só citar dois grandes artistas de maneira de pensar muito idêntica à sua. Por vezes, é verdade, aproxima-se demasiado — e boa parte das invectivas de Berti emana direta ou indiretamente de Daumier. Nesses trabalhos, como em quase todos os demais (em que se compraz o jovem artista a retratar o lado ridículo da personalidade feminina, e não raro o feio, o monstruosamente grotesco mesmo em rostos que seriam belos, não fossem vulgares), as cores são frias, evocam o ambiente europeu em que Berti foi criado. Só em uns poucos quadros já aparece a paleta de Lionello Berti mais ambientada com nossa luz e nosso espaço, às voltas com outras tonalidades dantes desconhecidas. Expressionista, era de se esperar que no retrato atingisse Berti o melhor de suas qualidades; e com efeito, os retratos de seus jovens amigos são poderosos reflexos de temperamentos, servindo para dar um aspecto tocante não só da personalidade recôndita dos retratados, como também (e quase diríamos principalmente) da do retratante ele próprio. Em desenhos seus que surpreendemos quando de uma visita, levada a efeito há semanas, em seu **atelier**, descobrimos um Berti ainda amargo, mas por vezes brincalhão, ingênuo e quase infantil. É um tímido, Lionello Berti, e dos tímidos tudo se espera: desde a manifestação de ternura mais recôndita — pelas crianças, pelos animais, pelos objetos —, até aos grandes atos de revolta e de desespero. Sua arte reflete tal condição. E, ou muito nos enganamos, ou em futuro relativamente próximo iremos dela muito ouvir falar. Ainda uma derradeira observação: num momento em que o não-figurativismo prende as atenções de quase todos os jovens pintores, Berti, fiel à sua maneira de expressão, continua figurativo, fazendo alarde, inclusive, em determinadas obras, de um apuro técnico que os mais estúpidos logo identificarão com o academicismo, ou o realismo social. Não é um improvisado, esse jovem de trinta anos que Florença nos enviou; nem nega sua origem, nem pode esconder os severos estudos a que se dedicou na Itália, com um dos grandes mestres da arte peninsular contemporânea.

UM DOS MAIS importantes lançamentos da temporada, o volume publicado pela Organização Simões — **"Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira"**, sobre o qual falaremos proximamente. A editora promete ainda, para breve, a correspondência do grande escritor de **"Macunaima"** com o romancista Rosário Fusco, bem como a que ele manteve com **Marques Rebêlo**. O volume, que é agora oferecido ao público, de extraordinária importância para uma melhor compreensão do espírito e da obra da grande figura do nosso movimento modernista, traz uma apresentação de Manuel Bandeira.



INFÂNCIA, PRIMEIRO CICLO

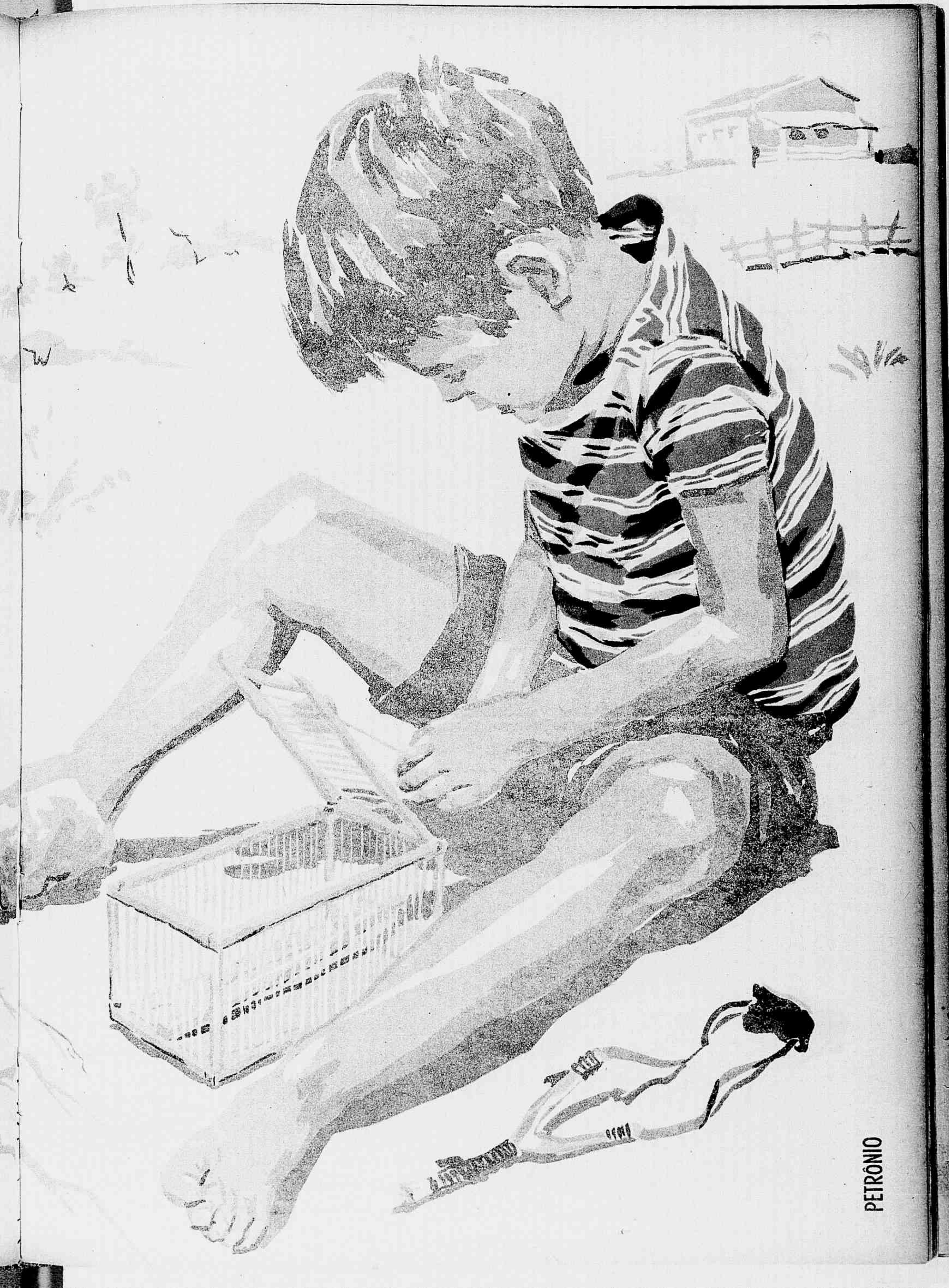
ALMEIDA FISCHER

A LEMBRANÇA MAIS remota que tenho do passado é a de quando eu tinha seis anos e fazia as minhas peraltices nos arredores da "Chácara Ferreira". Eu era um guri gordinho, de olhos muito verdes e de cabelos cacheados, meio ingênuo, meio peralta, sabia já papagaiair uma porção de rezas sem entender nada e saltar, inocentemente, alguns palavrões.

A "Chácara Ferreira" não passava de um aglomerado de casinhas de chão batido, espalhadas pelo campo em grupos de quatro ou cinco, com apenas uma torneira e um tanque d'água para cada grupo, ao redor dos quais se reuniam as lavadeiras, grandes cantoras humildes que não conheciam melodia e que, nem por isso, cantavam tão mal. Antigamente, havia sido mesmo uma chácara bem grande, quase um sítio, e as casinhas eram ocupadas pelos empregados. Depois a chácara se desfizera e as casas passaram a ser alugadas a 30\$000 (naquele tempo ainda não existia o cruzeiro) por mês, à gente pobre que não podia pagar os aluguéis elevados das residências da cidade. O nome, entretanto, continuava sendo o mesmo.

Eu morava, nesse tempo, com os meus padrinhos, um casal de velhos sem filhos, que me estimava muito. De minha mãe, tinha apenas vagas lembranças. Sabia que existia, que morava muito longe e que, às vezes, me mandava alguns presentes. Nem o seu nome sabia. Mas, D. Benedita, minha madrinha, sempre falava dela, dizia que logo me viria buscar. Então, eu fazia um biquinho de choro e, se não viessem me agradar, armava um berreiro danado. De meu pai, nunca falavam nada; e quando eu perguntava, na minha grande ingenuidade de criança, se não tinha pai, minha madrinha desconversava, inventava uma história qualquer, muito diferente, me dava doces e me mandava brincar, com os outros meninos, no campo.

Nossa casa era uma das da extremidade e, por isso, tinha mais janelas, era mais arejada e mais saudável. Não tinha luz elétrica. De noite, "seu" Joaquim (era esse o nome de meu padrinho) acendia duas lamparinas feitas de vidro de remédio. Deixava uma na cozinha e outra na varanda. No quarto, onde dormíamos, havia um altazinho com uma porção de santos muito feios, alguns até sem braços, outros com a cara toda descascada e se esfarelado. "Seu" Joaquim acendia uma velinha dentro de um copo com azeite e punha no altazinho para clarear os santos. Eu dormia sempre com o rosto voltado para o outro lado, pois não gostava de olhar pra luzinha, porque ela oscilava muito e formava umas figuras esquisitas na parede.



CONTO INFÂNCIA, PRIMEIRO CICLO

Antes de me deitar, D. Benedita me fazia rezar uma porção de rezas. Eu não gostava nada disso e rezava sempre meio dormindo. Então ela me punha no berço e balançava um pouco, às vezes contava umas histórias muito bonitas, de príncipes e fadas, até eu adormecer.

Menino criado solto pelos campos e capoeiras, eu amava a molecagem, a correria pelos vales, as brincadeiras nos riachos da redondeza, os jogos de futebol com bola de pano, em que tomavam parte todos os moleques do lugar. O meu divertimento predileto, porém, era caçar passarinho com bodoque ou com alçapão. Passava, às vezes, o dia todo no mato, e nem ouvia os agudíssimos gritos de minha madrinha, me chamando:

— Fabiano... Fa-bi-a-no-o-o-o...

D. Benedita tinha um peito de soprano aposentado e, quando dava os seus gritos, podia-se ouvi-los de uns quinhentos metros de distância.

Mal me levantava, o campo ainda estava molhado do orvalho da manhã, desaparecia pelas capoeiras com uma gaiola e um alçapão debaixo do braço, uma sacola de pano a tiracolo, cheia de pedregulhos pra usar no estilingue. Ficava, geralmente, horas e horas, quieto num lugar, olhando os papacapins ou pintassilgos que se aproximavam da gaiola. Quando o passarinho chegava à "bôca" do alçapão, eu prendia até a respiração, e ficava numa grande ansiedade, antegozando o prazer de tê-lo nas mãos. Nesses momentos críticos, muitas vezes aparecia um menino do outro lado, que passava inocentemente perto da gaiola, espantando o passarinho. Se o menino era menor que eu, apanhava na certa. Se era maior e mais forte, então eu não dizia nada, mas ficava com uma enorme raiva remoendo por dentro, com um desejo muito grande de lhe dar uma estilingada. E, muitas vezes, dava mesmo. Depois, agüentava a "parada", com o estilingue em punho, munido de respeitável pedregulho, pronto para atirar. O menino se acovardava diante do persuasivo argumento e se retirava, prometendo vingar-se:

— Um dia eu te pego...

As horas, assim, passavam muito depressa e, geralmente, eu perdia o almoço. Minha madrinha ficava danada de raiva. Quando eu aparecia, à tarde, para jantar, meio desconfido e arrependido, ela me esperava atrás da porta com uma vara de marmelo. E não perdoava mesmo. Descia a vara sem dó. Eu armava um berreiro sem fim, pois quanto maior fôsse o barulho, mais depressa ela se dava por satisfeita.

D. Benedita era muito gorda e lerda e, por isso, nem sempre conseguia pegar-me. Eu chegava a casa meio prevenido, muitas vezes entrava pela janela da frente, cautelosamente, e surpreendia minha madrinha atrás da porta, com a varinha de marmelo pronta para entrar em função. Escondia-me no quarto até passar o momento perigoso e, quando a vigilância diminuísse, isto é, quando minha madrinha saía ao campo para me procurar, eu pegava o prato de comida que estaria coberto sobre o fogão e comia rapidamente. Quando ela voltava, geralmente eu já tinha dado o fora. Assim, às vezes, eu conseguia livrar-me de algumas surras. Mas, nem sempre isso acontecia e o único recurso era, então, gritar desesperadamente, para que a surra fôsse menor.

Uma noite, eu estava deitado, havia muito tempo, um automóvel quebrou o sossêgo do lugar com o roncar do seu motor, no esforço de vencer a estrada quase intransitável, e o barulho de abrir e fechar porteiros e mesmo o buzinar contínuo para não atropelar as vacas e cavalos que andavam soltos pelo pasto. Os cães de todas as casas se reuniram no terreiro fronteiro às mesmas e fizeram uma algazarra memorável. Todo o mundo acordou, e as janelas se abriram imediatamente, desenhando, na noite escura da "Chácara Ferreira", inúmeros retângulos amarelados de luz.

O automóvel parou em frente à nossa casa e dêle desceu uma moça muito bonita, carregando uma porção de malas e embrulhos de diversos tamanhos. Eu já me estava levantando para ver o que tinha acontecido. Vi então D. Benedita abraçando a moça

bonita, muito contente, chorando até de alegria. Depois, a moça veio para o meu lado (eu estava espiando a cena da porta do quarto) e me beijou muito, pegou uns embrulhos e disse que eram para mim. Abriu uma enorme mala e tirou de dentro uma bola de couro, dessas que se vêem nos jogos de futebol de gente grande, e me deu. Minha madrinha, então, mandou que eu tomasse a bênção da moça bonita, porque ela era minha mãe. Fiquei meio encabulado e quis fugir para o quarto. Mas, na manhã seguinte, já éramos bons amigos e passeávamos pelos arredores, provocando a curiosidade da gente humilde do lugar.

Eu me sentia orgulhoso de ser filho de uma moça que morava longe, vinha me visitar de automóvel, bicho tão raro por aquelas bandas, e que sabia contar uma porção de coisas maravilhosas que aconteciam numa cidade enorme, dessas que a gente vê nos cartões postais. Meu cérebro de criança ficou todo atrapalhado, confundindo o céu de D. Benedita, onde residem os santos, com a grande cidade cheia de maravilhas, em que minha mãe morava. Mais tarde, quando saí a brincar pelo campo, contei uma porção de coisas fantásticas aos meninos, que me rodearam, para admirar minha roupa nova e, principalmente, a grande bola de couro que eu trazia cuidadosamente nas mãos.

Minha alegria, entretanto, durou muito pouco, pois, na manhã do outro dia, depois de me botar na roupa nova e calçar um bonito, mas incômodo sapato de verniz, que me machucava o calcanhar, mamãe me levou à cidade, para me matricular no Grupo Escolar.

Eu vivia muito feliz pelos campos e não compreendia porque minha mãe fazia tanto empenho em me mandar para a escola. Ouvia sempre os companheiros falarem sobre o Grupo Escolar, onde havia uma porção de mulheres chamadas professoras, que costumavam surrar os meninos com uma vara comprida e gostavam também de dar beliscões e puxões de orelha nêles. Falavam de números e contas difíceis que eram obrigados a aprender, da história de três navios que andavam no mar à procura de terras sem dono, de índios que comiam gente (eu sabia que índios eram homens maus, com muitas penas enfiadas na cabeça e no corpo e que apareciam sempre nos filmes seriados das matinês do Cine São José) e de uma porção de outras coisas que tinham de aprender para não ficarem de castigo.

Eu via sempre os meninos da redondeza seguirem para a escola com livros e cadernos debaixo do braço, e não tinha inveja deles. Preferia pegar uma gaiola e ir para a capoeira caçar sossegadamente os meus passarinhos, ou formar um "combate" de futebol, com bola de pano, com a molecada miúda do lugar. E agora, que minha mãe me havia dado uma bola de couro, dessas bolas de verdade, inventavam de me mandar para a escola. É verdade que os meninos não ficavam lá o dia inteiro. Voltavam sempre ao "meio-dia" e dispunham da tarde toda para brincar. Mas, de manhã, era a melhor hora para caçar com alçapão pintassilgos e, principalmente, correntinos.

Era janeiro, e andava chovendo todos os dias. O Grupo ficava perto de casa, mas, assim mesmo, ficamos um pouco molhados. Fomos recebidos por um senhor gordo que, depois, fiquei sabendo ser o diretor da escola. Minha mãe conversou bastante com o senhor gordo, mostrou um papel para ele. Parece que ele não queria que eu entrasse para a escola porque não tinha idade suficiente.

— Não posso matricular aluno com menos de sete anos. Há muitas crianças precisando de escola e o Grupo não comporta a todos...

Fiquei contentíssimo, apesar de notar que minha mãe estava contrariada. Não entraria para a escola ainda êsse ano e poderia continuar com as minhas peraltices pelos campos e capoeiras, sem tomar beliscões e puxões de orelha. Mas minha mãe continuou falando com o homem uma porção de tempo e conseguiu matricular-me. Mamãe era amiga de infância da mulher do prefeito municipal e o diretor devia-lhe uns favores, além de que, um pedido vindo da Prefeitura, tinha, para ele, força de lei.

— Também, o menino completará sete anos daqui a um mês... Seria até injustiça se eu não o aceitasse...

No Grupo Escolar aprendi uma porção de coisas boas e um maior número de coisas más. Recebi safanões, beliscões, pontei-radas, o meu gênio forte de moleque acostumado à liberdade in-tegral foi perdendo as arestas e se acomodando dentro de uma disciplina quase humilhante, onde reinava a prepotência dumas professorinhas pernósticas (que talvez até apanhassem do marido) e a impertinência doentia de um diretor idiota. Fui tendo, desde muito criança, uma visão do que era a sociedade onde eu teria de viver.

Quando fazia o quarto ano, com um professor que tinha sido jogador de futebol e que encontrava o maior prazer dêste mundo em dar pontapés nos traseiros dos alunos, arranjei a minha pri-meira namorada. Tinha a minha idade, mas era bem mais alta que eu, usava já uns seios miudinhos e alvos que o decote do vestido, muitas vezes, deixava ver. Chamava-se Aurea e era bastante bonita. Cursava também o quarto ano, no mesmo pe-riodo, mas na classe feminina. Mandava-me muitos bilhetinhos amorosos, escritos com uma letra pequenina e nervosa, que eu lia com grande prazer e mostrava aos amigos mais íntimos. Con-versávamos algumas vezes à noite, perto de sua casa, umas con-versas tôlas e infantis. Aurea, pouco a pouco, me foi polindo, foi anulando o meu natural acanhamento e, algum tempo depois, nós já ficávamos encostados ao muro, bem juntinhos, como na-morados de verdade. Segurava as minhas mãos, encostava-se muito em mim, suspirava baixinho e muitas vezes me beijava tão forte-mente que me sentia meio sufocado. Eu era muito criança e não podia compreender o grande prazer que ela encontrava em me beijar daquela maneira.

Aurea estava com onze anos e já era mulher, ao passo que eu, com essa mesma idade, não passava de um menino. Entre-tanto, a repetição daqueles violentos carinhos me foi modificando e me proporcionando algum prazer. Dessa forma, conheci o amor através da minha primeira namorada. E foi um mal. Ela me iniciou no amor antes da época normal e me sugou, quase ino-centemente, alguns anos de vida...

Um dia, meu pai apareceu. Chegou à minha casa à tardinha, quando eu já havia voltado do "poção", onde tinha ido nadar com os companheiros. D. Benedita o recebeu de cara fechada, visivelmente contrariada. Meu pai me tratou muito bem, trouxe-me também uma porção de presentes, entre os quais uma bonita roupa de marinheiro, azul-marinho, com boné e galões dourados. Infelizmente, eu tinha crescido muito e a roupa não servia, nem o meu corpo conseguia entrar nela. Fiquei bastante aborrecido com aquilo, pois há muito tempo que eu vinha namorando uma roupa igual àquela, de um meu colega de Grupo. Meu pai também ficou um bocado contrariado, mas prometeu arranjar outra, não de marinheiro, que já não ficava bem para um menino do meu tamanho, porém, uma fatiota de casimira azul-marinho bem bo-nita. Consolei-me, não havia outro remédio.

D. Benedita começou a discutir com meu pai, a dizer que êle não tinha direito de me levar, que ela não admitia isso e não deixava mesmo que eu seguisse com êle.

Meu pai, muito calmo, ia explicando que me traria de volta, ela que não ficasse preocupada, eu iria fazer apenas um passeio.

— O menino passa uns dez dias comigo. Depois, eu venho trazê-lo. Não vou tirá-lo da senhora. Quero apenas que êle fique comigo uns dias... Afinal, eu também tenho algum direito sobre êle...

Depois de muita discussão, minha madrinha concordou que meu pai me levasse. Eu iria passar uns dez dias numa outra cidade, em companhia dêle.

— É na cidade bonita onde mamãe mora?

Meu pai fez de conta que não ouviu e nada disse. D. Benedita ficou meio atrapalhada e demorou pra responder.

— Não... Sua mãe mora numa outra cidade, em companhia da irmã dela, sua tia...

Eu achei aquilo esquisito, pois os pais dos outros meninos sempre moram na mesma casa. Por que os meus pais haviam de morar em cidades diferentes? Fiquei pensando no caso algum tempo, mas logo me esqueci dêle. Tinham formado um "combate" de futebol no "campinho" e vieram chamar-me. Eu era o melhor chutador do nosso quadro...

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — ex-celente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



1 — Dorothy Lamour, famo-sa por uma série de fil-mes tendo como cenário as ilhas dos mares do sul, foi dirigida por John Ford numa pe-lícula extraída de uma novela de Joseph Com-rad. Foi ela:

- O Furacão?
- Tufão?
- A Sereia das Ilhas?

2 — Esmalrado significa:

- Indolente?
- O mesmo que desal-mado?
- Que mamou em ex-cesso?

3 — "E pur, se muove" (en-tretanto, está se mo-vendo) é uma famosa frase atribuída a:

- Kepler?
- Galileu?
- Copérnico?

4 — O campeão sul-ameri-cano de pugilismo, peso leve, é:

- O brasileiro Pedro Galasso?
- O chileno Sérgio Sál-via?
- O argentino Pascual Perez?

5 — Qual o nome por que é conhecida a nona sin-fonia de Beethoven:

- Coral?
- Pastoral?
- Heróica?

6 — Vítor Meireles, autor do famoso quadro "A Pri-meira Missa", tinha como último sobrenome:

- Lima?
- Rocha?
- Rodrigues-

7 — Mariz e Barros, nascido a 7-3-1835, no Rio de Janeiro, foi um famoso:

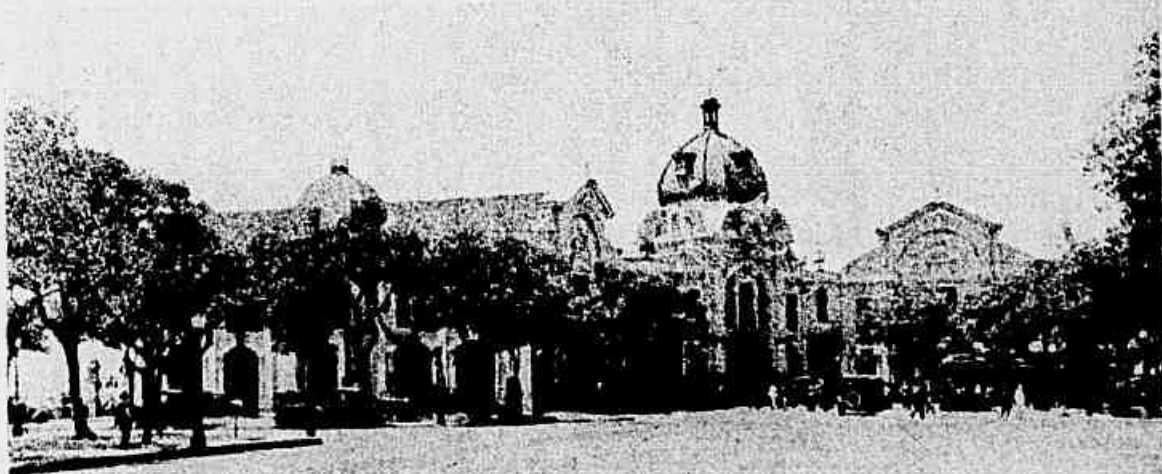
- Militar?
- Advogado?
- Médico?

8 — José de Alencar, autor de "O Guarani", além de romancista foi:

- Embaixador?
- Senador?
- Professor de mate-mática?

9 — A atual Praça Quinze, no Rio de Janeiro, se chamava antigamente:

- Praça da Sé?
- Largo do Paço?
- Largo do Chafariz?



RESPOSTAS: 1) O Furacão; 2) Indolente; 3) Galileu; 4) Pedro Galasso; 5) Coral; 6) Lima; 7) Militar; 8) herói da Guerra do Paraguai; 9) Largo do Paço.

APRENDA A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX



em apenas 19 dias.
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro "Como Aprender a
Dançar", 14ª edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cal-
ma Postal, 648 — São Paulo.
Cr\$ 130,00 — Encontra-se
também à venda em todas as
Bibliotecas de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Análise Particu-
lar, diariamente, das 8 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
128 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

REVISTA
DA
SEMANA
10 CRUZEIROS
EM TODO O
BRASIL

EU SEI TUDO

A VENDA TODOS OS MESES
NOS JORNALEIROS
PREÇO: Cr\$ 15,00

Cabelo branco?

ORF-LÉNE

Tinge melhor

CABELO... CRÊSPO...

HENNÉ-LÉNE

DO Américo

TINGE E ALISA

À venda nas Farmácias, Droga-
rias e Perfumarias.

INF. AMÉRICO: 25 - 2837

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernis-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de BEL-HORMON
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

A moça foi atirar-se na própria cama, comprimindo os lábios com os dedos. Sentia o beijo de Sérgio na carne, perturbando-a, enlanguescendo-a. Decidiu que acontecesse o que acontecesse, casar-se-ia com ele. Sarkis veria quem era ela. Queria senti-lo alucinado, dominado pelo seu corpo e seu espírito.

Sérgio também ficou perturbado. Nunca um beijo lhe dera tanto prazer. Por que? Por ter sido roubado? Não — porque beijara Jasmina! Perturbava-o principalmente não poder definir se a prima lhe retribuía o beijo ou apenas deixara-se beijar. Parecia-lhe que no começo ela cerrara os lábios, depois, entreabrira-os, ofertando-os. Não tinha certeza de nada pois o momento fora empolgante e confuso. Seus punhos fechavam-se com força ao imaginar a possibilidade daquela não ter sido a primeira vez que fora beijada.

Nabira, não encontrando mais utilidade em ficar de cama, perdeu por completo a paciência para aturá-la, ao aparelho de gesso e aos médicos. Considerava dr. Leôncio um burro, a maltratá-la sem necessidade. Desesperava-se com o calor, as coceiras, a posição forçada, enfurecida por não poder lavar-se nem conseguir que lhe tratassem as feridas produzidas pelo atrito do aparelho. Queria ir ao Rio imediatamente. Iria com Sérgio e Georgette. Em dois tempos voltaria curada.

Mas os médicos achavam complicado e pernicioso locomover-se, fazendo uma longa viagem aérea, metida naquela pesada e inconfortável cota de gesso. Aconselhavam-na esperar os restantes vinte dias do prazo para tirar o aparelho. Talvez, tudo estivesse bem e nem se tornasse necessário ir ao Rio. Apenas, teria de usar muletas algum tempo. Se entretanto, as fraturas não se tivessem soldado, a colocariam num aparelho mais leve, só para protegê-la durante a viagem e lá, os grandes especialistas resolveriam o caso. A família, depois de muito argumentar, decidiu-se por essa sugestão. Pela primeira vez, Nabira não resolveu o que fazer.

De ótima doente que era, transformou-se numa criatura irritadiça, nervosa, berrando a cada minuto para irem abaná-la ou coçar-lhe as costas com pauzinhos finos até onde pudessem. Detestava a comida, emagrecendo cada vez mais. Praguejava em árabe. Chegou mesmo a pensar que Nassim poderia ter arranjado o casamento de Jasmina e Sérgio de outra maneira. Não precisava tê-la derrubado naquele diabo de escada. Quando se levantasse, iria cuspir no batente desgraçado.

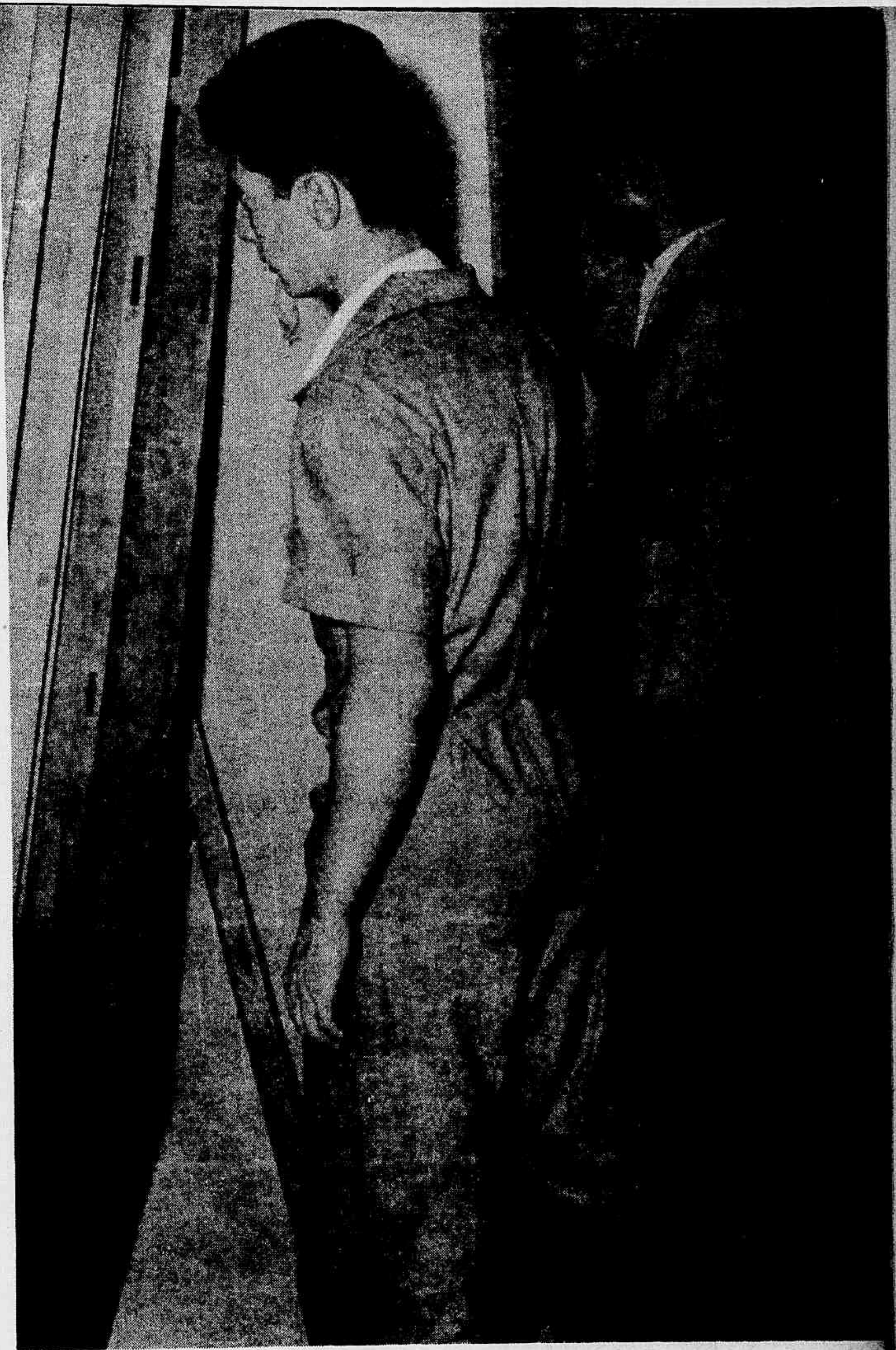
A mudança de atitude da velha, evidenciou claramente o que Jasmina e Sérgio adivinharam. Sua ânsia em vê-los casados era tão absurda, tão infantil e enraizada que a fizera tolerar e mesmo querer prolongar seus sofrimentos, na última esperança de acabarem por se unir. Seria fantástico e ridículo tão enraizado desejo, se não fosse comovente e tivesse claras explicações psicológicas.

Sérgio e Jasmina sentiam-se quase responsáveis pelo que acontecera e como se empurrados um para o outro por uma força poderosa e invencível, da qual, mesmo se quisessem muito, não se poderiam livrar.

Sérgio refletiu no fato de em cada pessoa haver um traço mais acentuado de caráter. Nuns a imaginação, noutros, a inteligência, em alguns a maldade, noutros a bondade. Sua avó tinha VONTADE. Ignorante, sem saber ler ou escrever, falando um tósco português aprendido com os caboclos do sertão, jamais deixara de realizar seus desejos, quer no Líbano ou no Brasil. O rapaz arrepiava-se imaginando que na certa ela só morreria quando bem quisesse e entendesse. Parecia manobrar até Deus. Quando estivesse farta da vida se mataria. Até então, não a arrancariam da terra.

(Continua)

Novas luzes sôbre o caso Aída Curi:

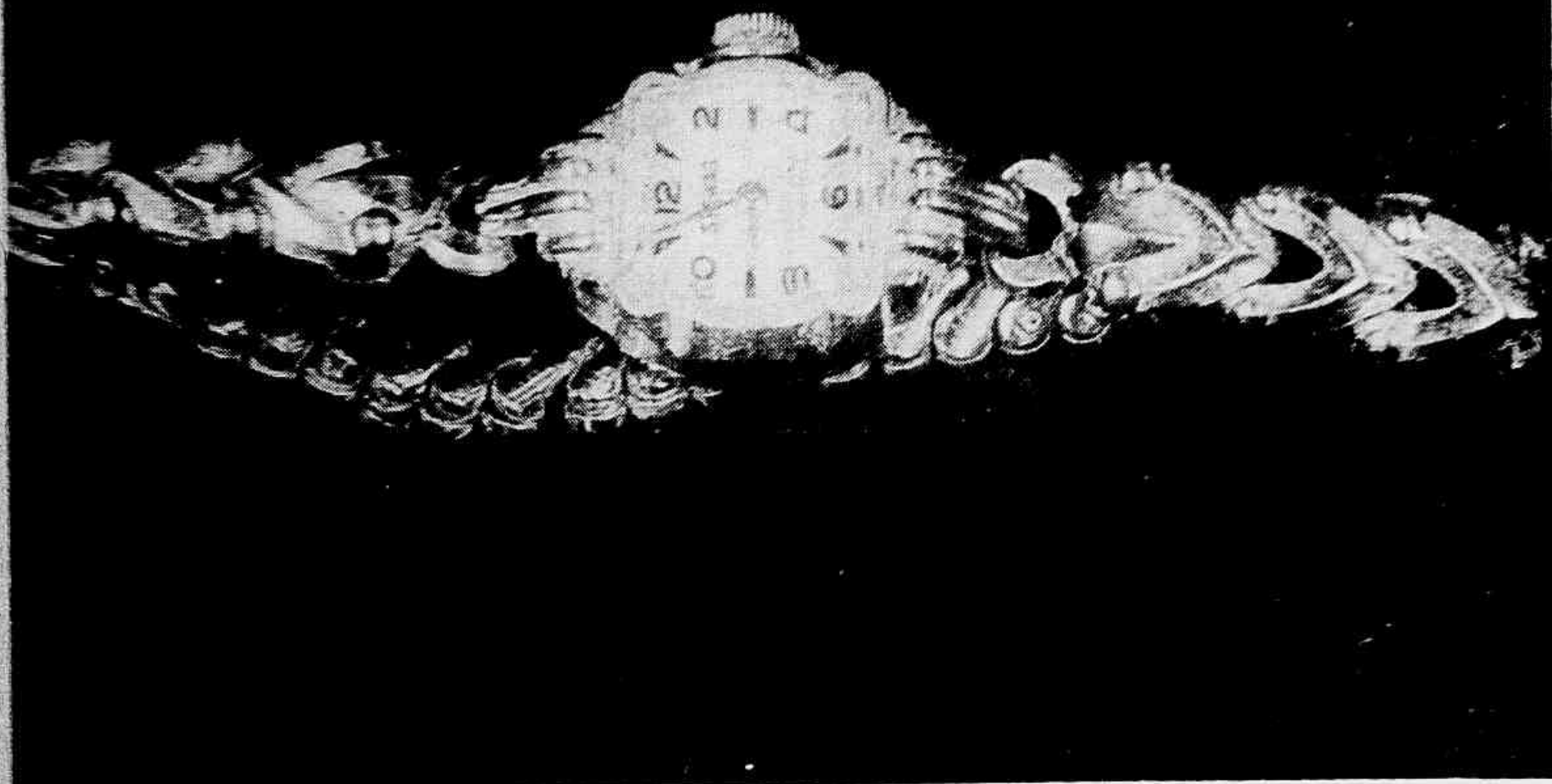


CÁCIO E RONALDO: a culpa é empurrada de um para outro.

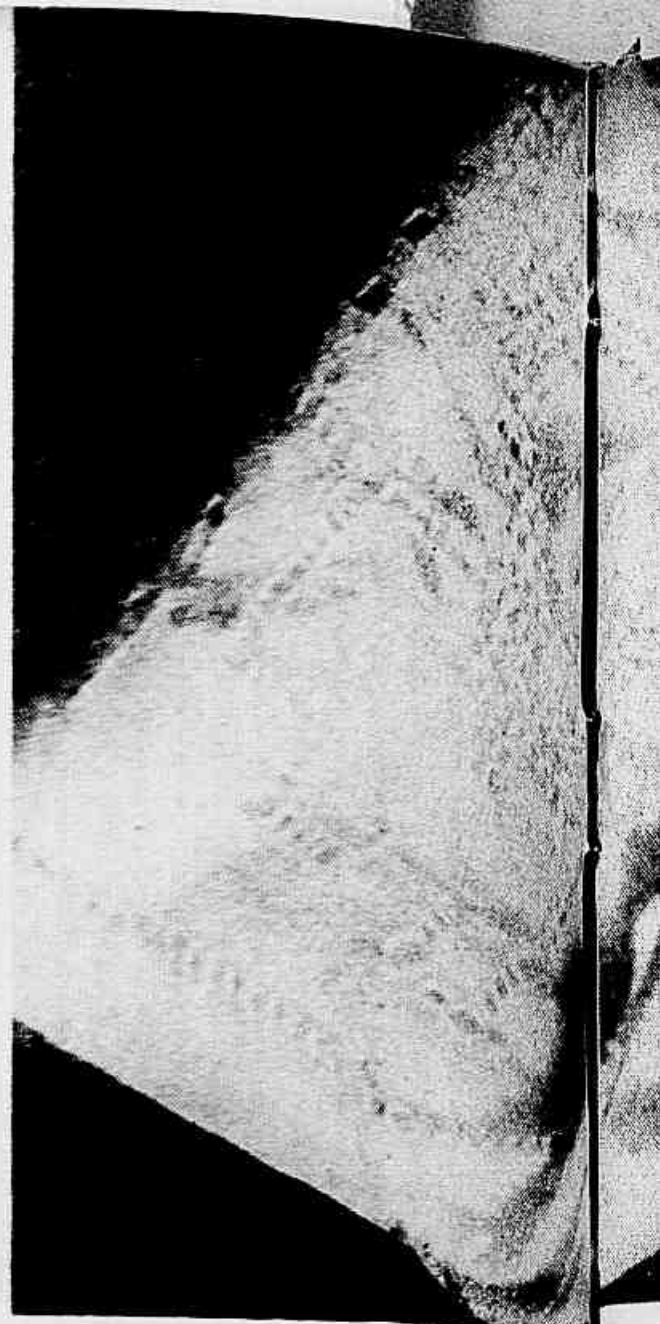
CRÍTICA À PERÍCIA QUER PROVAR INOCÊNCIA DE CÁCIO MURILO

A AGITAÇÃO dos dias imediatamente posteriores à morte de Aída Curi arrefeceu. Os jornais agora voltam ao assunto dando-lhe menos destaque, registrando uma ou outra entrevista de D.

Cacilda Soares ou do advogado Araújo Lima. Periódicamente, informam sôbre o giro de penitenciárias e reformatórias que Cácio Murilo vem realizando há três meses. A última mudança



O RELOGIO. Terá realmente caído no pulso da jovem?



O LENÇO. Conservou um

ocorreu há 15 dias, quando foi transferido do Presídio do Distrito Federal para o Instituto Padre Severino, próximo ao Galeão. "Para onde deveria ter ido desde o começo" — diz Araújo Lima — "uma escola".

Hoje se fala pouco no crime que atordoou durante dias seguidos a população da cidade. Mas os defensores do menor que é acusado de agressor e assassino da jovem que saltou de onze andares de um edifício para a morte, não descansam. Acreditam na inocência de Cácio e continuam denodadamente procurando reunir meios para inocentá-lo. Caracterizam a morte de Aída Curi como um puro suicídio. E substituem (é claro e expresso esse propósito) o "monstro agressor" Cácio por outro figurante — o porteiro Antônio João de Souza, que inculpa com mais violência a cada dia. Procuramos dar ciência aos nossos leitores de uma peça processual que ainda não foi devidamente apreciada pela opinião pública e cujo conteúdo, de grande interesse, é muito esclarecedor: o memorial crítico de Araújo Lima e seus auxiliares em relação ao laudo de exame de local. Nas páginas seguintes cuidaremos apenas de apresentar relatados os principais itens desta análise sobre o trabalho da perícia policial. Não tomamos partido na questão. Não queremos apontar culpados nem inocentes. Não somos a favor ou contra Cácio. Desejamos apenas oferecer ao público mais um elemento para que ele possa julgar um crime que profundamente o abalou. E que possa, da mesma forma, conhecer a qualidade e o teor dos exames periciais realizados pela nossa polícia.

FALHA FUNDAMENTAL

Em primeiro lugar, antes de entrar no mérito da questão, o memorial critica a não inclusão de Silva Pimentel, perito do laudo de exame de local, como relator do processo. O senhor Silva só foi reaparecer no processo como terceiro perito do segundo laudo de reconstituição. Ora, o senhor Silva Pimentel foi o único que esteve em contato com a cena da morte de Aída. Suas observações, forçosamente teriam que ser básicas para os trabalhos posteriores. Quais as razões de seu afastamento? Comenta o memorial que a principal delas é a sua incompetência. Diante dela os laudos posteriores, dos quais se alheia Silva Pimentel, não puderam mais fazer do que retocar suas anotações, aperfeiçoar a redação, sem com isso alterar a descrição dos fatos defeituosamente narrados.

O TÍTULO DO LAUDO

Já no mérito, a análise dá sua ferroadada crítica inicial no título do laudo — "Exame de atentado violento ao pudor seguido de

morte". Entendem os defensores de Cácio que por alguns vestígios — que o próprio Silva Pimentel chama de "poucos" — encontrados no corpo de Aída, não é lícito a um simples técnico concluir, de relance, o atentado ao pudor. E fundamentam esta crítica com uma hipótese, capaz de produzir os vestígios encontrados: a vítima poderia ter entrado em luta corporal com uma amiga ou uma pessoa de sua família, antes do encontro com os rapazes.

Em resumo: o memorial não se conforma com a caracterização apressada que Silva Pimentel fez do evento, apoiado na observação incipiente de uns "poucos" vestígios. E acrescenta que o perito batizou seu laudo impressionado com as manchetes dos jornais.

A POSIÇÃO DO CADAVER

Uma das apreciações a que a análise outorga maior importância é aquela sobre a posição do cadáver de Aída na calçada da Avenida Atlântica. Pelo que expõe, não fôsse a foto que mandou tirar, o sr. Silva Pimentel não conseguiria explicar de que maneira encontrou caído o corpo da moça, tal a confusão com que descreveu o fato.

COR DAS SANDALIAS

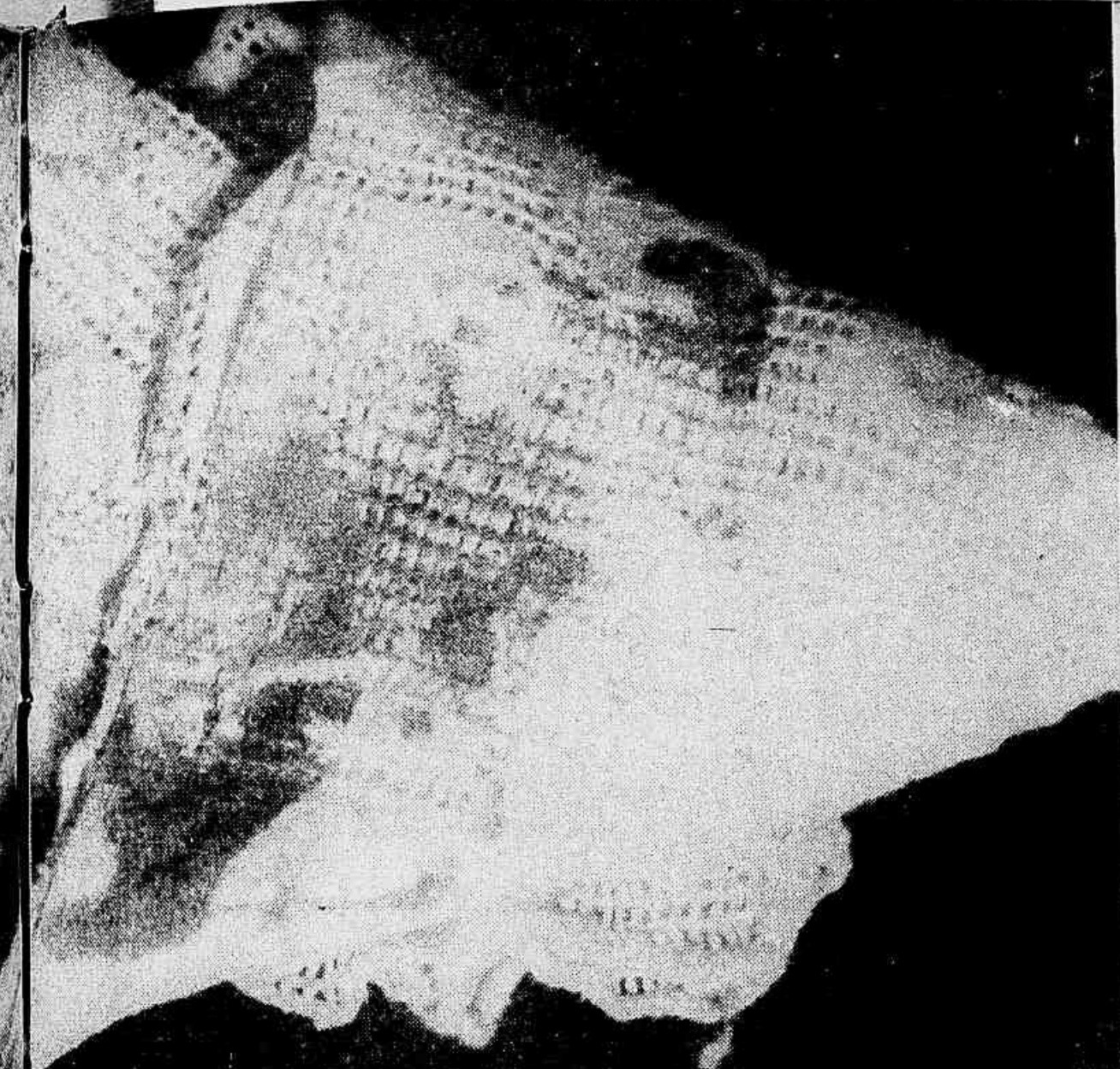
No detalhe das roupas de Aída, o perito de exame de local fala em uns "sapatos abertos de couro branco". O laudo do Instituto Médico Legal mais tarde mencionaria "sandálias cômico-rosa" confirmadas pelo Instituto de Criminalística. Onde se vê que o sr. Silva Pimentel clareou um pouco os calçados de Aída. Dada a importância que tem a fidelidade descritiva em registros desta natureza, o erro não é lá muito desculpável. Ao memorial ele não escapou.

UNHAS E DENTES

Quanto aos ferimentos recebidos por Aída, a análise estranha a constatação imediata pelo perito de algumas fraturas pouco notáveis à primeira vista, como a da fossa ilíaca e ainda a da ruptura de certos órgãos. Por outro lado, comenta-se que o dr. Silva Pimentel fala em ferimentos de unhas e "talvez" dentes. A crítica observa que seria muito mais lógico que o perito trocasse as bolas, falando em dentes e "talvez" unhas — ninguém ignora qual dos dois o agente que produz marcas mais notáveis. Critica-se ainda a ausência de exames das arcadas dentárias, unhas e detritos sub-unguais, bem como de fotos dos ferimentos. Os exames, muito principalmente, poderiam apontar com exatidão

NOVAS LUZES SÔBRE O CASO...

O Memorial de Araújo Lima e sua equipe aponta grandes falhas nos laudos periciais.



sangue que atesta violência.

o responsável pelos ferimentos que Aída sofreu. A análise, sem a menor cerimônia, queixa-se desta omissão especialmente em relação ao porteiro Antônio João de Souza.

OBJETOS DE AÍDA

Sobre a disposição dos objetos encontrados próximos à cabeça de Aída (uma bolsa cinza, um porta-óculos de couro com óculos quebrados, um livro de Corografia), a análise chama a atenção para o descaso que mereceram por parte do laudo pericial. O dr. Silva Pimentel parece não ter feito mais do que deduzir que deveriam ter sido lançados do terraço do Rio-Nobre, depois da queda do corpo. E assim calculou que transeuntes curiosos os reuniram junto ao cadáver.

Deplora-se ainda a inexistência de diligências relativas a estes objetos: não se apurou o ponto exato da queda da bolsa e do livro e nem se procurou colher as impressões digitais da bolsa, que era de plástico, excelente suporte para tais marcas.

RELÓGIO: PEÇA IMPORTANTE

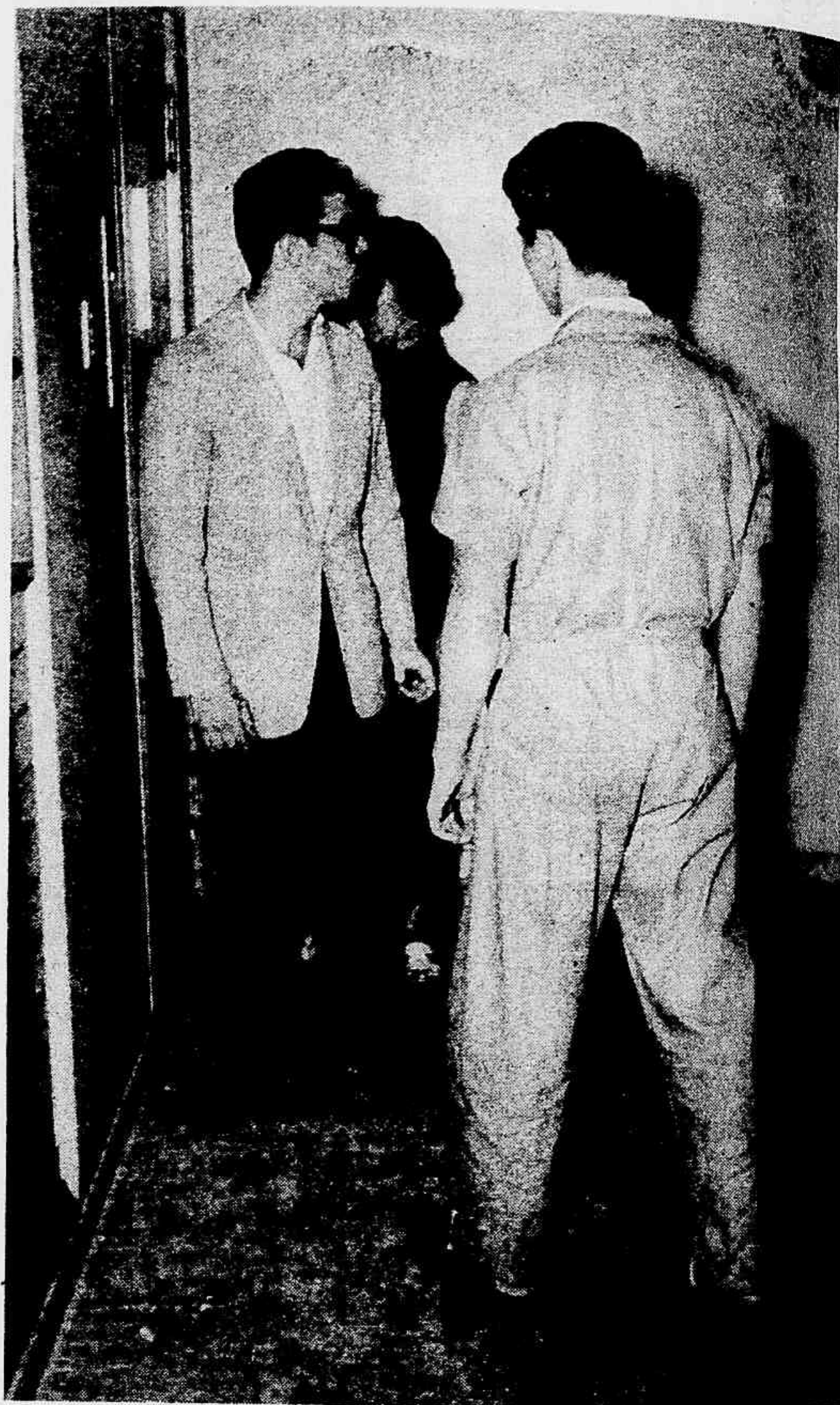
Outra providência, esta ainda mais gravemente esquecida foi a de não ter sido demarcada a exata posição em que foi achado o relógio de Aída. A análise condena esta falta, acentuando que pelo laudo de Pimentel pouco se conhece a respeito deste relógio. Ele não fala se foi retirado do pulso da moça, se de sua bolsa, não se anotou sua marca, nem mesmo — note-se — a hora que marcava. O memorial de Araújo Lima e seus auxiliares insistem na importância da escassez de detalhes sobre este objeto no laudo de exame local. Isto porque os laudos posteriores atribuíram ao relógio fundamental significação. Através dele, “o elemento cronométrico seguro”, foi fixado o horário da consumação do trágico evento — 20,56 horas. A esta hora o aparelho teria deixado de funcionar em virtude de uma concussão, que causou a quebra do pivô de seu eixo de balanço. Para a queda que sofreu o aparelho, o dano pode ser considerado insignificante. Nenhuma outra avaria recebeu este relógio.

Mesmo sua caixa permaneceu em bom estado. Entretanto os laudos acharam o fato perfeitamente explicável, de acordo com o pronunciamento dos técnicos. A análise dos defensores de Cácio Murilo, todavia, recorre ao laudo de exame cadavérico de Aída, para mostrar que a moça, ao chocar-se com o solo sofreu vários ferimentos nas mãos e nos braços. E com isto sentiram-se autorizados para duvidar da possibilidade de Aída estar com o relógio de pulso no momento em que saltou para a morte.



AS SANDÁLIAS. Sua cor provocou contradições nos laudos.

Para os defensores
de Cácio
houve crime,
não suicídio.
E o agressor de Aída
teria sido o
porteiro Antônio João.



Início da reconstituição no Rio-Nobre: Terezinha fez o papel de Aída.

A QUEDA DE AIDA (SEGUNDO O LAUDO)

Hipótese: homicídio.

Justificativas:

1 — Desproporção de altura entre vítima e parapeito, e a constatação do livro e da bolsa próximos ao cadáver.

2 — A cabeça do cadáver (ponto mais distante) estava à 3,40 metros da parede fronteira do edifício, o que demonstra que o cadáver foi lançado, pois em caso de projeção espontânea a referida distância seria muito maior, como tem demonstrado a casuística de suicídios por quedas de altura semelhante.

3 — As escoriações do lado direito de Aída, reduzidas por raspão ou atrito contra o parapeito, somente poderiam ter ocorrido com a projeção do corpo no sentido horizontal, o que não sucederia se o corpo passasse longe do referido parapeito.

4 — As lesões e o estado das vestes demonstram com absoluta clareza que a vítima foi severamente atacada e ferida, antes de ter sido projetada no espaço por seu agressor (agressores).

A QUEDA DE AIDA (SEGUNDO A CRÍTICA, EM REFERÊNCIA AO LAUDO)

Hipótese: suicídio.

1 — Não há desproporção entre a altura da vítima e a do parapeito: Aída media 1,63 m e o parapeito mede 1,03 m. É mesmo que houvesse apenas daria para eliminar a hipótese de morte accidental. Ainda assim, um tranco exagerado na luta que se teria travado junto à janela, poderia fazer com que a vítima perdesse o contato do pé com o piso.

2 — A posição do cadáver próximo à fachada do edifício não indica com segurança tenha sido ele lançado. Não há casuística abundante (nem mesmo regular) capaz de assegurar a existência freqüente de homicídios em tais casos. A casuística não chega a registrar um caso de homicídio por precipitação em um ano — essa é a estatística — como provam estudos médico-legais consultados. (Tratado de Ernestino Lopes).

A experiência demonstra, isto sim, que em casos de acidente (pelo resvalamento de um pé ou perda de equilíbrio) o corpo geralmente cai próximo à parede, pois nestas circunstâncias inexistente impulso frontal. E em caso de suicídio encontram-se muitos em que não se verifica o impulso e o corpo cai rente à murada do prédio.



Cácio ilumina o caminho. Ronaldo e a moça seguem-no de mãos dadas.



Os defensores de Cácio reúnem provas para libertá-lo. Trabalho de equipe.

3 — As escoriações descritas podem também ser provenientes da luta de Aída com seu agressor. Encostada ao parapeito, tentando livrar-se daquele que a agarrava e procurava levantar-lhe as vestes, Aída Curi poderia ter recebido, de raspão, os tais ferimentos. Sobre estas escoriações estabeleceu-se flagrante controvérsia nos laudos. O de Silva Pimentel afirma que "sòmente poderiam ter ocorrido quando da projeção do corpo em sentido horizontal...". O laudo de outro perito, Murilo Vieira Sampaio diz textualmente que "estão a indicar que o corpo foi provavelmente escorregado de pé".

A dar valor às escoriações, seria o caso de serem devidamente explicadas aquelas das coxas e pernas da vítima. Dir-se-ia que Aída as sofreu quando tentou galgar o parapeito.

4 — Quanto à agressão, não há dúvida que tenha existido. Acontece que não se esclareceu até o momento quais os ferimentos resultantes da agressão. Apenas foram arroladas conclusões baseadas em hipóteses, incapazes de objetivamente incriminar qualquer dos suspeitos. Aí existe outra conclusão ilógica nos laudos — inicialmente o perito Vieira Sampaio examina a possibilidade de dois participantes terem se ausentado do cenário do trágico evento no instante da queda. E em seguida, os subscritores do mesmo laudo, visivelmente interessados em não excluir dois dos implicados, asseguram categoricamente que todos participaram da cena.

CARACTERIZAÇÃO E RECONSTITUIÇÃO

Mais adiante o memorial condena expressões usadas pelo perito no sentido de caracterizar o crime como sexual. Para isto, observa o memorial, ter-se-ia que provar a existência de dois elementos indispensáveis à consumação de tal crime: a realidade da cópula e a natureza da violência. Provas estas não constatadas nas averiguações.

E, por fim, condena-se a reconstituição de episódio através de terceiros, face à recusa dos suspeitos — em seu pleno direito — em realizá-lo. Da reconstituição de terceiros os peritos retiraram conclusões várias, a maioria delas obtidas por arremedos de pessoas que não protagonizaram o acontecimento.

Este foi o memorial crítico apresentado pela equipe do advogado Araújo Lima, em nome de D. Cacilda Soares na defesa de seu filho Cácio Murilo, junto ao Juizado de Menores. Da sua importância brevemente conheceremos. Soubemos que Ronaldo, um dos implicados no "affaire" ao ter conhecimento do pedido de exame das arcadas dentárias feito no memorial, solicitou expressamente hora marcada com seu dentista. Terá relação uma coisa com a outra? Haverá ainda dúvidas sobre o caso Aída Curi? O tempo responderá.

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 8 de novembro de 1908.

DA GRANDE IMPORTANCIA a Revista, no presente número, ao regresso, da Alemanha, do Marechal Hermes da Fonseca, aonde fôra, a convite do imperador Guilherme, assistir à parada da Guarda Imperial de Tempelhoff e grandes manobras da Alsácia-Lorena. Foi grande a recepção feita ao Ministro da Guerra pelas classes armadas, pelo elemento oficial e pelo povo, que foi recebê-lo no cais Pharoux — como mostram as fotografias, ocupando duas páginas da revista.

Ainda ecos dos funerais de Arthur Azevedo são registrados, agora a propósito da missa do 7.º dia, mandada celebrar na igreja de São Francisco de Paula, pelos artistas dramáticos. Como notícia curiosa, apresenta ainda a Revista, sob o título de "Fecundidade", o nascimento de três gêmeos — Cosme, Damião e Daúl. Maria Amélia, a mãe, é uma pobre senhora residente na Quinta da Boa Vista, e para a qual solicita a Revista a caridade pública.

DE LONDRES, ATRAVÉS de um telegrama, chega-nos as declarações de Thomas Alva Edison, a respeito da "Aeronave do Futuro" — declarações de que nem o balão dirigível nem o aeroplano poderão resolver, com felicidade, o problema da navegação aérea. "É provável que eles prestem alguma atenção à navegação aérea — concede o inventor. Comecei no passado estudos deste gênero; mas não tive tempo de fazer um esforço sério nesse sentido. Estou firmemente convencido de que não vem longe o tempo em que será possível efetuar nos ares uma travessia e em que se terá a segurança das viagens que se realizam por terra e mar". E adiante: "Tenho uma fé bem fraca no aeroplano ou no balão como meios de navegação aérea. O aeroplano dos Wright depende muito da equação pessoal; colocai um outro homem na barquinha e a máquina não funcionará. A manobra depende de um manejo hábil da máquina pelo inventor." "Falta aperfeiçoar o sistema das hélices, manter o equilíbrio no ar, depois do que a aeronave futura poderá atingir as alturas em que as correntes dos ventos serão favoráveis, ou correr à flor do solo". E finaliza: "Trata-se simplesmente de levar para uma outra direção a aplicação dos conhecimentos mecânicos."

O PROBLEMA DA NAVEGAÇÃO aérea, está, realmente, em pauta, pois é ainda registrada a subida do balão *Dusseldorf* numa competição organizada pelo Aero Clube da Alemanha. Infelizmente, a subida do aerostato não foi coroada de êxito, sobrevivendo um acidente, que, só por milagre, não teve consequências fatais. É o seguinte o texto apresentado pela Revista:

"O capitão von Abercron, um dos três pilotos designados pelo Aero Clube da Alemanha para compartilharem a taça Gordon Bennet, subiu no dia 29 de setembro no balão *Dusseldorf* em companhia do tenente Stachwon Goltzheim. Quando o aerostato se encontrava a 2 000 metros de altitude, rebentou de repente. Sairão e salvo de uma queda de 2 000 metros não é coisa banal" — admite a Revista. "Foi, todavia, o que aconteceu aos dois aeronautas."

"Com uma admirável presença de espírito treparam às cordas da barquinha. O balão, inteiramente rasgado, estendia-se em forma de pára-quadras; a queda, de rápida que era a princípio, afrouxou pouco a pouco, e o capitão Abercron e o seu companheiro pousaram em terra sem sofrer mal algum e sem necessidade dos bombeiros e dos carros de ambulância chegados a galope, logo depois da queda do aerostato.

FOTO PITORESCA apresenta ainda a seção internacional. A que vem sob o título — "Um conselho de Ministros", acompanhada do seguinte texto-legenda: "Mr. Milliès-Lacroix, Ministro das Colônias da França, teve ocasião de apreciar durante a sua última viagem pelas colônias francesas, uma interessante reunião do Conselho de Ministros do jovem rei dos Dahomey.

O jovem rei, Adjiki Toffa, cuja coroação realizou-se há pouco tempo, adotou como uniforme uma imitação dos usados pelos diplomatas europeus e é assim revestido que ele preside ao conselho dos seus ministros que humildemente se prostram aos seus pés."

"GUARDA-CHUVA DE ALGIBEIRA" é o título do seguinte tópico com que a Revista apresenta a sua contribuição na divulgação da moda masculina. Ei-lo: "Um guarda-chuva que se mete num bolso parece assim uma história da carochinha. Pois não é. Um industrial americano acaba de inventar um chapéu de chuva original.

A armação é tão engenhosa que se dobra automaticamente; e a cobertura, de um estôfo impermeável, destaca-se igualmente com a maior facilidade, dobrando-se como um lenço e não ocupando mais espaço do que este. Assim, está um dia brusco, ameaçador? Serve de chapéu de chuva. Melhora o tempo?... Tira-se a armação e fica uma bengala leve e graciosa, com o seu castão, barato ou rico, segundo as posses de quem o usar. Dá-se o contrário!... A bengala arma prontamente em guarda-chuva. É num abrir e fechar de olhos...

Era assim há cinquenta anos...



O jovem rei do Dahomey, Adjiki Toffa, presidindo o seu Conselho de Ministros.



O landau conduzindo os srs. Marechais Hermes da Fonseca e Xavier da Câmara, ao passar pela Avenida Central.

PINTANDO COM A BÔCA — Aqui está uma mulher extraordinária. Trata-se da srta. M. Jars, artista que, sofrendo de paralisia infantil desde os 9 anos de idade, nunca se deixou abater pela adversidade. A srta. Jars, que é natural da Holanda, faz parte de um grupo de artistas incapacitados que pintam com a bôca e com os pés.



A PROPÓSITO DE... MULHERES

CARLOS A. NASCIMENTO

"A MULHER É UM ANIMAL de cabelos longos e idéias curtas". Essa foi uma frase do filósofo alemão Schopenhauer que se tornou famosa no mundo inteiro. Naturalmente que o famoso pensador cometeu uma grave injustiça ao fazer tal afirmativa. Mulheres existiram que se destacaram sobremaneira nos vários ramos da atividade humana. No mundo moderno, a mulher já se encontra (com raras exceções) num plano de quase absoluta igualdade com o homem. A emancipação econômica, política e social da mulher moderna já constitui uma séria ameaça à liderança do sexo masculino. Dir-se-ia que o matriarcado já lançou suas bases para o domínio do mundo e pouco falta para que nós, indefesos varões, sejamos governados por êsse animalzinho delicioso de cabelos longos.

AS MAIS FAMOSAS MULHERES DO MUNDO

Numa enquete feita pelos mais destacados jornalistas europeus, as 10 mais faladas mulheres dêsses últimos 25 anos são:

- A Rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, coroada em 1951;
- Grace Kelly Rainier, filha de um milionário norte-americano, ex-atriz de cinema e hoje soberana de Mônaco;

— Irene Joliot-Curie (prêmio Nobel 1935), filha de um casal de cientistas e casada com um cientista;

— Marie-Suzanne, irmã de caridade que dedicou toda sua vida aos leprosos em Magokai e nas ilhas Fridji, sem os mínimos requisitos de conforto. A religiosa conseguiu isolar o vírus da lepra e descobrir uma vacina até hoje utilizada em todo o mundo;

— a Rainha Juliana da Holanda, cuja coragem e capacidade de administração chamaram sobre si a admiração e o respeito de seus súditos e do mundo inteiro;

— a Santa Maria Goretti, assassinada aos 12 anos de idade em luta corporal com um homem que lhe queria roubar a pureza;

— Amelie Earhart, a primeira aviadora a cruzar o Atlântico; morta em 1937 quando sobrevoava o Pacífico;

— a Rainha Astrid da Bélgica (mãe do atual Rei Balduino), mulher de extraordinária beleza, que encontrou a morte tragicamente em 1935;

— Chanel, a camponesa que se recusou casar com um primo do falecido Rei Jorge VI da Grã-Bretanha para se dedicar à alta costura, vindo a se tornar uma das mais famosas modistas do mundo;



A PREFEITA — A sra. Katherine Elkus White, prefeita de Red Bank, Nova Jersey (E.U.A.) quando levava os sapatos de seu marido para o sapateiro da localidade.

— Yvette Labrousse, uma modesta costureira de subúrbio que, por sua beleza e inteligência, foi notada pelo terceiro Aga-Khan, que a fez esposa e princesa.

A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Dagmar Godowsky, a mais sensual atriz dos dias do cinema mudo escreveu uma autobiografia a que originalmente intitulou de "First Person Plural" (Primeira Pessoa do Plural). A obra, que inicialmente tinha o título de "Between Marriage" (Entre um Casamento e Outro), revela que "a primeira pessoa do plural" não se refere apenas a um romântico "nós", mas um plural bastante coletivo. A autora começa o livro com essas palavras impressionantes: "é uma tragédia que a idade me tenha privado da má reputação que eu gozava". Mais adiante vamos encontrar: "não era uma palavra que eu nunca me lembrava de pronunciar quando estava amando". Entretanto, para Dagmar o amor era um acontecimento passageiro e nunca resistia mais do que 24 horas. Isso se deduz quando a autora diz: "o único amor que resistiu ao tempo é o que sinto por mim mesma". Rodolfo Valentino, Caruso, Stravinsky, Chaplin e Rubinstein foram algumas das personalidades que passaram — não pelo coração — mas pelo leito de Dagmar. A autora levou exatamente um quarto de século escrevendo sobre "a primeira pessoa do plural".

...E AINDA NÃO DEU CERTO

A atriz Marie McDonald e o industrial Harry Karl divorciaram-se pela terceira vez! O primeiro casamento deu-se em 1947; 7 anos mais tarde, solicitaram divórcio. Poucos meses depois decidiram juntar novamente seus trapinhos. A felicidade não durou um ano e novamente batiam às portas da justiça. Concedido o divórcio, Marie viveu algum tempo separada de seu Romeu. Em 1956, novo romance, novo casamento. Agora chegamos a notícia de que o casal vai-se re-re-divorciar.



SALVA-VIDAS — As duas moças da foto experimentam equipamento de uma balsa salva-vidas. Essa profissão era até bem pouco tempo executada exclusivamente por homens.



MULHERES INTÉRPRETES — Eis aqui um grupo de jovens de Serviço de Intérpretes das Nações Unidas.



A MAIS FAMOSA BAILARINA DA ÍNDIA — Tara Chaudhri (foto) é a mais importante intérprete do "Drama Assames", a expressão dramático-coreográfica mais representativa da Índia.



várias nacionalidades quando ouviam uma preleção do chefe do

Desculpem-nos os leitores se, ao lerem essa notícia, os engraçadinhos já decidiram se re-re-casar, pois as decisões de ambos são mais rápidas do que a rotativa que imprimiu essa revista.

A propósito de divórcios e casamentos, Heddy Lamar, a conhecida atriz aposentada do cinema, está noiva. Seu "sexto" espôso será William Dugger.

NEM TANTO NEM TÃO POUCO

Aos 60 anos de idade faleceu recentemente Norma Talmadge, atriz do cinema mudo. Norma, que teve uma vida artística bastante intensa, aos 13 anos já era atriz; aos 20 era proprietária de uma companhia produtora e aos 25 era multimilionária. Casou-se duas vezes. Divorciou-se de seu primeiro marido — Joe Schenka — porque "não gostava de diversão". Divorciou-se de seu segundo espôso — Geo Jessel — porque "gostava demais" de diversão!

ESPIRITISMO

Desde que estreou na Broadway a peça biográfica "Jeanne Eagels", o produtor já recebeu mais de 300 cartas de pessoas que se dizem parentes da falecida atriz norte-americana. São "pais" e "irmãos" que assinam as cartas. Existe uma, a mais curiosa, que é assinada pela "própria" Jeanne Eagels!

"NIGHT CLUB"? NÃO, GALINHEIRO

"Le Metro Club" de Londres está apresentando um dos espetáculos mais curiosos do mundo: uma mulher egípcia apresenta seu número hipnotizando... galinhas.

E por falar em Londres, a capital britânica abriga a Companhia Teatral de Rosalind Fuller (cujo único membro é a própria Rosalind). Cognominada "a menor companhia teatral do mundo", a CTRF está realizando sua quarta "tourné" mundial de seu teatro monologado.

PARA A PRINCESA NÃO ESTRAGAR AS MÃOS

Um dos presentes que a Princesa Grace Kelly Rainier ganhou no dia de seu casamento e que mais chamou a atenção da soberana de Mônaco foi o que ofertaram (de parceria) as atrizes Riça Gam e Judy Kanter, "demoiselles d'honneur" durante a cerimônia real. Desembrulhado o volumoso presente, verificou-se que se tratava de uma máquina de lavar pratos!

BAILARINA? NÃO, COMANDANTE DO IMPÉRIO BRITÂNICO

Alicia Markova, a mais famosa bailarina internacional, foi agraciada pela Rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha com o título de "Comandante do Império Britânico".

A propósito, a atriz uruguaia April Onick é "General Honorária da Brigada do Exército Norte-Americano".

CANTORA POLIGLOTA

A bailarina-atriz-cantora Eartha Kitt fez enorme sucesso no Madison Square Garden, Nova Iorque, quando cantou em hebraico no Festival Chanuka numa campanha financeira em prol do Estado de Israel. Vale mencionar que essa não foi a primeira vez que Eartha canta no idioma judaico. Ainda recentemente, quando de sua excursão por Israel, a famosa cantora negra estremeceu a platéia de um teatro de Tel-Aviv cantando grande parte de seu repertório no idioma nacional judaico sem que se percebesse o menor sotaque. Aliás, a conhecida cantora norte-americana canta com perfeição absoluta em quase todos os idiomas da terra, sendo a única exceção o português, com o qual ainda não conseguiu se ambientar.

ELSA MAXWELL CANTA

Aos 74 anos (confessados) a famosa colunista norte-americana Elsa Maxwell gravou um disco LP para a Seeco Records. O registro cantante, ou melhor, desafinante da colunista, faz parte de um plano da gravadora de registrar para a posteridade a voz das personalidades mais destacadas do jornalismo social estadunidense.

TEATRO DE FANTOCHES :

PEQUENO

ARSENAL

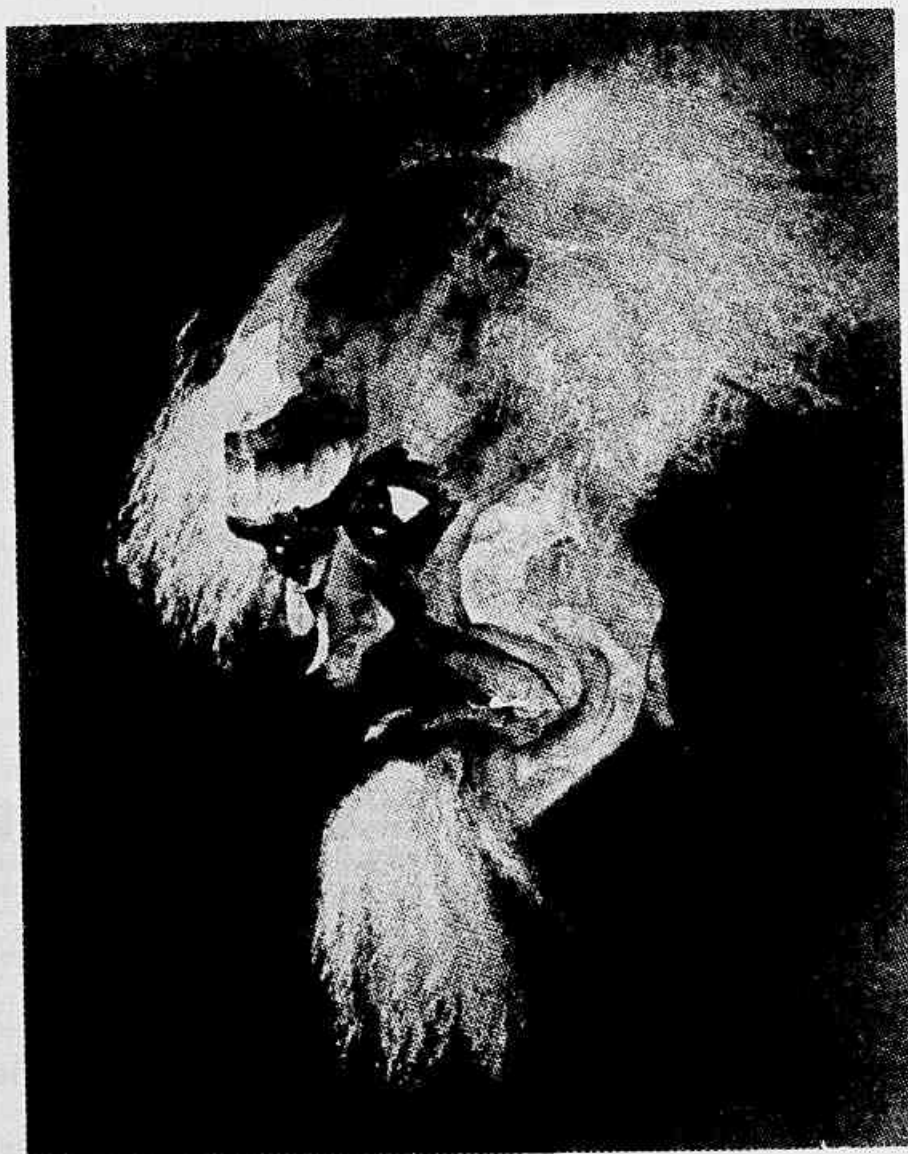
DA MAGIA



"Kasper" e "Gretel".



O guarda da peça "Incógnito".



O Espírito das Montanhas.



ALICE LANDAU

A ALEMANHA é por excelência a terra dos bonequistas. Com seus jogos de paixão e farsas burlescas levadas nas feiras e praças, representações que datam de épocas anteriores à idade medieval e mais tarde seus refinados espetáculos nas côrtes, esse país tem desenvolvido a tradição na arte do teatro de bonecos. São inúmeros os grupos que atuam em tôdas as cidades, figurando dentre os mais importantes, sem dúvida, os Hohnsteiner que também têm vindo ao Brasil.

Com seu pequeno universo constituído de várias dúzias de fantoches, da indispensável instalação elétrica e dos misteriosos instrumentos da contra-regra, tem conquistado a fama mundial de difusores de encanto.

Ao solicitar do espectador aquele resíduo de inspiração e pureza deixados pela infância, aliam uma técnica apurada ao poder de sua vasta criação artística. Desde o tocar da campainha, que precede a deliciosa queda do pano, há uma atmosfera de fascínio que perceptivelmente envolve a assistência.

Que força estranha e magnética emana destas figuras de metro de altura, cujos gestos grotescos imitam os humanos? Os cenários são relegados ao segundo plano a fim de não perturbar os efeitos criados pelos personagens. São simples côres. No entanto, na mente dos que assistem o verde se transforma em floresta, o vermelho em inferno e um canto escuro na extremidade da cena em antro dos ladrões.

O segredo talvez resida na função única dos bonecos. Ao passo que o ator teatral retém a sua qualidade de ser humano o qual, uma vez terminado o espetáculo, volta às suas venturas e preocupações de mortal comum, o fantoche retém a sua expressão. Sua rigidez é absoluta e confere a própria personalidade ao ator que, do anonimato dos bastidores, lhe dá a voz e o movimento. Se este for bom artista, se identificará com o seu fantoche a ponto de sofrer ao manipular dois ou três bonecos na mesma peça.

Os bandidos "Krils e Krals".



Tão grande é o impacto exercido sobre a imaginação pelos pequenos rostos de pau que a expressão destes parece variar sob o efeito de sua ação. A fisionomia de Faust reflete ora avidez, ora temor e finalmente o desespero que o precipita para a perdição. "Kasperl" simboliza a alma popular, a cujo humor rude é permitido exprimir as mais ousadas verdades, ora zombando do mundo ora de si mesmo. É o mediano dotado de senso-comum em face ao eterno irrequieto, o espírito simples e prático que vence a infrutífera procura do perfeito.

Três pessoas manipulam aquele pequeno arsenal de magias. No entanto, aos que assistem do outro lado da tênue parede, parece incrível ser tão reduzido o número de mãos a acionar o espetáculo com tamanha maestria e precisão. As cenas sucedem-se em ritmo perfeito e com esplêndidos efeitos dramáticos. São de grande poder sugestivo os momentos demoníacos em que a detonação de fogos de bengala dá a nítida idéia do purgatório. Eis onde aparecem possibilidades bem aproveitadas no espetáculo de bonecos e que são negadas ao verdadeiro teatro.

As histórias infantis de Max Jacob são interpretadas com aquela graça infinita que empolga porque vai direto à alma das crianças. Chovem as improvisações pois cada público recebe o seu tratamento particular. Quanta espirituosidade aplicada em determinadas situações! Quantas piadas deliciosas!

Os "Hohensteiner" entrosam a ação educativa nas suas histórias com tanta sutileza que esta passa despercebida. "Kasperl" velando pelo bem-estar de vovó, tal símbolo de amor entre os seres, age com poder sugestivo mais profundo do que a endotri- nação sistemática e martelada desses ideais.

Eis talvez a razão do seu sucesso na Alemanha, onde seu valor pedagógico tem sido reconhecido pelo govêrno que ampara a companhia. Seria um exemplo a seguir aqui onde tantos valores se desenvolvem no escuro sem outro estímulo senão a acolhida fervorosa dum pequeno público sempre entusiasmado.

"Kasper e o rei".



ALMANAQUE EU SEI TUDO — 1959

UMA

SURPRÊSA

QUE

SERÁ

RECEBIDA

POR

TODOS

COM

SATISFAÇÃO

(Continuação da pág. 26)

MAQUINAS VÃO DEVOLVER PARAÍSO A ADÃO E EVA

1 — Criará novas indústrias e profissões, abrindo "amplas possibilidades de emprego".

2 — "Liberando trabalhadores para atividades diferentes, aumentará também a renda a distribuir. Exemplo: de 1947 a 1952 a indústria eletrônica elevou de quarenta por cento o número de empregados, enquanto aumentou ela própria de quase trezentos por cento. As vendas de equipamento subiram no biênio 1954-1955 mais de duzentos por cento, organizando-se mil novas empresas do ramo."

3 — "Nos Estados Unidos, por obra e graça da automação, os setores que a adotaram em grande escala não reduziram a quantidade de empregados; ampliaram-na de maneira sensível, como aconteceu com a indústria automobilística — cem por cento; química — cem por cento; máquinas industriais — duzentos por cento. Atualmente, empregam-se na automação mais de um milhão de operários ali."

4 — "Tudo isso prova que a automação não tende a diminuir os empregos, mas a multiplicar a produção, com igual consumo (ou superior) de mão-de-obra."

5 — "Na Rússia, já existe o Ministério da Automação."

6 — "O governo brasileiro não pode fugir ao imperativo de automatizar certos serviços públicos, entre eles as estradas de ferro, os portos, o censo, os escritórios burocráticos, os bancos, caixas econômicas, os órgãos da previdência social."

7 — Nos Estados Unidos noventa por cento das atividades produtivas são realizadas mecanicamente. "Teremos dez por cento de máquinas ajudando o esforço muscular do homem brasileiro?"

8 — O assunto está provocando o mais vivo interesse inclusive na Escola Técnica do Exército.

DE VOLTA AO PARAÍSO

Uma pergunta: pode o homem assim — automatizado — ser feliz? Recordo o enciclopédico Huxley e o humaníssimo Dos Passos: "A máquina é o algoz da alma, a teia em que se emaranha o espírito". M.D.P. não compartilha de meus temores: "Através das idades", comenta, "o homem tem lutado com tenacidade para retornar ao Paraíso celestial, recuperando o privilégio perdido. A jornada tem sido áspera e sempre buscando na Árvore da Ciência os meios para dominar as dificuldades da caminhada. Começou com a madeira, a pedra, as fibras e os ossos, primitivos instrumentos a ajudar o trabalho do músculo. Depois vieram o fogo, a água, o vento, o ferro, a pólvora, carvão, a máquina, o átomo. A automação representa mais um passo no sentido dessa reconquista. Se ela solucionará os problemas fundamentais dos povos ou atingirá os supremos fins da humanidade? O que sei é que contribuirá com certeza para o esforço que os cientistas desenvolvem com a biologia, a psicologia, a ética e o direito, visando a assegurar a todos não somente o conforto material como ainda o necessário equilíbrio físico e espiritual, assim modificando esta época de desajustamentos universais."

E quanto ao amor, à liberdade, às questões sociais, aos sistemas filosóficos, aos regimes políticos? A automação cuidará disso? Talvez. A máquina pode quase sempre tudo. Agora o diabo vai ser quando, nesse renovado paraíso, Eva entrar em cena, não com a maçã, mas com o ferrugem.

ATENÇÃO, GAROTADA:

ESCREVA UMA CARTA

A PAPAI NOEL

E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL



REPETIMOS, HOJE, as bases da sensacional competição entre a garotada brasileira, lançada em nosso número 43.

SE VOCÊ AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR, COMO BICICLETA, CINEMINHA, COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS, BONECA, LAMBRE-TINHA, BOLAS DE FUTEBOL, PATIM, JOGO DE ARMAR.

VOCÊ PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL, EM S. PAULO, NO CEARÁ, NO AMAZONAS — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.

BASES DA "CAIXA POSTAL":

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta for boa, mesmo, você ganhará um presente cem por cento!
- 8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.

OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.
- 4 — No próximo número já podemos iniciar a relação dos presentes que seu filho poderá ganhar de Papai Noel — um presente de acordo com a idade. Destaque desde já o cupom que se encontra ao canto da página. Ele será responsável por um maravilhoso natal de seu filho.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

"CAIXA POSTAL" REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

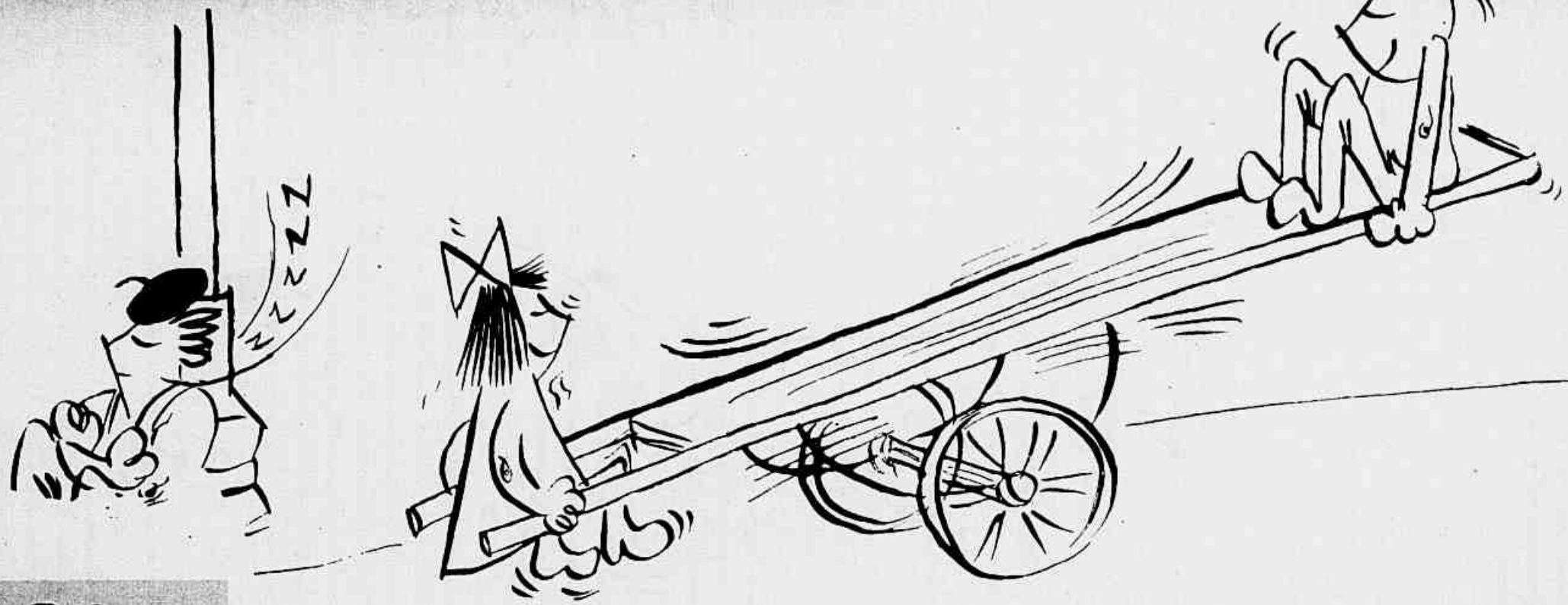
Idade Colégio

Série que frequenta

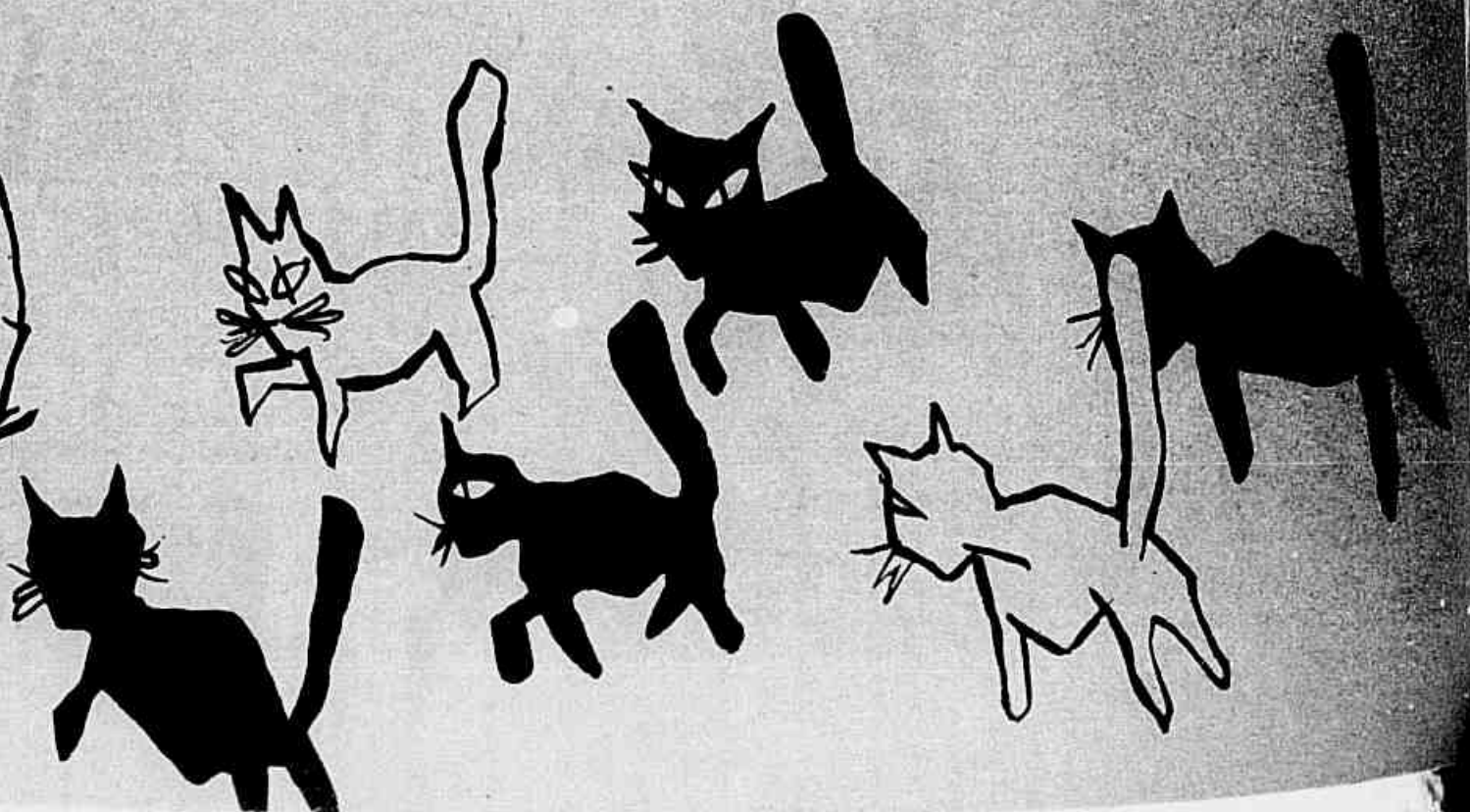
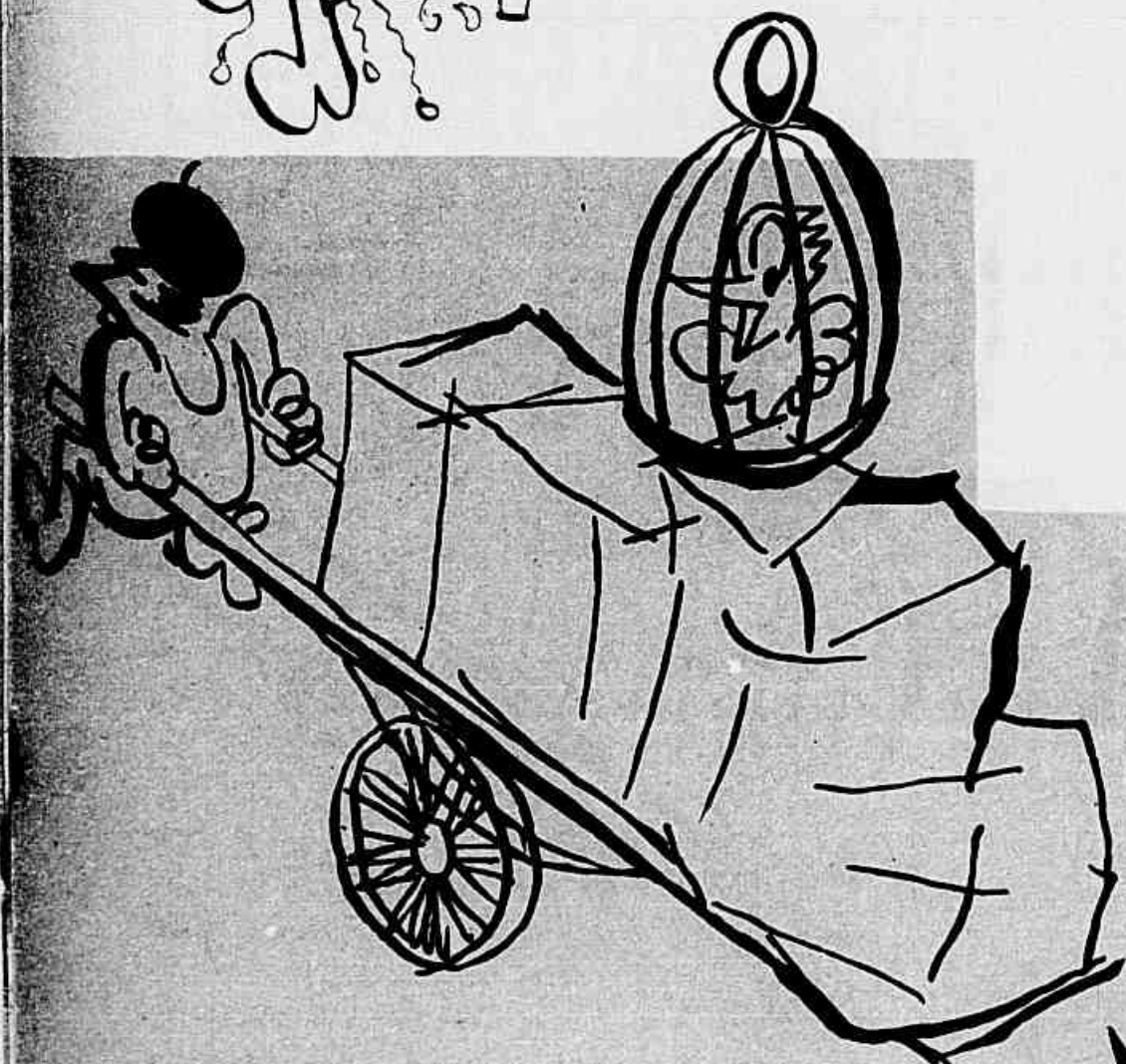
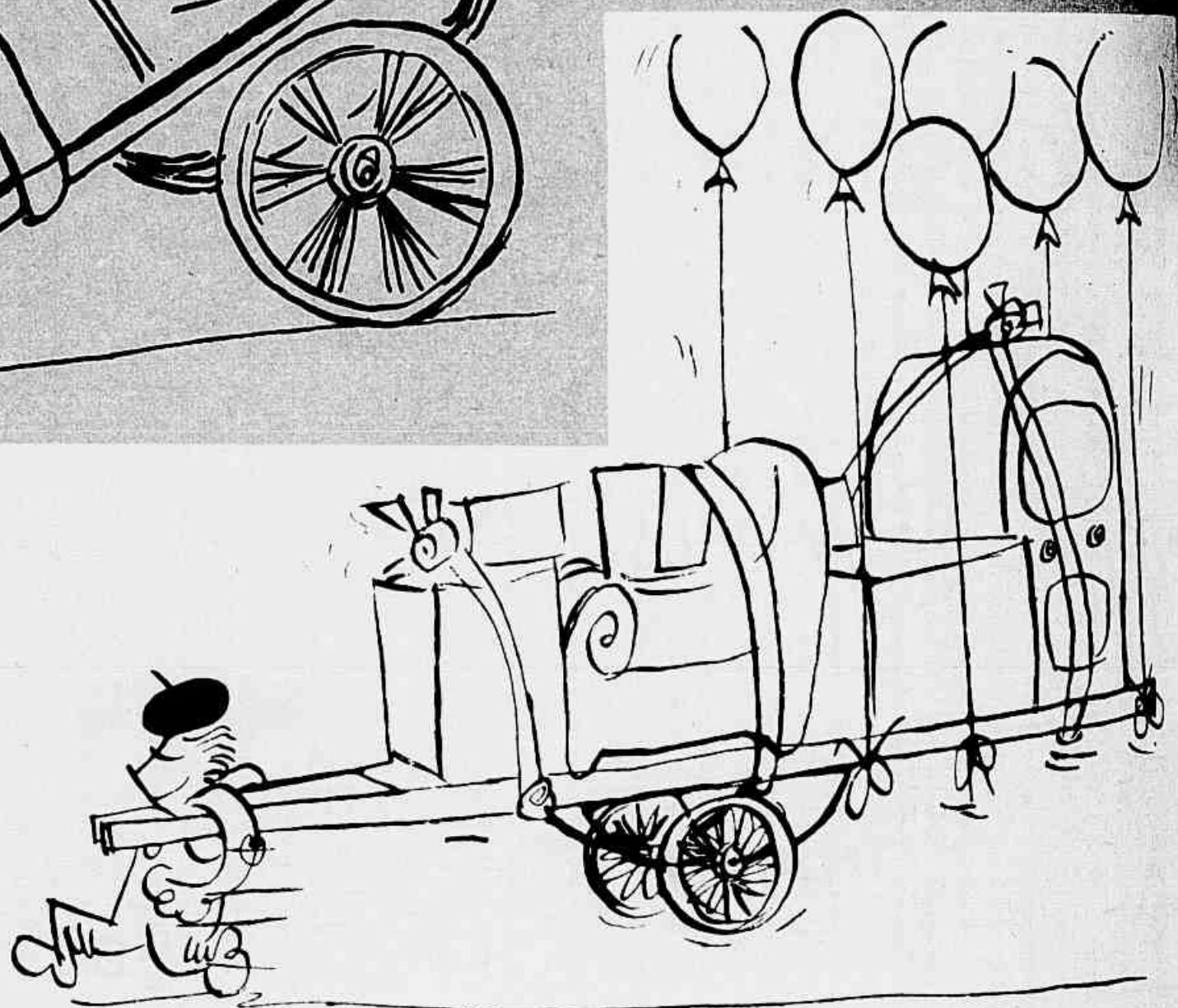
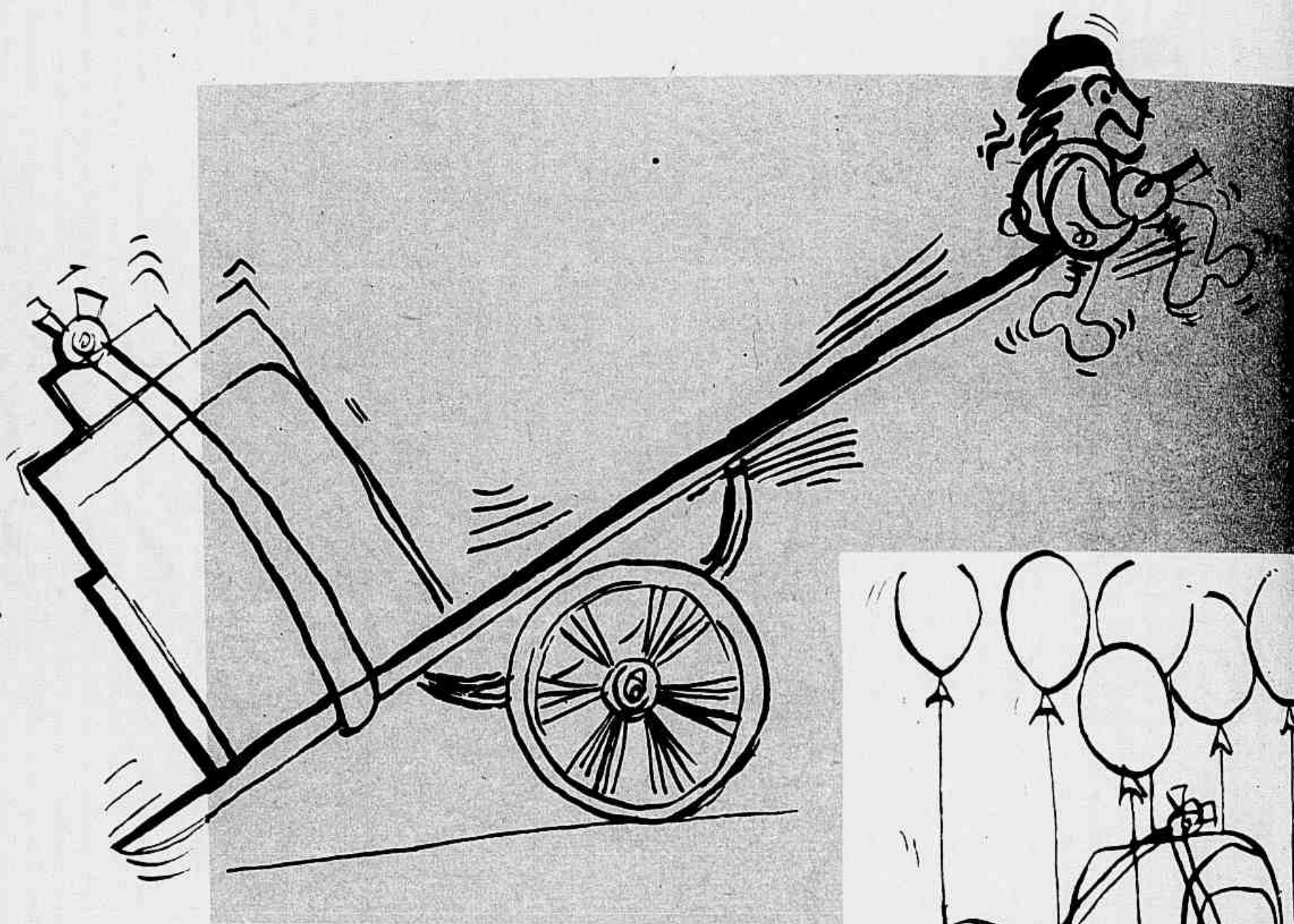
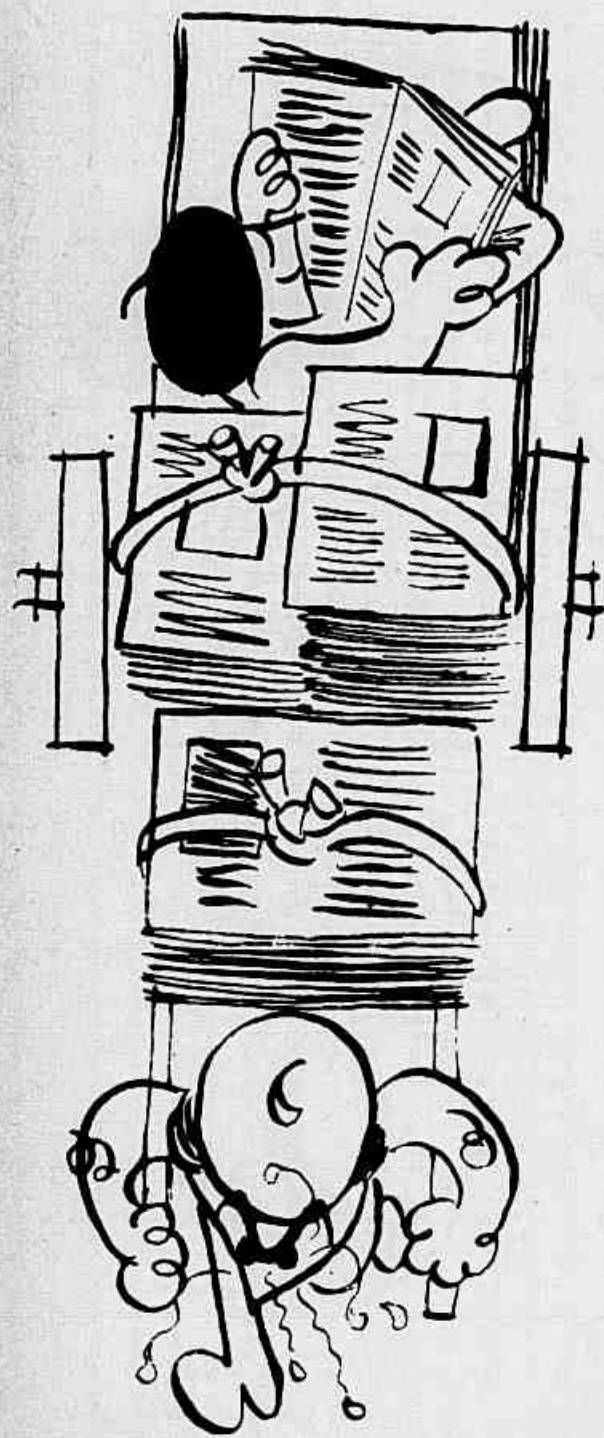
Residência

Cidade Estado

A "CAIXA POSTAL" REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.



MAURO
IVAN



JK

C
ção
par
um
qu
ap
con

se
sô
fa
po
fo
es
co
v
E

P
o
t
c
a

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



JK — Comunica-se com os Ministros pelo telefone.

JK FALOU EM VÃO GOVÊRO DERROTADO, FUNCIONÁRIOS REBELADOS MINISTROS JÁ NÃO DESPACHAM MAIS

COM A DERROTA ELEITORAL DO GOVÊRO, a administração entrou em crise. Os funcionários públicos, que concorreram para a derrota, acham que não tem a que obedecer ordens de um Govêro repudiado pelo voto. Quem quiser que percorra qualquer repartição e veja. O clima é de desinteresse. Os menos apáticos procuram empregar melhor suas horas a fim de fugir ao confisco diário do ordenado em exaustão, pelo custo de vida.

DOURANDO A DERROTA, JK FALOU EM VÃO. No dia do servidor público, falou sobre os funcionários, sobre política e sobre estabilização financeira. Os funcionários querem é ouvir falar de aumento (que o Govêro diz que não pode dar). Sobre política, lembra-se que falou de corda em casa do próprio enforcado, pois é o grande derrotado de 3 de outubro. Sobre a estabilidade financeira, pergunta-se, na Associação Comercial, se com aumento de impostos (13 bilhões), inevitável aumento de vencimentos e salários, queda na receita de dólares e alta vertiginosa dos preços, há estabilização que resista.

QUEM PARECE RESISTIR POUCO É O GOVÊRO. Resistir pouco tempo. Pois se os funcionários já não querem trabalhar, os Ministros de JK não despacham mais com o Presidente. Não tem o direito de aborrecer com problemas a serenidade do Presidente. Ao Catete não vão mais. Só às Laranjeiras, ouvir e contar anedotas.

APENAS O GENERAL LOTT DESPACHA COM JK. Porque é o único que não tem medo de constranger o Presidente e tomar conhecimento dos papéis de seus despachos. Os demais mandam Chefes de Gabinete levar pastas ao Palácio, que voltam assinadas depois de conferidos os documentos pelos lugares tenentes de JK.

JK ACABOU COM OS DESPACHOS. Com o seu temperamento irrequieto, JK suprimiu os dias de despachos dos Ministros. Estes se encontram tão agarrados aos cargos que nem sequer vão mais à Casa do Govêro, ao que parece com receio de que JK se lembre deles. E lhes peça a vaga para alguma composição eleitoral.

NEREU SAIU PORQUE NÃO DESPACHAVA. Ao deixar a pasta da Justiça, Nereu Ramos alegou que não podia ser Ministro de um Presidente com quem não despachava há três meses. Os atuais Ministros ficam porque não despacham há vários meses.

JK: REINCARNAÇÃO DE PEDRO I — Tudo porque JK (e não o sr. Ademar de Barros) é a reencarnação de Pedro I. Faz inspeções municipais em trapiches, ao estilo que Maria Graham achou tão delicioso em nosso primeiro Imperador. E mantém, como aquele, um Gabinete da Quinta da Boa Vista. Não precisa tomar conhecimento do Govêro e das pastas porque governa através de áulicos que dão ordens e contra-ordens aos Ministros ostensivos...



Teixeira Lott.



Jessé Freire.



Lourival Batista.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

CIRCO DE PEQUIM

Um assistente dos espetáculos acrobáticos do Circo de Pequim, no Maracanãzinho, vendo a contorsionista Peng Hsiao-Yun, no número máximo: É o Governo JK borboleteando numa flor, solto no ar, preso à terra apenas por um queixo...

PEDREIRO WALDEMAR

600 mil trabalhadores de São Paulo diz Fernando Ferrari (deputado mais votado do Brasil) que estão pedindo aumento de salários não podem ter resposta com aumento de impostos. Entre esses ingênuos trabalhadores estão muitos pedreiros Waldemar, que fazem tanta casa e não tem onde morar.

PENSANDO NO PEDREIRO

Foi, por certo, pensando na sorte do pedreiro, que o senador Gaspar Veloso apresentou seu substitutivo, vitorioso no Senado, à Lei do Inquilinato aumentando desde 300% os aluguéis de moradias.

Pessoal da mudança da capital para Brasília está satisfeito. Muitos Barnabés, desesperados, aceitarão qualquer lote em Brasília, até mesmo perto do cemitério (inteiramente funcional).

ISRAEL DEIXA O SEU POVO

Depois de ter conduzido o seu povo através do deserto, Israel (Pinheiro) vai deixar a Novacap. É o que se diz no Palácio do Conde de Nova Friburgo, sede da Velhacap.

Brasília (Pasárgada e donzela Hermengarda do seminarista JK) que já tem até interventor, passará a ter novo mestre de obras (o construtor é o próprio nosso quase ex-presbítero).

UDN ABANDONA PASÁRGADA

Achando que o momento é muito duro para construir uma Pasárgada em tempo recorde, com mais dois Palácios onde JK não será encontrado e aonde seus ministros não irão a despacho, UDN se dispõe a abandonar participação na Novacap. Muito facilitada a decisão por atitude de Epílogo Campos (estrondosa vitória nas eleições para deputado federal no Pará) que renunciou ao posto que exercia na autarquia construtora. Iris Meimberg parece que gostaria de ficar. Mas Oton Mader apresentou projeto no Senado transferindo a hora de Pasárgada para 1970.

Nessa altura, JK terá 67 anos de idade e — quem sabe? — bem podia arriscar uma fêzinha na disputa pela glória de ouvir alvorada no Alvorada...

RUMO A MOSCOU

E Oswaldo Aranha, que já serviu com tanta dedicação a Washington, segue, agora, para Moscou, bem na véspera das eleições norte-americanas, para saber o que os russos querem com o Brasil...

CÓCO VELHO

Diz-se que Aranha está velho. Mas se contradiz que côco velho é que dá azeite. E é com o côco do velho Aranha que pretendem lubrificar um pouco as molas da Operação Pan-Americana.

CACAU ANTES DO CÔCO

De qualquer forma, já começaram as trocas comerciais diretas entre o Brasil e a Rússia (Opa, Opa, Opa!). Cacau por petróleo. As operações continuam na faixa da Bahia. Cacau antes do côco.

SERGIPE VOTOU DE GRAÇA

Lourival Batista (líder municipalista nacional, médico humanitário, ambulatório para a pobreza, ex-prefeito de São Cristóvão), teve a maior votação na legenda para deputado federal na UDN de Sergipe por diversos motivos. Obteve mais de 13.000 votos em 100.000, com o seguinte lema: "Quem quiser votar de graça, vote com Lourival". Era uma resposta aos que compravam votos até nas feiras. Sergipe resolveu votar de graça.

"REZEM, REZEM"

Aos que não podiam votar em seu nome, por qualquer razão, por que não tinham título, porque tinham compromisso com outro, Lourival pedia: "Rezem, rezem pela minha vitória". Muita gente rezou. E Lourival ganhou.

IRINEU VEM AÍ

Irineu Bornhausen, ex-governador de Santa Catarina, vem por aí para o Senado, depois de derrotar a oligarquia dos Ramos, que não sobreviveu à morte de Nereu. Saudades catarinenses do governo de Bornhausen e do bom Jorge Lacerda.

EXÉQUIAS

Amaral Peixoto fez questão de partir para Washington com um "show" pessoal no aeroporto. Ministros, grande número de derrotados. Tudo de primeira classe. Negrão compareceu às exéquias, em nome de JK.

PSD MINUS PTB

Enquanto JK perambula de um palácio presidencial para outro, na sua ânsia incontida de governar, João Goulart vem rapidamente ao Rio e volta aos seus panos, na querência de São Borja. Conversaram os dois e a conversa não foi boa. O PTB está sendo convidado a deixar a maioria (que maioria?, perguntaria o sr. Loureiro Júnior) incumbida de fazer no Congresso o que os funcionários não estão querendo fazer nas repartições e o que os ministros já não querem fazer no Catete.

JURACY QUER PETROQUÍMICA

Juracy Magalhães foi ao Catete conferenciar com JK. Quer indústria petroquímica para a Bahia, com participação do governo estadual. Rômulo de Almeida (ex-secretário de Finanças de Balbino), eleito vice-governador, ajuda Juracy na formulação dos planos econômicos que o presidente da UDN nacional tem para os baianos. Juracy promete um governo de desenvolvimento econômico e social na Bahia.

INTEGRAÇÃO DAS COMUNIDADES

Fui convidado para debater num seminário municipalista interamericano a inte-

gração das comunidades indígenas na civilização. Agradei e recusei. Nossos índios bem podem ser poupados aos impostos e aos antibióticos e ficar como estão. O que é urgente é a integração das comunidades ditas civilizadas na civilização. No Brasil, haverá uns trinta e cinco milhões de seres humanos assim.

VITÓRIA SEM DONOS

"Minha vitória não tem donos", disse Carvalho Pinto, ao receber o diploma de Governador de São Paulo, conquistado à força de fazer boas e honestas contas. "Na verdade nem a mim mesmo pertence. Ela avulta neste momento histórico da democracia brasileira como afirmação da maturidade cívica do povo paulista, sancionando os princípios da probidade administrativa."

O nome de Carvalho Pinto está crescendo e já há quem vislumbre na sua figura o candidato ideal para as forças do centro, em 1960, ao lugar de JK.

GANHOU, APESAR DO DESASTRE

Jessé Freire já alcançou cerca de 20 mil votos nas eleições para deputado federal pelo Rio Grande do Norte pelo PSD. Teve

a maior votação na capital e recebeu votos nos 65 Municípios do Estado. Conseguiu toda essa votação apesar de haver sofrido um acidente de auto que o imobilizou, em plena campanha, de 14 a 29 de setembro. A votação seria maior, não fôsse o desastre. É um dos nomes que emergem entre os pessedistas para concorrer com Aluísio Alves ao Governo estadual.

GUAPORÉ FOI COM ALUÍSIO

A eleição no Guaporé foi a reafirmação do prestígio de Aluísio Ferreira, primeiro governador do Território: 3.800 votos em 5.000, votação maior que a de cinco outros candidatos somada, e sem apoio do Governo Federal. Agora, será nomeado o tenente-coronel Paulo Nunes Leal (que também já governou o Território) para administrá-lo outra vez. Aluísio diz que, após a eleição, Paulo Nunes foi "aclamado" governador pelo povo do Guaporé.

SINAL DE PARTIDA

Enquanto isso acontece, São Paulo dá o sinal de partida para as manifestações populares contra o crescimento incessante dos preços de tudo. Quebra-quebra, incêndios, mortos, correrias. Sinal de tempos.



SEGREDO DE CONFESSIONÁRIO

DR. RUBENS C. MAYALL, notável médico brasileiro, diretor da Clínica Mayall, falando sobre o Dr. Galeazi-Lisi, médico que revelou a agonia do Papa em artigos pagos na imprensa:

"O segredo do consultório deve ser comparado ao segredo do confessional. Só o Papa poderia ter autorizado, por escrito, o seu médico, a revelar o que revelou."

PARANÁ: OLHANDO PARA CIMA

O SR. ABILON DE SOUZA NEVES é o nome do dia no Paraná. Deu a legenda do PTB ao sr. Jânio Quadros e o governador de São Paulo é o mais votado ali. Concorreu ao Senado e ganhou. Agora, prepara-se para conquistar o Governo. Jânio olha para o alto e Souza Neves (discretamente), na mesma direção.

A SEMANA TAMBÉM DEIXOU



EUCLIDES CARREGOU SUA CRUZ — Euclides Kreginski partiu há dois meses de Sta. Catarina. Alguma coisa estranhou no Rio, onde passou a morar: o ritmo de vida, o clima ou a alimentação diferentes. O fato é que começou a sentir-se mal, doente, padecendo dia e noite de dores cruéis. Tratou-se, sem resultado. Fêz então, quase em desespero, uma promessa para ficar bom. Melhorou e em breve estava completamente curado. Preparou-se em seguida para cumprir o que religiosamente prometera: transportar uma cruz de madeira, de 80 quilos de sua casa no Caju até a cidade de Iguape, em São Paulo. Ele mesmo construiu-a e vendo-a pronta, iniciou a "via-sacra" — exatamente às cinco horas do dia 27. Os trabalhadores que acordavam e se dirigiam para as fábricas, lojas e escritórios paravam na rua, atraídos por aquela assombrosa visão: Euclides, bata muito alva, os pés descalços, carregando sua enorme cruz. Todos em volta olhavam-no com surpresa e admiração. Faziam-lhe pergun-

tas. Procuravam conhecer a razão da estranha peregrinação. Euclides, inabalável, continuava a penosa marcha. O suor colava-lhe a bata ao corpo, os ombros se vergavam ante o grande peso. Já caía a forte chuva de segunda-feira quando, interrompendo a jornada, Euclides penetrou na Igreja de Santo Afonso, à rua Barão de Mesquita. Uma verdadeira multidão o acompanhou. O padre Ferreira, vigário da Igreja, recebeu Euclides. Dêle ouviu sua história. E o abençoou, deu-lhe conforto e o desinsumbiu da missão: "Sou missionário e tenho o poder de considerar cumprida a tua promessa. Vai em paz". Euclides ainda relutou. Depois de rezar, ensaiou mesmo sair do templo com a Cruz às costas novamente. Os populares, já cientes do motivo da absurda travessia, pediam e insistiam para que desistisse. Terminou cedendo. Depositou a Cruz que carregara por doze horas no pátio da Igreja. E voltou para sua casa no Caju, para descansar, e, no dia seguinte, prosseguir em sua labuta diária: fundir sinos.

QUESTAS LEMBRANÇAS

QUEBRA-QUEBRA EM SÃO PAULO — Na noite de 29 de outubro, numa resolução súbita, a Prefeitura Municipal de São Paulo, aumentou o preço de todos os transportes coletivos da Cidade. Os bondes tiveram suas passagens aumentadas de 2,00 para 3,00; os ônibus de 3,50 para 5,00 e os micro-ônibus de 10,00 para 12,00. A Prefeitura justificava o aumento das tarifas de sua empresa de transportes — a CMTC — pela precária situação em que esta se encontra, como atestam os 350 milhões desviados este ano das obras de pavimentação para manter as despesas crescentes dos coletivos.

O povo, todavia, na manhã do dia seguinte, surpreendido pelo aumento taxativo sem qualquer aviso prévio, reagiu imediatamente. As primeiras horas já se verificavam os primeiros incidentes entre passageiros e trocadores. Apesar do policiamento redobrado que se espalhava pela cidade, solicitado pela CMTC (que parecia antever as represálias populares), por volta do meio-dia as agitações já tomavam conta de vários pontos da capital paulista: no Ipiranga os trilhos de bondes foram bloqueados, paralisando todo trânsito local; em Vila Mariana foram iniciados os primeiros apedrejamentos aos carros da CMTC, e os primeiros choques entre a polícia e os estudantes e populares. Os policiais nesta ocasião não usaram outra arma fora o cassetete. Na Praça Clóvis Bevilacqua, na Praça João Mendes, no Vale do Anhangabaú, os mesmos acontecimentos repetiram-se. Mas aí seus resultados foram de maior gravidade. Na Praça Clóvis Bevilacqua

dois homens jaziam no solo após as lutas: um morto a tiros, outro a golpes de sabre. As ocorrências já se revestiam de uma violência sem limites. Os soldados da Força Pública, que a princípio atiravam para o ar, procurando arrefecer a exaltação do povo que carregava sobre os coletivos para incendiá-los e destruí-los, já então principiava a adotar medidas repressivas mais desencorajadoras. Na Praça da Sé morria um policial, vítima do furor do povo, agredido momentos antes por piquetes de cavalários. A noite, as lutas diminuía e terminavam por cessar deixando atrás de si um sangrento balanço de 5 mortos e dezenas de feridos, cerca de 30 em estado grave. 700 soldados da Força Pública policiavam a cidade. O Governador Jânio Quadros, à tarde, determinou enérgicamente que fossem repelidas quaisquer tentativas de destruir os coletivos: "Os transportes coletivos são de interesse do povo e não admitem protesto contra elevações tarifárias que impliquem em prejuízo do próprio povo". Pelas 17 hs. os ônibus e bondes foram recolhidos quase em sua totalidade, deixando o povo praticamente sem meios de voltar do trabalho para casa. Novos protestos surgiram e a situação prosseguia tensa.

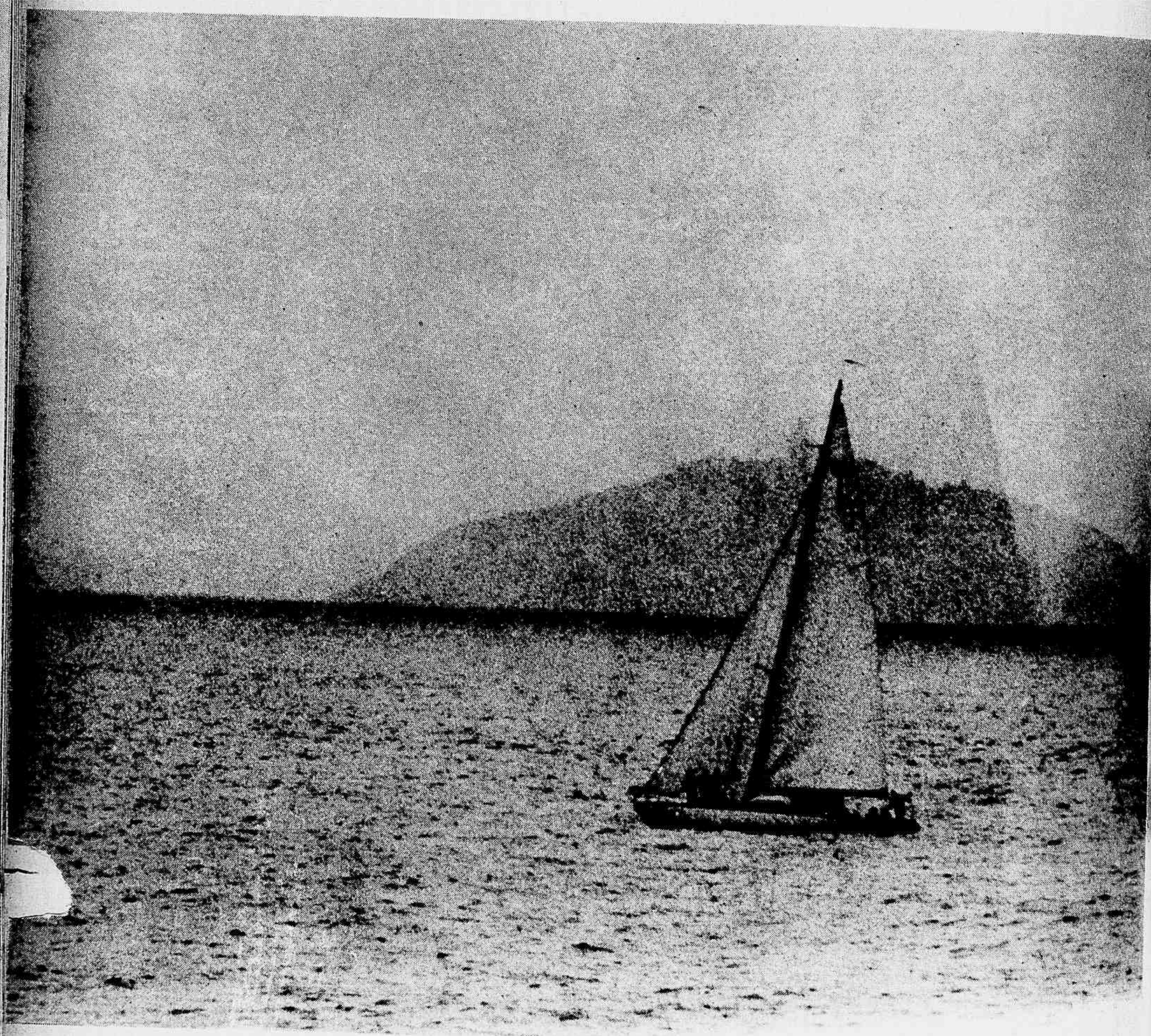
Durante todo o dia foi empreendida autêntica caça do Prefeito Ademar de Barros, apontado como principal responsável pelas ocorrências. O Prefeito sumira como por encanto. Chegaram notícias informando da sua precipitada vinda ao Rio de Janeiro.



A SEMANA TAMBÉM DEIXOU

SUMIÇO DE QUEPES ATRAPALHA A REGATA — Nove barcos do Rio e nove de São Paulo iniciaram às 11 da manhã de quinta-feira, em Santos, o desenrolar da 8.ª disputa da Regata Santos-Rio. Esta competição, a mais importante do iatismo nacional, é uma espécie de teste que nossos velejadores realizam com vistas à novembrina "Rio-Buenos Aires". Na disputa deste ano registrou-se um inesperado acontecimento extra-esportivo, que por pouco a cancelava. O fato se deu na véspera, no coquetel que o Iate Clube Guarujá ofereceu aos participantes da regata. No meio da festa, os oficiais do destróier "Bracuí", que prestigiavam com sua presença as homenagens aos iatistas, notaram o desapareci-

mento de seus respectivos quepes. Depois de algumas reclamações foi procedida, a mando do capitão-dos-portos Goyano, de Santos, rigorosa busca em todos os barcos que iriam concorrer à prova. Os iatistas submeteram-se à vistoria sob protesto, originando-se então uma série de desentendimentos que quase terminaram com a suspensão da regata. No dia seguinte, os ânimos serenados, o "larga" foi dado, muito embora os quepes não reaparecessem. Em tempo: o "fita-azul" da VIII Santos-Rio foi o barco "Singoala" do sr. Ragner Janer, que cobriu o percurso em 31 horas, chegando ao Rio à noitinha de sexta-feira.



QUESTAS LEMBRANÇAS (Continuação)



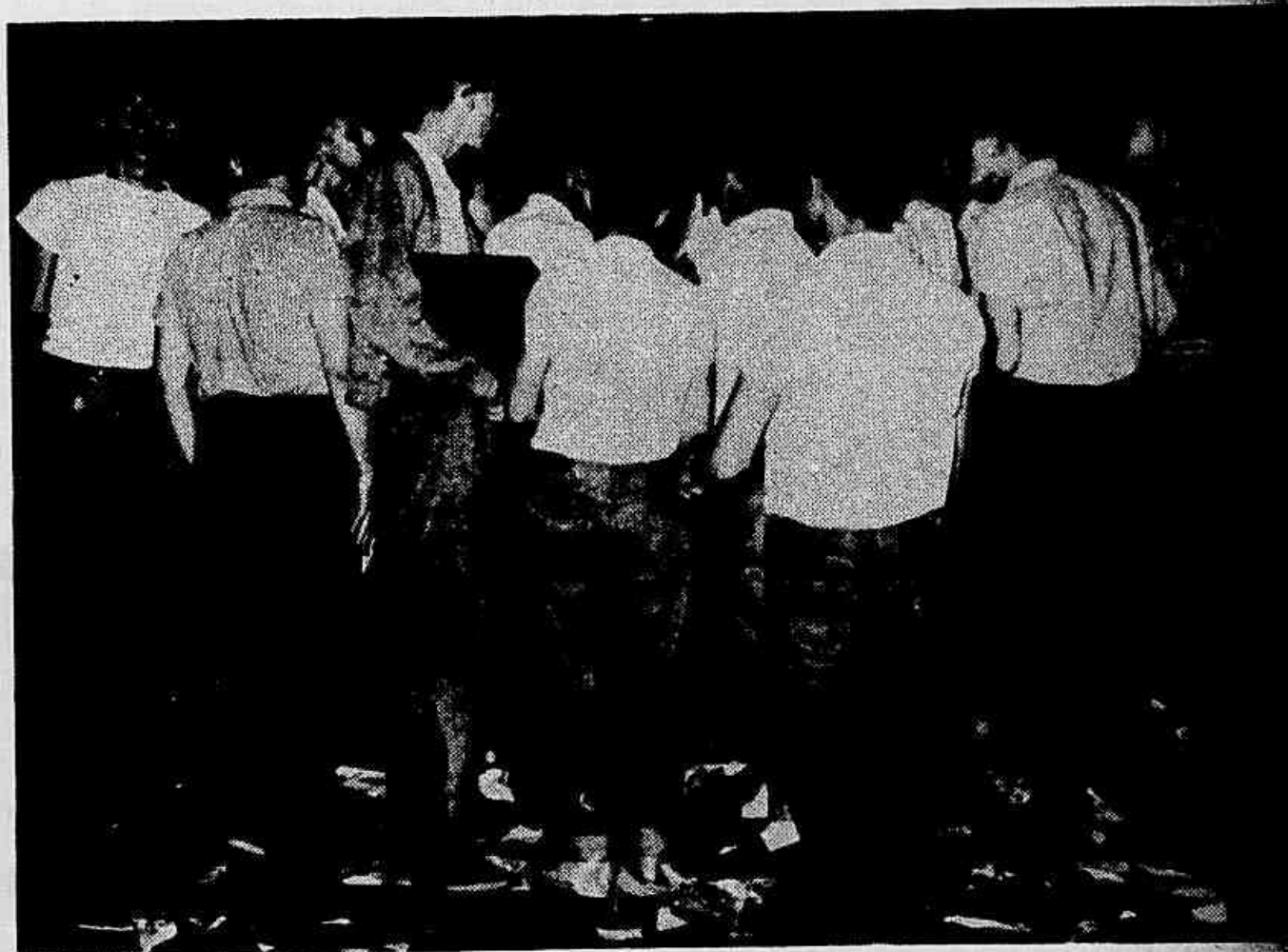
BRECHT NO MUNICIPAL — A Cia. Sandro Polloni-Maria Della Costa apresentou, no Teatro Municipal, a peça de Bertolt Brecht — “A Alma Boa de Se-Tsuan”, numa temporada relâmpago de uma semana. Podemos dizer que o grande teatrólogo alemão foi feliz na sua primeira peça encenada no Brasil, e há longo tempo esperada. Apesar de uma certa lentidão da direção de Bollini, e das limitações de Maria Della Costa (no duplo e



difícilimo papel de Chen-Te e Chui-Ta) o carioca teve oportunidade de ver um belo espetáculo. As pequenas restrições que podiam ser feitas se amesquinham diante da grandeza do texto de Brecht, primorosamente traduzido por Antônio Bulhões — aquela fascinante história da chinesinha, às voltas com o mandado impossível dos deuses de fazer o bem. Na foto — Eugênio Kusnet, Joaquim Guimarães e Benjamim Cattán (os três deuses).

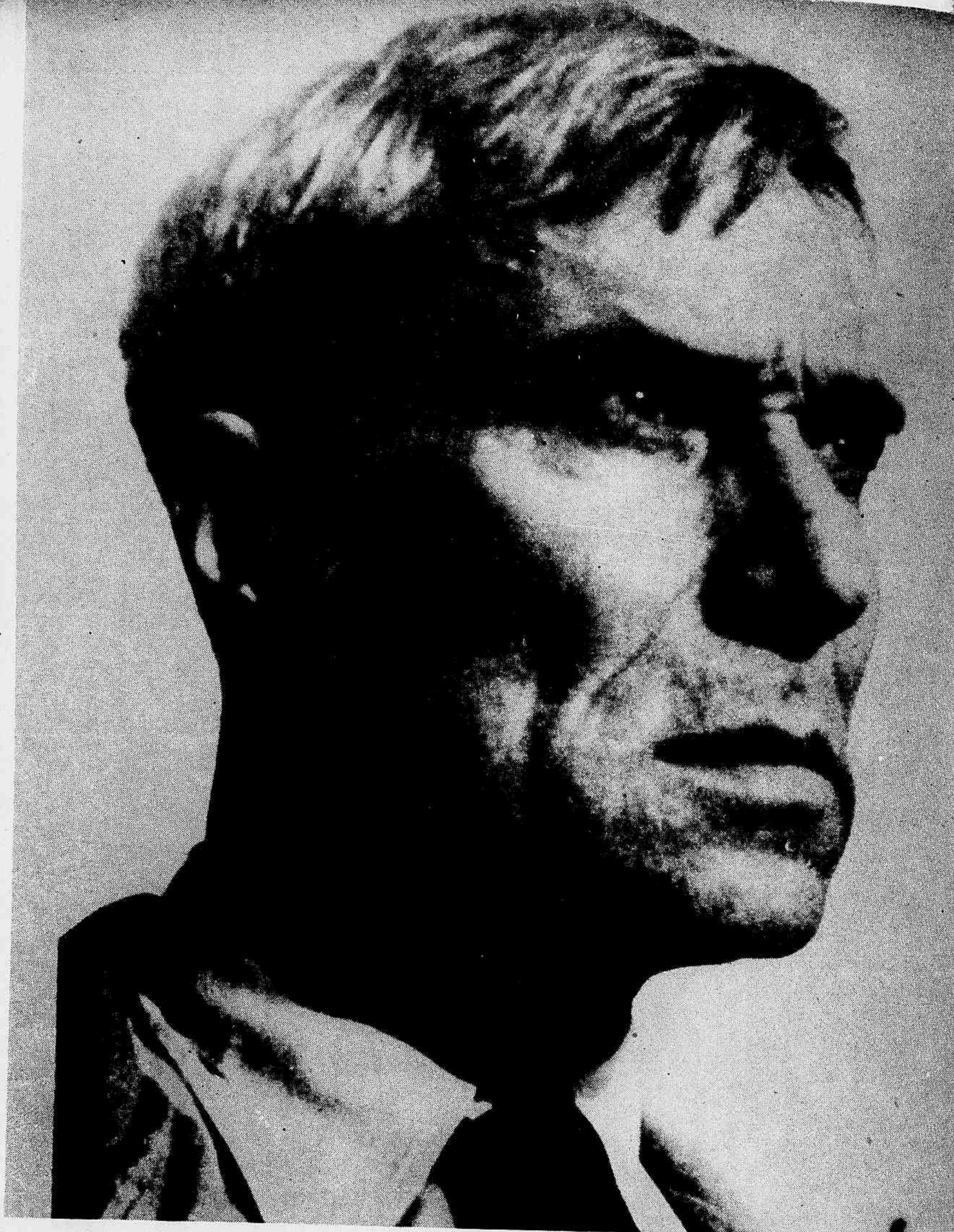


TUMULTO NA UNE — A semana passou, decididamente, sob o signo do quebra-quebra estudantil. Em São Paulo, devido ao imprevisto aumento das passagens dos bondes; e, no Rio, por ocasião do Congresso Metropolitano dos Estudantes Secundários, e que teve lugar no palco do salão nobre da UNE. Este último foi motivado por ter a atual diretoria da UNE, sentindo que perderia as eleições, abandonado o congresso (com as credenciais da oposição, para retardar a votação e afastar a maioria dos estabeleci-



mentos oposicionistas (em geral femininos). Mas as estudantes não foram na onda e resolveram permanecer na sede e mesmo dormir — o que provocou a ameaça de agressão, e respectiva defesa com paus e cadeiradas. As ginásianas permaneceram, no oratório, durante 32 horas sem dormir. Por volta das 17 horas, o presidente da UNE — Raimundo Eirado — fechou a sede, indo as moças, então, reunir-se no Colégio Jacobina, enquanto os rapazes permaneciam na calçada da praia do Flamengo.

A semana também deixou estas lembranças (Continuação)



SURPRESA EM TODO O MUNDO a notícia de que o Prêmio Nobel deste ano havia sido atribuído ao escritor russo, Boris Pasternak, por seu romance "Doutor Zhivago". A notícia revolucionou a própria União Soviética, que ficou, de repente, embaraçada com a honra conferida (pela primeira vez) a um de seus escritores, com um seríssimo problema a resolver, pois o livro aborda aspectos do comunismo, fazendo críticas ao regime e foi proibido no país. A Rádio de Moscou sugeriu, mesmo, a possibilidade de que o escritor seja levado à justiça, por haver ganhado o prêmio, e a imprensa ocidental, de que Pasternak, como consequência da honra que lhe foi conferida, seja proibido de escrever de hoje em diante, a não ser que abandone os seus pontos de vista expressos na obra com tanta franqueza.

O mais curioso de tudo isso é que a Rússia aceitou, com prazer, comunicado por telegrama, à Academia Sueca, sua aceitação formal, embora não soubesse se poderia ir recebê-lo. Sua men-

sagem, redigida em inglês, foi a seguinte: "Imensamente reconhecido, comovido, ufano, assombrado, confundido".

Posteriormente, foi Pasternak expulso do Sindicato de Escritores e do de Tradutores, mas, para surpresa geral, enviou novo telegrama à Academia Sueca, renunciando à láurea, "por livre vontade".

O mais curioso de tudo isso é que a Rússia aceitou, com prazer, a outra honra que lhe foi feita com a outorga quase simultânea, do Nobel de Física, a três cientistas soviéticos, pelo descobrimento e interpretação do "Efeito Cherenkov".

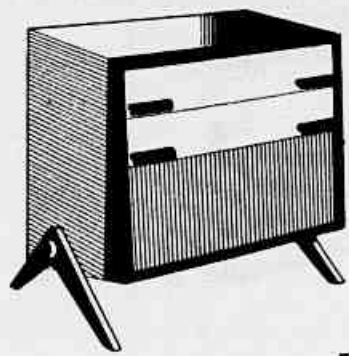
Quanto ao livro de Boris Pasternak, alcançou, de repente, uma espetacular projeção. Conhecido já na Itália, foi imediatamente traduzido para várias línguas, inclusive para o Brasil, devendo aparecer dentro de alguns dias, lançado por uma editora de Belo Horizonte. Em Buenos Aires, aparecido em fins da última semana, o "Dr. Zhivago" teve esgotada toda a sua edição em horas apenas.

cinco RAZÕES convincentes...



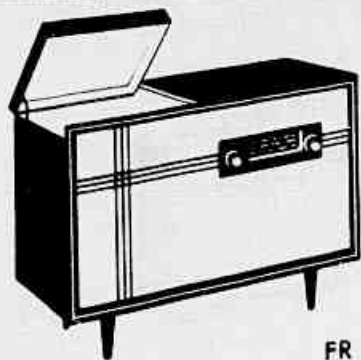
São cinco, entre inúmeras outras, as razões da superioridade PHILIPS. Comprove-as, uma por uma, ouvindo e vendo os novos modelos

PHILIPS NOVOSONIC 59!



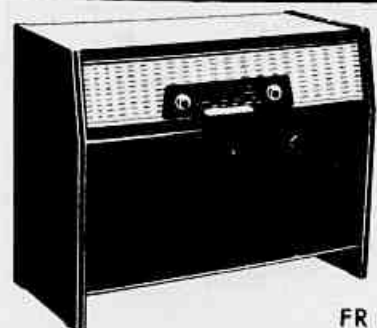
FR 574-A

Estilo funcional, ideal para ambientes modernos. Automático de 3 velocidades. Fonocaptor "pêso pluma" c/ 2 agulhas de safira. 3 faixas. 5 válvulas c/ função de 7.



FR 577-A

Sistema Bi-Ampli, classe popular. Bonito móvel ricamente ornamentado, de imbuia ou pau marfim. Filtro separador de agudos e graves. Automático de 3 velocidades c/ fonocaptor "pêso-pluma". Rádio de 3 faixas.



FR 676-A

Sistema Bi-Ampli, Série diamante. Automático de 3 velocidades. 2 fonocaptadores "pêso-pluma" c/ agulha de diamante. Filtro separador de graves e agudos. Hi-Lo-Tone Contrôl. Rádio c/ 4 faixas. Chave de ondas em forma de teclado. Bonito móvel em imbuia ou marfim, de alto valor artístico.



FR 578-A

Radiofone de classe popular, em móvel de linhas modernas, de imbuia ou marfim, ideal para apartamento. Automático de 8 velocidades. Fonocaptor "pêso-pluma", equipado com duas agulhas de safira. Rádio de 3 faixas.

1a.) Os radiofones Philips são construídos por especialistas, com perfeição absoluta, para assegurar **excepcional qualidade de reprodução sonora**, a melhor em cada classe de preços.

2a.) A experiência dos cientistas da Philips em todo o mundo é combinada, para aplicar as mais **avançadas técnicas** aos radiofones.

3a.) A **durabilidade** dos aparelhos Philips é garantida em famosos laboratórios, onde os produtos são submetidos a permanentes "testes de longa vida".

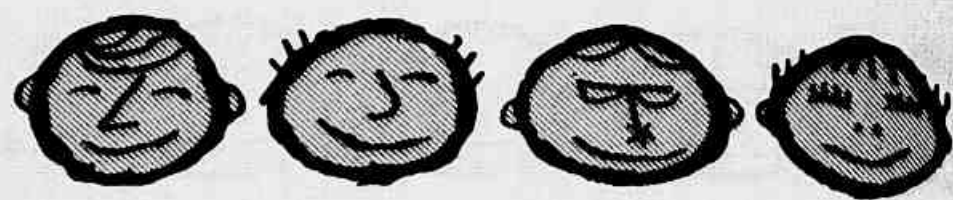
4a.) Philips oferece uma "**rádio-arquitetura**" moderna, e estilos renovados em diferentes combinações de cores.

5a.) A incomparável organização de **Serviço Philips**, de experiência mundial, assegura o prazer que o seu radiofone lhe dará permanentemente, onde quer que V. S.^a esteja.

VERIFIQUE EM SEU REVENDEDOR PHILIPS, **ESTAS CINCO RAZÕES CONVINCENTES**. ESCUTARÁ, VERÁ E FICARÁ CONVENCIDO QUE PHILIPS É A MELHOR COMPRA.

novosonic 59

TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDACÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO